SAÚDE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL TRANSFORMA AS DEMÊNCIAS EM UM DOS MAIORES DESAFIOS DA MEDICINA

Editora ABRIL
edição 2909 - ano 57 - nº 36
6 de setembro de 2024

veja

www.veja.com

A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA

Medidas para enquadrar o bilionário Elon Musk nas leis brasileiras geram uma intensa reação do bolsonarismo, turbinam as manifestações do 7 de Setembro e deixam o clima entre o STF e a direita radical ainda mais conflituoso

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 909 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 36. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

DIVULGAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI Fernanda Montenegro: aos 94 anos, na pele de Eunice Paiva, que sofreu de Alzheimer desde os 72

A FORÇA DA IDADE

A HUMANIDADE vive cada vez mais. No Brasil, a expectativa de vida ao nascer é de 75,5 anos, a partir de dados colhidos pelo Censo do IBGE de 2022. No início dos anos 2000, não chegava a 70. Na década de 1950, era de 47 anos. Nos países mais ricos, membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE),

vive-se em média 80,5 anos, dez a mais do que na década de 1970. É movimento extraordinário, resultado dos avanços da medicina, da expansão da cobertura vacinal e da ampliação dos serviços de saneamento básico. Há evidente preocupação econômica com os gastos previdenciários, que impõem reformas de modo a não quebrar o caixa dos governos, mas celebra-se a capacidade do envelhecimento saudável e, ao menos mentalmente, produtivo.

Contudo, dado o aumento do número de idosos, o desenvolvimento de algum tipo de demência virou problema de saúde pública — não por acaso, acaba de ser sancionada no Brasil uma política inédita de cuidados com a alienação atrelada à idade. Trata-se de iluminar, dentro das famílias, as esperanças de boa convivência com os medos, as dores, os constrangimentos — e, sim, os instantes de bonitas surpresas — no contato com as pessoas queridas que vivem com algum colapso mental. O Alzheimer é a mais conhecida das doenças desse gênero. Em torno delas, na última década, houve notável empenho para diagnosticar as condições de maneira prematura, associado ao desenvolvimento de medicamentos eficazes — mesmo que não tenha despontado, ainda, a sonhada bala de prata, como mostra a reportagem a partir da pág. 58.

É hora, de olho nos próximos passos da civilização, de celebrar uma nova etapa de cuidados e compreensão. Nesse caminho, louve-se uma bela imagem que, desde a semana passada, começa a circular pelo mundo. A de Fer-

nanda Montenegro — aos 94 anos de vida bem vivida, ressalve-se — na pele de Eunice Paiva no filme *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, aplaudidíssimo no Festival de Veneza. A produção, inspirada no livro de Marcelo Rubens Paiva, conta a história de uma família atingida pelo horror da ditadura militar no Brasil e depois mergulhada no Alzheimer desenvolvido pela mãe do autor. De Marcelo, na seção Primeira Pessoa, de VEJA, publicada na semana passada: "Como escritor, tenho o hábito de revisitar o passado. Por toda a história de meu pai, Rubens, sequestrado e assassinado, vejo a memória como um bem precioso. Minha mãe, Eunice (1932-2018), era sua zelosa guardiã. Imagine o baque que foi saber, duas décadas atrás, que ela sofria de Alzheimer, aos 72 anos". O baque, agora de mãos dadas com a ciência, pode ser menor — embora sempre difícil. ■

CLAUDIO REIS

O ESTADO É TEATRAL

Ministro diz que devastadores do meio ambiente são tratados com leniência, defende punições mais severas e ressalta que o Judiciário precisa permanecer atento ao combate à corrupção

LARYSSA BORGES

HERMAN BENJAMIN assumiu a presidência do Superior Tribunal de Justiça (STJ) recentemente e, desde então, está em modo de alerta. O ministro é referência em questões relativas ao meio ambiente. Na semana passada, a exuberante vista das amplas janelas de seu gabinete em Brasília estava ofuscada pela fumaça das queimadas que têm devastado áreas imensas do Pantanal, do Cerrado e uma parte do interior de São Paulo. “Falta punição”, afirma. Aos 66 anos, Benjamin é conhecido entre os pares como um juiz rígido e detalhista. Essas duas características ficaram evidentes quando ele atuou, em 2017, como relator do rumoroso processo que pedia a cassação da chapa que levou à reeleição de Dilma Rousseff. Na época do julgamento, a presidente já havia sofrido impeachment e o debate se dava em torno do mandato do vice-presidente Michel Temer. O ministro defendeu a punição de ambos, argumentando que toda a chapa, e não apenas Dilma, havia sido eleita com dinheiro oriundo de propina. Apesar das evidências, a tese foi derrotada — página virada, segundo ele, apesar de a corrupção continuar figurando como uma das maiores chagas do país. No biênio que passará no comando de uma Corte que analisa uma miríade de processos, que vão desde briga de condôminos a prisão de governadores, o magistrado quer fazer das causas do racismo, da dignidade dos presos e da proteção aos idosos as principais plataformas de sua administração. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida a VEJA.

Por que a destruição dos nossos biomas continua acontecendo ano após ano, governo após governo? A degradação ambiental no Brasil é um processo histórico. Por que o desmatamento continua desenfreado e não avançamos o necessário? A resposta é simples. Com anistias recorrentes que o poder público concede a quem devasta, especialmente em relação às multas, a expectativa que se tem é que destruir vale a pena porque mais para frente virá uma borracha para apagar. Além disso, com raras exceções, ninguém no país chama de criminoso e trata como criminoso quem desmata ilegalmente 50 000 hectares de floresta. O fato é que estamos diante de um Estado teatral. Existem as leis, mas elas não produzem efetividade.

O problema então está no sistema judiciário? O discurso ambiental atrai multidões e pode ser feito sem apresentar resultados concretos, o que desmoraliza a legislação. Esse é

“Com raras exceções, ninguém no país chama de criminoso e trata como criminoso quem desmata ilegalmente a floresta. Existem as leis, mas elas não produzem efetividade”

o Estado teatral. É o mesmo Estado teatral que não é teatral para a criminalidade praticada pelos pobres, negros ou excluídos. Respondendo à pergunta, o Poder Judiciário pode ser um instrumento de efetividade da lei ou um instrumento de leniência para o descumprimento da lei. Hoje somos muito lentos nas questões ambientais. A condenação de um grande desmatador dez anos depois não vai ter o efeito que poderia ter se ocorresse em um período de tempo razoável. Temos que dar aos casos ambientais a prioridade que damos a outras categorias, como a violência doméstica.

O que é necessário para romper essa barreira do simples discurso? Uma demonstração política de comprometimento seria retirar o crédito e os benefícios fiscais de quem desmata ilegalmente ou de quem queima. Se o exemplo vier dos grandes, os médios e pequenos vão gradativamente passar a cumprir a lei. Imagine a seguinte situação: se um produtor rural queimou ou devastou ilegalmente, todos os empréstimos a juros subsidiados que ele tiver no Banco do Brasil passariam a ser antecipados sem a possibilidade de financiamento das próximas safras. Resolvido. A verdade é que, se não mudarmos a lei, o meio ambiente vai continuar sendo destruído. É como a corrupção.

Como assim? É impossível imaginar um Estado de direito em que a integridade no cuidar do patrimônio público não seja um dos pilares. É uma ficção imaginarmos que vamos

acabar com a corrupção, mas queremos, como Estado de direito, criar barreiras para, de um lado, proteger o patrimônio público e, de outro, criar incentivos, inclusive pelo exemplo, de que o patrimônio público é de todos. Corrupção que é identificada e não é punida é estímulo a mais corrupção. Temos visto, no entanto, ações de enfraquecimento de mecanismos de punição a corruptos e corruptores no Brasil. A mudança na Lei da Improbidade, por exemplo, permite que se roube à vista e se pague em modestas prestações a perder de vista. É a receita para a vulnerabilidade do Estado e do patrimônio público. Em vez de a lei significar um obstáculo ou um desestímulo ao mau comportamento, é o oposto. Funciona como uma espécie de propaganda, de incentivo: "Faça porque nada de muito grave vai acontecer". É a trilha certeira para o surgimento de novos escândalos.

O senhor vislumbra potenciais escândalos de que natureza? No plano federal, especialmente — e aqui falo com a experiência daquele processo do Tribunal Superior Eleitoral *(cassação da chapa Dilma Rousseff/Michel Temer)* que todos acompanharam. Temos um sistema presidencialista de coalizão em que o chefe do poder, por mais bem-intencionado que seja, não tem o controle total da máquina administrativa. Os cargos da administração superior são divididos entre partidos que nem sempre têm uma visão muito correta sobre a melhor forma de proteger o patrimônio público.

Assim como em relação ao meio ambiente, não há uma certa tolerância também com a corrupção? Muita gente pensa o Estado como se fosse uma entidade metafísica, um habitante de Marte, quando é esse mesmo Estado que vai fornecer educação, saúde, transporte e todos os benefícios sociais. Parece que o Estado é a casa da mãe Joana, que se pode fazer com ele o que se quer, inclusive dilapidá-lo. Quem eventualmente se atreva a defender o Estado é chamado de fiscalista. É como se o Estado fosse o inimigo. O combate à corrupção faz parte de um pacote do bem que reúne questões existenciais. Ele tem que ser permanente — e o Judiciário estar atento.

A democracia brasileira esteve sob ameaça? Estes últimos anos mostraram que nossas instituições, apesar dos extremismos, são fortes e conseguem sobreviver. O Judiciário brasileiro é uma instituição tão sólida que, embora não possa sozinha fazer milagres, em momentos críticos, como ocorreu recentemente, tem condições de assegurar as bases do Estado de direito, de impedir excessos autocráticos, ambições de aspirantes a ditador, degradadores da natureza que se imaginam permanentemente impunes e também todos aqueles que eventualmente pensem que podem fazer com o patrimônio público o que bem entenderem.

Fala-se muito na possibilidade de uma anistia para os envolvidos nos episódios do 8 de Janeiro. Um país como o

Brasil não pode ter uma legislação e uma aplicação da legislação que esteja ao sabor dos ventos. Isso é a receita para as pessoas não cumprirem a lei. Não pode acontecer. Não se pode transigir com a possibilidade de as nossas decisões serem apagadas da noite para o dia. Ficam desmoralizados a lei e os juízes, porque, se isso ocorrer, acabamos virando juízes do nada.

A que o senhor atribui o desgaste da imagem do Judiciário perante uma parcela da população? Quem quer liberdade absoluta para fazer o que quer não pode ser juiz. Quem gosta de estar todo dia no rádio e na televisão não pode ser juiz. Sempre digo isso em eventos: "É vedado ao magistrado manifestar por qualquer meio de comunicação opinião sobre processo pendente de julgamento, seu ou de outrem, ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças de órgãos judiciais". Exi-

"O Judiciário tem condições de impedir ambições de aspirantes a ditador e de todos que pensam que podem fazer com o patrimônio público o que bem entenderem"

gências assim não são apenas para os juízes. Quem quer ser padre e adora uma fofoca não vai poder revelar o que ouviu no confessionário. O médico não pode revelar informações privadas dos seus pacientes. É importante o juiz entender que, com esse imenso poder, nós temos responsabilidades que outras profissões não têm e devemos aceitar essas responsabilidades como parte do contrato que fizemos com o Estado e com a sociedade.

Isso é uma crítica a alguém ou a algum tribunal em particular? A magistratura brasileira é uma das mais preparadas, capazes e independentes do mundo. Não podemos sofrer do complexo de vira-lata, mas temos que fazer um certo dever de casa no sentido de assegurar que a população nos veja não como protagonistas dos debates político-partidários, com opinião sobre tudo, porque isso acaba por enfraquecer o sentimento de imparcialidade, imprescindível à legitimidade de que precisamos. Ser juiz significa, por exemplo, reconhecer que nunca será rico. Quem quer ser rico não deve fazer concurso para juiz. Quem quer liberdade absoluta para fazer o que quer também não pode ser juiz.

O Judiciário brasileiro precisa de um código de ética? Já tem. A Lei Orgânica da Magistratura se aplica a todos os juízes brasileiros. Um de seus artigos determina, por exemplo, ser dever do magistrado “manter conduta

irrepreensível na vida pública e particular". É lei, ressalto, que se aplica a todos os juízes. É importante o juiz entender que, com esse imenso poder, nós temos responsabilidades que outras profissões não têm. Se um juiz descumpre esses limites, o reflexo é na instituição como um todo.

Que marca gostaria de deixar ao final de sua gestão como presidente do STJ? Quero trabalhar e dar atenção maior a alguns temas: proteção dos idosos, que sofrem todo tipo de abusos, é um deles. Outro é a questão carcerária: defendo uma lei penal que proteja a sociedade da criminalidade desenfreada, mas o Poder Judiciário tem a responsabilidade de assegurar que os direitos humanos dos encarcerados sejam minimamente respeitados. Não é possível justificar no Estado de direito o encarceramento de pessoas como se fossem animais. E não importa se os crimes que praticaram são considerados animalescos, porque, no instante em que essas pessoas entram em uma prisão, elas fazem jus a serem tratadas como seres humanos iguaizinhos a todos nós. Quero também fazer cooperação com os Judiciários da Ásia e da África, e, por fim, precisamos falar sobre racismo. Essa é uma questão existencial. A gente imagina que o racismo é algo individual e na verdade não é. Também é preciso dar aos nossos tribunais a cara do povo brasileiro. A sociedade tem que se ver em cada um deles. ■

CÉU TURBULENTO PARA O DITADOR

ATÉ para a **Venezuela,** país instável, a semana foi tumultuada. A primeira turbulência afetou — em solo — o avião presidencial do ditador Nicolás Maduro. A **aeronave foi confiscada pelas autoridades americanas na República Dominicana,** onde passava por reparos. O Dassault Falcon 900EX havia sido comprado pelo governo

MIGUEL GUTIERREZ/AFP

bolivariano nos Estados Unidos por meio de uma empresa de fachada, ao valor de 13 milhões de dólares, e contrabandeado para Caracas. "Que esta apreensão envie uma mensagem clara: Maduro e seus comparsas não podem voar à vontade em um avião adquirido ilegalmente", disse Matthew Axelrod, subsecretário do Departamento de Comércio. Acumulando dissabores, o tiranete viu a descontente população sofrer os efeitos de um apagão que deixou vinte dos 24 estados no escuro. "Uma sabotagem energética golpista", gritou. Para alegrar o povo, sacou a caneta presidencial e, por decreto, antecipou, de modo ridículo, o Natal para 1º de outubro, atalho para benesses financeiras. No pacote de torpedos, o mais grave foi disparado por um tribunal pró-governo, ao emitir mandado de prisão contra Edmundo González, o oposicionista de quem a vitória eleitoral foi subtraída. González vive escondido e não compareceu a três intimações para depor — eis a justificativa mequetrefe para o mandado. Enquanto os governos do Brasil, da Colômbia e do México tentam reabrir um canal de comunicação com Maduro para tratar do impasse, os venezuelanos, sem opções, tristes, sofrem numa nação atropelada pelo autoritarismo. ■

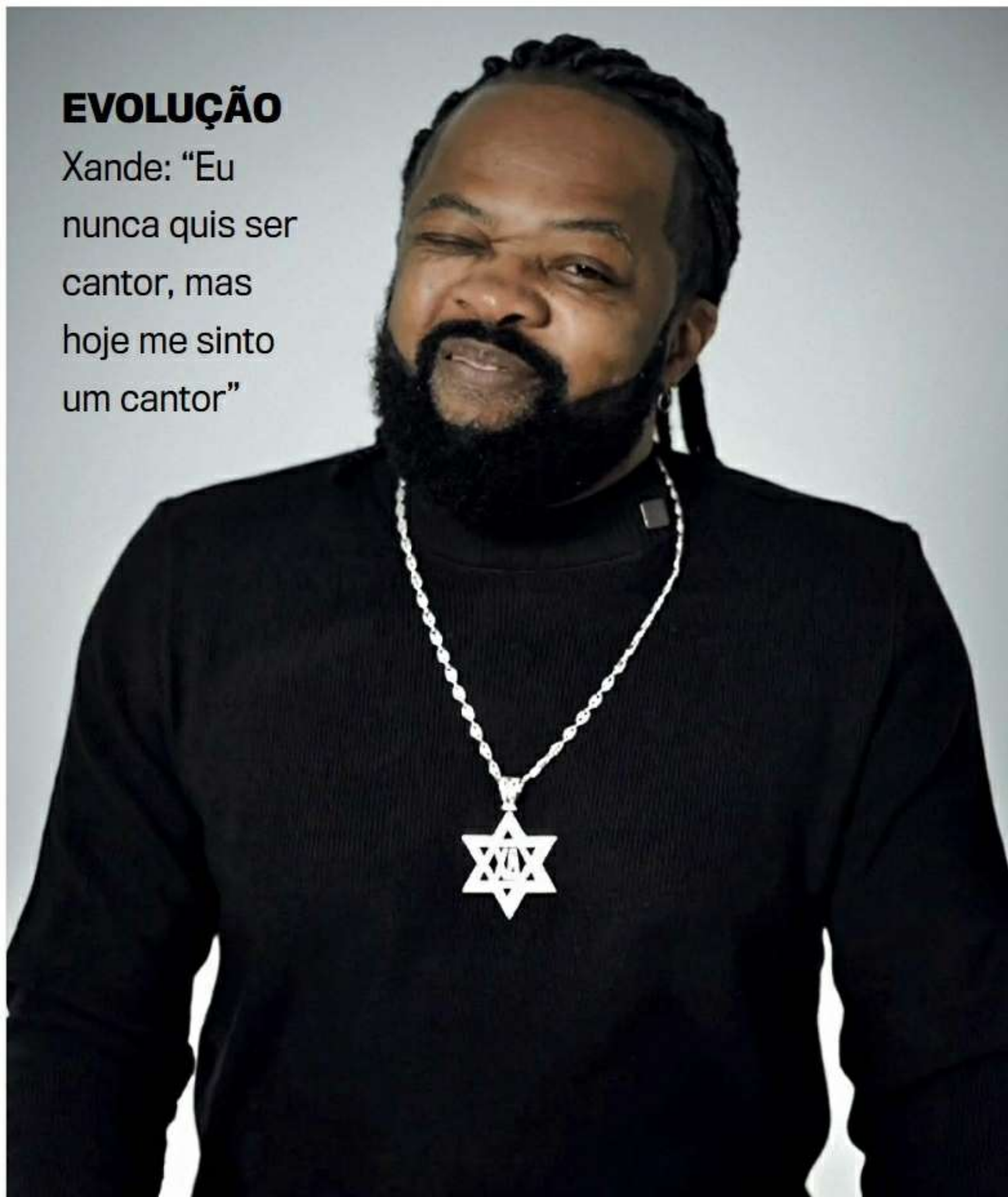
Amanda Péchy

vivo
Gabriel Medina,
medalhista olímpico.
Telefónica

"FAVELA NÃO É SÓ VIOLÊNCIA"

Aos 54 anos, o pagodeiro e ex-cantor do Grupo Revelação comemora sua participação no Rock in Rio e diz que o álbum que gravou com músicas de Caetano Veloso o fez ser reconhecido além do samba

EVOLUÇÃO Xande: "Eu nunca quis ser cantor, mas hoje me sinto um cantor"

INSTAGRAM @XANDEDEPILARES

Como embaixador do palco Favela do Rock in Rio, onde se apresentará no próximo dia 19, qual sua opinião sobre esse espaço do festival? Lembro da minha história e do barraco onde morei. Vejo que tudo valeu a pena. Temos de mostrar o lado bom, e o palco é a chance de dizer que favela não é só violência. Lá tem trabalhadores e estudantes que querem realizar seus sonhos. Fico feliz que o palco se chame "favela" e não "comunidade".

Quando o Rock in Rio surgiu, há quase quarenta anos, havia muitos estrangeiros na escalação. Como sambista, gostou de ver nesta edição um dia dedicado aos brasileiros? É possível prestigiar seu país sem descaracterizar o evento. Vi muitos artistas estrangeiros de que gostava no primeiro Rock in Rio e nunca imaginei que a música brasileira seria homenageada assim, principalmente o samba. Quando o Rock in Rio começou, eu estudava com uma rapaziada em Pilares que curtia rock e fui com eles ao festival.

Durante as gravações do álbum *Xande Canta Caetano*, lançado recentemente, Caetano Veloso chorou ao ouvir suas versões das músicas dele. O pagode venceu? Foi uma baita responsabilidade mexer nas músicas do Caetano. Eu nunca quis ser cantor, mas hoje eu me sinto um cantor. Consegui manter minha identidade de sambista sem descaracterizar a obra dele. Ele não mexeu em nada que fiz. Eu

estava gravando quando o vi pela janela na mesa de som enxugando o nariz. Achei que estivesse resfriado. Quando fui lá, todo mundo estava chorando.

O álbum ampliou seu reconhecimento além das rodas de samba? Um amigo que não curtia samba escutou meu disco e virou fã do Grupo Revelação. Ele me agradeceu por lhe dar a oportunidade e esquecer do preconceito. Você só pode dizer se a fruta é ruim se provar, não é? Ao mesmo tempo, minha sobrinha, que vem do funk e do samba, me disse que eu a ensinei a ouvir Caetano. É uma via de mão dupla.

Antes do Rock in Rio, o senhor vai tocar no Coala Festival, em São Paulo, e meses atrás cantou no Doce Maravilha, no Rio. O que achou da experiência? Festival era um ambiente que eu frequentava como plateia. Estou começando a gostar da brincadeira. O disco com Caetano me deu a chance de evoluir como músico, me aceitar como artista e cuidar da minha voz. No Doce Maravilha, cantei com a Bethânia. Jamais imaginei que pudesse dar um abraço nela, imagine dividir o palco. ■

Felipe Branco Cruz

QUEM DANÇA É MAIS FELIZ

INSTAGRAM @PORTELLACARLOTA

Conhecida e celebrada pela precisão e inteligência de seus comentários como jurada no quadro *Dança dos Famosos,* do programa *Domingão do Faustão,* a coreógrafa carioca **Carlota Portella** teve uma rica e bem-sucedida carreira profissional como professora e criadora de espetáculos. O mais famoso foi *Vacilou Dançou,* que também batizou sua companhia de dança, fundada em 1981. Ela se apresentou com o grupo até 2006, quando passou a se dedicar mais às atividades da escola The Jazz, que se tornaria um dos principais centros de bailarinos e futuros bailarinos do Rio de Janeiro. Com vasta e refinada formação na Europa — ela estudou na Ópera de Paris —, Carlota desenhou o elogiadíssimo show de abertura dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio, antessala da Olimpíada de 2016. A apresentadora Fátima Bernardes, em suas redes sociais, resumiu a perda: "Por acreditar no que ela pregava, quem dança é mais feliz, voltei para as aulas em 2013". A artista e educadora morreu em 31 de agosto, em Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro, aos 74 anos, de causas não reveladas.

REFERÊNCIA A coreógrafa Carlota Portella: fundadora do grupo Vacilou Dançou

O DRAMA NA VIDA REAL

O ator americano de origem nigeriana **Obi Ndefo** ganhou destaque como o personagem Bodie Wells, da série adolescente *Dawson's Creek*, a jornada de crescimento de um grupo de amigos. Em agosto de 2019, ele foi atropelado por um caminhão em um estacionamento em Los Angeles. Perdeu ambas as pernas — a direita no momento do impacto e a esquerda no hospital, amputada. Depois do acidente, Ndefo lançou uma campanha pela internet para arrecadar dinheiro para o seu tratamento. Conseguiu 300 000 dólares, montante que só seria divulgado em 1º de setembro, ao morrer, aos 51 anos. Nos últimos anos, afastado da televisão e do cinema, trabalhava como professor de ioga.

INSTAGRAM @NDEFOOBI

TRAGÉDIA Obi Ndefo, de *Dawson's Creek:* duas pernas perdidas em um atropelamento de caminhão, em 2019

UMA IRMÃ PROGRESSISTA

Convidada a dar as boas-vindas ao papa João Paulo II em sua visita inaugural aos Estados Unidos, em 1979, a freira católica **Theresa Kane** provocou algum constrangimento, em momento que ficaria marcado na história da religião entre os americanos, com ecos para o mundo. Calma e docemente, ela sugeriu ao pontífice que as portas das igrejas se abrissem para as mulheres, de modo que pudessem exercer os mesmos ofícios que os padres. O líder da Igreja ouviu com atenção, aquiesceu com um movimento de cabeça e, ao fim, chegou a abençoar a irmã, que se ajoelhou diante do Santo Padre. O pleito, contudo, nunca seria levado adiante — e ainda hoje as funções sacerdotais só podem ser realizadas por homens. Kane, que ao longo dos anos incrementaria suas posturas progressistas, em favor do direito ao aborto e das uniões homossexuais, morreu em 22 de agosto, aos 87 anos, em Watchung, no estado de Nova Jersey. ■

AP/IMAGEPLUS

PLEITO Theresa Kane: em 1979, pedido a João Paulo II por mais espaço para as mulheres na Igreja católica

JULIEN DE ROSA/AFP

"Eu acho que não estou nadando, não. Estou voando, estou flutuando na água. Estou em casa."

GABRIEL ARAÚJO, o Gabrielzinho, multimedalhista paralímpico brasileiro em Paris, da categoria S2, para atletas com deficiências severas

“Tô nervoso de ir como cantor.”

WILL SMITH, ator americano, anunciado como uma das atrações musicais do Rock in Rio, no dia 19 de setembro. Ele começou a carreira como rapper

“Eu sabia que algo ia acontecer, afinal de contas, do PT tudo é possível. O que teria acontecido comigo se eu estivesse no Brasil no dia 8 de janeiro? Certamente estaria preso até hoje. Me acusam de tudo.”

JAIR BOLSONARO, ex-presidente, que estava nos Estados Unidos no domingo golpista de 2023

“Câmeras nos policiais, as facções batem palmas de pé, porque realmente o policial não vai ali criar provas contra ele mesmo.”

RONALDO CAIADO, governador de Goiás, contra o uso de equipamentos de filmagem nas fardas

“Tive uma reunião com o presidente Lula e vi que ele me entendeu. Porque tivemos um diálogo muito bom, realmente bom. Estou agradecido por isso, mas ele vive as narrativas da União Soviética. É uma pena. Ele pensa na Rússia como se hoje ainda existisse a União Soviética.”

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia

"O cinema, como a literatura, é um poderoso instrumento contra o esquecimento."

WALTER SALLES, que acaba de lançar no Festival de Veneza o filme *Ainda Estou Aqui*

"O mais importante é ter a certeza de que posso ser eu mesma em todos os papéis que for desempenhar."

ELIANA, apresentadora de televisão, agora na TV Globo

"Novela é a arte de descobrir o que vai acontecer. Novela não é cinema."

JOSÉ BONIFÁCIO DE OLIVEIRA SOBRINHO, o **BONI,** um dos criadores do chamado Padrão Globo de Qualidade

"A pessoa que deveria ser aplaudida é o presidente *(Joe Biden),* que fez a coisa mais altruísta que alguém já fez desde George Washington."

GEORGE CLOONEY, um dos mais fervorosos defensores da retirada da candidatura do democrata para abrir espaço a Kamala Harris

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

"Tenho ainda dez shows para fazer, mas após isso não verei vocês por muito tempo. Vou guardar vocês com muito carinho no meu coração."

ADELE, cantora britânica ao fim de um espetáculo em Munique, na Alemanha

SOBE

EMPREENDEDORISMO
Nos primeiros quatro meses do ano, surgiram mais de 1,4 milhão de empresas no país, quase 10% a mais em comparação ao mesmo período de 2023.

SANTOS DUMONT
O aeroporto do Rio de Janeiro receberá investimentos de 400 milhões de reais até 2027.

ROBERTO CAMPOS NETO
O Supremo Tribunal Federal arquivou uma ação impetrada pela Comissão de Ética da Presidência da República que denunciava a existência de contas offshore em nome do comandante do BC. A decisão foi proferida pelo ministro Dias Toffoli.

DESCE

LUIZ FERNANDO PEZÃO

O ex-governador do Rio teve a candidatura a prefeito de Piraí, no sul do estado, impugnada pela Justiça Eleitoral, pois está com os direitos políticos suspensos. Ele deve recorrer.

WEWORK BRASIL

A empresa sofreu outra ação de despejo. Desta vez, movida pela HBR Realty e relacionada ao contrato de aluguel de dez andares de um prédio da Faria Lima, em São Paulo.

ROBINHO

A Justiça negou novo pedido dos advogados do ex-jogador para reduzir a pena dele de nove anos de prisão em regime fechado.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim

Todos contra Lula

A cada três meses, governadores de direita se reúnem para analisar cenários eleitorais sobre 2026. Na última conversa, na casa de Ciro Nogueira, falou-se de uma "chapa ideal" para derrotar Lula e o PT. Ela teria **Tarcísio de Freitas** na cabeça e **Romeu Zema** de vice — com o apoio de Jair Bolsonaro, claro.

Quem tá mais forte?

A discussão é guiada por levantamentos do Paraná Pesquisas que testam os nomes dos mandatários contra Lula. Ronaldo Caiado, Eduardo Leite, Ratinho Jr., Jorginho Mello, Ibaneis Rocha e Mauro Mendes completam o grupo.

A batalha principal

O grupo de governadores

MÔNICA ANDRADE/GOVERNO DO ESTADO DE SP

FUTUROLOGIA Zema e Tarcísio: governadores avaliam projeto eleitoral em 2026

acredita que o resultado das eleições nas capitais vai definir a chapa de 2026. "A eleição em São Paulo vai ser um bom termômetro", diz um governador.

Zero Um! Apresente-se!

Na frente de todos os governadores, Tarcísio cobrou Flávio Bolsonaro por não defender Ricardo Nunes em São Paulo. O Zero Um esquivou-se dizendo que vai avaliar como apoiar o prefeito.

Duas canoas

Para um governador, Bolsonaro está cometendo grave erro ao apoiar Nunes e piscar para Marçal: "Pé em duas canoas não elege ninguém".

Incontrolável

A aliados, Tarcísio disse outro dia que se sente abandonado por Bolsonaro na eleição. O capitão comanda um carnaval em SP sem falar com o governador.

Em nome do filho

Bolsonaro vai rodar dez cidades de SC neste mês. Ele busca eleger Jair Renan vereador em Balneário Camboriú.

Chama o pacificador

Tarcísio ligou para Michel Temer na semana passada e pediu que o ex-presidente mediasse um encontro dele com Moraes. A conversa ocorreu na casa do ministro em São Paulo, na sexta.

Tensão no ar

A sós na sala, Moraes, Tarcísio e Temer discutiram longamente o clima tenso no Brasil. O governador se disse preocupado com radicalismos no 7 de Setembro e ponderou que Moraes não

esticasse a corda com o X para não insuflar as ruas. Moraes não retrocedeu.

Eu seguro o capitão

Tarcísio prometeu a Moraes que iria falar com Bolsonaro para evitar ataques pessoais do ex-presidente ao STF que agravem a situação dele na Corte.

O bom conselheiro

Na quarta, o governador foi a Brasília e conversou com Bolsonaro. Horas depois, o ex-presidente deu entrevista dizendo que o ato não era para pedir impeachment de Moraes.

Agenda concorrida

Lula já recebeu quarenta pedidos de encontros bilaterais à margem da Assembleia da ONU. Vinte são de chefes de Estado. Ele discursa na ONU no próximo dia 24 e tem a agenda carregada de eventos em Nova York.

O avalista

Roberto Campos Neto passou a semana telefonando a senadores para pedir um voto de confiança a Galípolo. Garante que a transição será suave no BC. Galípolo, aliás, tem prometido aos senadores seguir exatamente a cartilha de Campos Neto sobre juros e inflação.

Dinheiro pelo ladrão

A PF investiga casos de venezuelanos que recebem verbas de programas sociais do governo Lula mesmo morando na Venezuela de Nicolás Maduro.

Laços de carinho

Lula e Cármen Lúcia, segundo um ministro do TSE,

tiveram um particular recentemente. Ela quer criar um Grupo de Garantia de Direitos Eleitorais.

Reino das joias

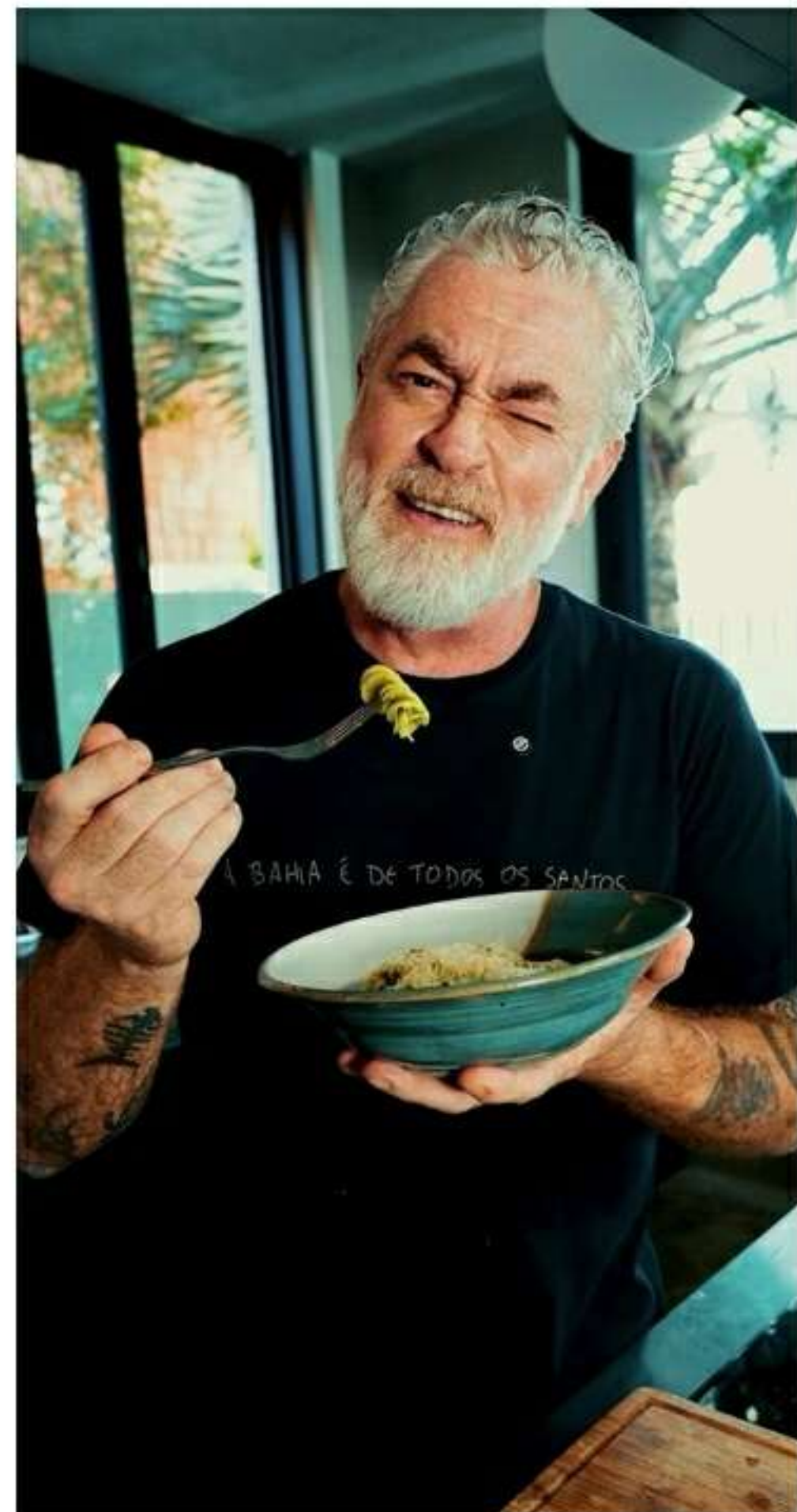
Na próxima semana, o governador Jorginho Mello vai receber um dos herdeiros da Arábia Saudita para discutir investimentos em Santa Catarina.

Culinária artesanal

O chef **Alex Atala** fechou uma parceria com a empresária Ana Maria Diniz para incorporar aos pratos de seus restaurantes os produtos artesanais que a filha de Abilio ajuda a desenvolver comercialmente na startup Polvo Lab. A empresa atua com cooperativas de pequenos agricultores em quatro estados e vai expandir seus negócios.

Me ajuda a te ajudar

Rodrigo Pacheco deixou rolar para depois das eleições a sabatina de Gabriel Galípolo para dar um recado ao Planalto. Quer empenho do governo para acele-

INSTAGRAM @ALEXATALA

NA MESA Atala: chef aposta em produtos artesanais e novos pratos

rar, na Câmara, a votação da renegociação da dívida dos estados.

Lição na marra

O TSE firmou, nesta semana, acordo de cooperação com o Ministério da Defesa para empregar militares em ações de "Garantia da Votação e Apuração" nas eleições de outubro.

Brasil-sil-sil...

O MPF abriu processo para fiscalizar o cumprimento de reparações socioambientais feitas por Belo Monte a comunidades impactadas pela usina. Descobriu só agora que o processo sobre o tema sumiu do Incra em... 2017.

Acharam

O TJRJ autorizou recentemente a repatriação de recursos mantidos por Thor Batista numa conta secreta na Suíça. O dinheiro vai pagar credores da falência de Eike Batista, o pai dele.

Venham, hermanos

Chefe do Turismo, Celso Sabino vai aproveitar a Feira Internacional de Turismo, em Buenos Aires, para espalhar anúncios de destinos turísticos brasileiros pela capital argentina.

Tour internacional

Entre os dias 8 e 22 deste mês, a ministra da Cultura, Margareth Menezes, terá agendas internacionais — incluindo Brics e G7 — em São Petersburgo, na Rússia, em Madri, na Espanha, e no Vaticano — com saideira em Nápoles, na Itália. Que delícia!

Lá do sertão

O compositor e violonista

MILIONÁRIA Jade: atriz fatura mais de 7 milhões de reais vendendo roupas

Marcel Powell e o sanfoneiro Mestrinho acabam de lançar uma nova versão de *Lamento Sertanejo*, clássico de Gilberto Gil e Dominguinhos. Já nas plataformas.

O dinheiro sumiu

Envolvida numa disputa judicial com um antigo sócio, a atriz **Jade Picon** revelou num processo na Justiça ter faturado mais de 7,2 milhões de reais com sua coleção de roupas 2021/2022. O ex-sócio dela teria sumido com 416 000 desse total. A briga segue. ■

"Em razão de determinação judicial, comunicamos a absolvição do Sr. Diego Basílio Ribeiro no processo criminal nº 0136912-45.2013.8.19.0001, que tramitou perante a 38ª Vara Criminal do Foro Central do Rio de Janeiro/RJ, sob a acusação de ter violado o art. 35, da Lei 11.343/06 (associação criminosa) e o art. 16, da Lei 10.826/03 (posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito)."

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

SOB ATAQUE Alexandre de Moraes: decisões do ministro serão usadas para tentar dar tração a impeachment e a projetos que limitam a atuação da Corte

PRESSÃO TOTAL

Cancelamento da rede social X serve de combustível para inflamar o bolsonarismo, que volta às ruas no 7 de Setembro e coloca mais uma vez o STF no centro do ringue da política

LAÍSA DALL'AGNOL, RAMIRO BRITES E **ISABELLA ALONSO PANHO**

CAPA: MONTAGEM DE BETO NEJME COM FOTOS CANVA AI PIKASO; STF; MARCOS CORRÊA/PR, AGÊNCIA SENADO; RICARDO STUCKERT/PR; AGÊNCIA BRASIL; AGÊNCIA CÂMARA; ALAN SANTOS/PR; PIKASO

EVARISTO SA/AFP

PAUTAS O ex-presidente Jair Bolsonaro: pedido de anistia a todos os envolvidos nos atos do 8 de Janeiro e defesa da “liberdade de expressão” e do fim da “censura”

Em 2022, na reta final de seu mandato e a pouco menos de um mês do primeiro turno das eleições daquele ano, o então presidente Jair Bolsonaro abriu fogo contra as instituições, em especial a Justiça Eleitoral e o Supremo Tribunal Federal, ao apontá-los como inimigos em discursos inflamados para milhares de apoiadores em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo (de forma virtual, em um telão). A catilinária contra o sistema teve um cenário especial: o 7 de Setem-

bro, data em que, em tese, o país deveria fazer odes à independência e ao fortalecimento de seus mecanismos democráticos. O episódio gerou uma de suas condenações à inelegibilidade. Em 2023, na mesma data, já fora do poder e escaldado pela arruaça do 8 de Janeiro, mandou o seu "exército" ficar em casa. O fim da trégua acabou na última semana, embalado pelo pretexto de reagir às decisões do ministro Alexandre de Moraes, sobretudo ao bloqueio do X de Elon Musk *(veja a reportagem "Faltou temperança").* Assim, o clima de beligerância voltou a tomar conta do Dia da Pátria.

Em fevereiro deste ano, Bolsonaro até chegou a voltar à Avenida Paulista para reclamar de perseguição, mas o tom era outro: pediu que não fossem levadas faixas contra o STF e Moraes. Agora, a conversa mudou. Em vídeo no qual convocou apoiadores para o próximo sábado, o ex-presidente deixou claro que um dos principais motes do evento será a anistia aos presos do 8 de Janeiro. A "liberdade de expressão" e a "independência de fato" do país devem ser outras palavras de ordem. As pregações visam Moraes e o Supremo: o magistrado é o relator das investigações acerca da intentona golpista e do quebra-quebra em Brasília. Além disso, é o ministro responsável pela suspensão do X, o que vem sendo explorado à exaustão, inclusive pelo próprio Elon Musk, para incendiar o protesto em São Paulo. "O mundo inteiro está de olho no Brasil, com a questão do X. Vamos mostrar que não con-

ANTONIO AUGUSTO/STF

SINAL STF com iluminação especial: gesto simbólico em meio às críticas

cordamos com essas medidas de censura. Não tem cabimento isso que está acontecendo", disse Bolsonaro.

Além do inimigo de sempre, o ato na Avenida Paulista terá também um dos mecenas de sempre. A manifestação está sendo patrocinada e organizada pelo pastor Silas Malafaia, aliado radical do ex-presidente. Ao contrário do que fez em fevereiro, quando disse ter investido 90 000 reais no evento, desta vez o líder religioso não revelou quanto gastou com dois trios elétricos, grades, ba-

nheiros químicos, equipe técnica e seguranças. Os pregadores do culto bolsonarista também não devem mudar muito. A lista dos que devem falar à multidão inclui parlamentares do PL considerados "fenômenos de audiência nas redes", como Gustavo Gayer (GO), Nikolas Ferreira (MG), Bia Kicis (DF) e Julia Zanatta (SC). Também poderão discursar a ex-primeira-dama Michelle, os filhos Eduardo e Flávio, o próprio Malafaia e, claro, Bolsonaro. A estimativa é de que estejam presentes cinquenta deputados, senadores e até três candidatos à prefeitura de São Paulo: Ricardo Nunes (MDB), Pablo Marçal (PRTB) e Marina Helena (Novo).

Aliados do ex-presidente dizem que estão sendo fretados, de forma espontânea e voluntária, dezenas de ônibus com apoiadores saindo do Distrito Federal, Rio de Janeiro e interior de São Paulo. Entre os governadores, o único que poderá estar no palanque é Tarcísio de Freitas, de São Paulo (até quinta 5, ele ainda não havia confirmado presença), movido não apenas pela lealdade a Bolsonaro, mas pelo objetivo de alavancar a candidatura de Ricardo Nunes, que vem sendo fustigada pelo bolsonarismo. Ronaldo Caiado (Goiás) anunciou que estará de férias, enquanto Jorginho Mello (Santa Catarina), Romeu Zema (Minas Gerais) e Ratinho Jr. (Paraná) sinalizaram que terão compromissos do 7 de Setembro em seus estados.

Caso realmente alcance a dimensão pretendida pelos organizadores, o barulho na rua certamente será usado

TON MOLINA/FOTOARENA

PRIORIDADE Barroso: redes sociais na mira da Corte

para alimentar a ofensiva de bolsonaristas no Congresso. Um dos movimentos do grupo, que se reuniu na última terça, 3, é para tentar dar tração a uma antiga (e perigosa) obsessão: promover o impeachment de Moraes. Após o 7 de Setembro, parlamentares devem ir ao plenário do Senado entregar ao presidente Rodrigo Pacheco mais um pedido de afastamento do magistrado, com a adesão de cerca de 150 deputados e 1,3 milhão de assinaturas em petição on-line. A interlocutores, Pacheco garante que a

TON MOLINA/FOTOARENA

VETO Pacheco: recusa a pedidos de impeachment de Moraes

chance de isso ser pautado por ele é "zero". Pressão, no entanto, não irá faltar. Entre os planos bolsonaristas está o de organizar um ato em Belo Horizonte, berço político de Pacheco. Outro ponto será tentar fazer andar duas propostas de emenda constitucional e dois projetos de lei que limitam a atuação do Supremo.

Diante dessa ofensiva, os ministros do STF têm tentado, ao menos em público, demonstrar um sentido de coesão. Na segunda-feira seguinte ao bloqueio do X, o presi-

FRENTES DE BATALHA

Sob pressão bolsonarista nas ruas e no Congresso, STF prepara decisões sobre redes sociais

A OFENSIVA DA DIREITA

7 DE SETEMBRO

Jair Bolsonaro, deputados, senadores e aliados como o pastor Silas Malafaia convocam ato para a Avenida Paulista, onde colocarão o STF no alvo em ao menos duas frentes: a defesa de anistia aos envolvidos no 8 de Janeiro e as críticas à tentativa de enquadrar as redes sociais

IMPEACHMENT DE MORAES

Ao menos 146 deputados assinaram documento em que defendem o impeachment do ministro Alexandre de Moraes. A ideia é aumentar a pressão no Senado, que é a Casa que vota esse tipo de procedimento — o presidente Rodrigo Pacheco diz que é contra a iniciativa

REDES SOCIAIS

Apesar do bloqueio do X, bolsonaristas como os deputados Carla Zambelli (PL-SP) e Nikolas Ferreira (PL-MG), e o senador Marcos do Val (Podemos-ES), com o reforço de Elon Musk, seguem na internet atacando Moraes pelo que consideram censura a representantes da direita

A REAÇÃO DO PODER PÚBLICO

A Primeira Turma do Supremo, formada por cinco ministros, referenda por unanimidade a decisão de Moraes de bloquear o X até que a companhia cumpra as ordens judiciais, pague as multas e indique um representante no Brasil

---

Os ministros Dias Toffoli, Luiz Fux e Edson Fachin liberaram para votação três processos em que são relatores no STF e que tratam da responsabilização das plataformas por tudo o que é publicado e a possibilidade de bloqueio do WhatsApp por decisão judicial

---

Lula deixa claro publicamente que o governo está ao lado do Supremo, diz que a decisão da Corte foi um "sinal importante" contra a direita, defende a independência do Judiciário e do país, e afirma que o mundo não é "obrigado a aguentar o vale-tudo" de Musk

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

PARADO Lira: iniciativa do deputado travou debate sobre fake news na Casa

dente Luís Roberto Barroso, em evento na Faculdade de Direito da USP, disse que a decisão do colega de toga era corriqueira. "Não há nada de excepcional, salvo uma politização indevida." Nesse mesmo dia, a Primeira Turma endossou por unanimidade o ato de Moraes. Nos bastidores da Corte, entretanto, as primeiras fissuras já se fazem sentir, um fato novo diante do histórico recente de firme

unidade do STF. Uma demonstração foi dada por Luiz Fux, que endossou a decisão de Moraes, mas discordou da multa de 50 000 reais a quem burlasse o bloqueio com o uso de VPN (rede virtual privada). Sinalizou ainda que poderia mudar o seu voto até a decisão do mérito. "Reservo-me o direito à reanálise da questão quando da apreciação do mérito", disse. Uma das principais discordâncias é exatamente pelo fato de Moraes ter levado o caso à Primeira Turma, composta por cinco ministros, e não ao plenário, com onze magistrados. Entre eles, ao menos um, André Mendonça, era tido como um voto contrário certo ao pacote de Moraes contra Elon Musk. Mendonça já havia aberto divergência em vários casos do 8 de Janeiro, principalmente em relação ao tamanho das punições, ecoando uma crítica que se faz com frequência a Moraes, a da dosimetria das penas. Outra rachadura pode ser aberta por Nunes Marques — que sinalizou nesta quinta que pode levar o caso ao plenário da Corte.

A escalada do bolsonarismo com o STF pode levar a novo recrudescimento das tensões entre os poderes. Além dos projetos contra o STF que os parlamentares de direita vão tentar fazer ganhar tração no Congresso, há um movimento para ressuscitar a CPI do Abuso de Autoridade, proposta por Marcel van Hattem (Novo-RS) em 2022 e travada por Arthur Lira (PP-AL). Ao mesmo tempo, o Supremo não dá mostras de que irá baixar a guarda. Em agosto, três ministros (Edson Fachin, Luiz Fux e Dias

BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

PREGAÇÃO Silas Malafaia: pastor organiza novo palco para Bolsonaro

Toffoli) liberaram para julgamento, ao mesmo tempo, ações que tratam do enquadramento das redes sociais. Duas versam sobre a responsabilidade das empresas pelos conteúdos publicados nas plataformas, enquanto outra discute a possibilidade de suspender o WhatsApp por decisão judicial — as duas hipóteses aterrorizam as big techs. “Chegou a hora de enfrentar esse tema”, disse Fux, ecoando uma preocupação do poder público em todo o mundo com o avanço das redes sociais. Em agosto, o dono do Telegram, o russo Pavel Durov, foi preso em Paris,

@ELAINEMENKE

FRENTE Deputados discutem reação: projetos para limitar STF e ato contra Pacheco em Minas

acusado, em inquérito, de não impedir que a sua plataforma seja usada para a prática de crimes.

O movimento que coloca o STF no meio do tiroteio político tem muito a ver com a inércia deliberada do Legislativo. Em junho, por exemplo, Arthur Lira enterrou o chamado PL das Fake News, que tinha a oposição das companhias de tecnologia e dos parlamentares de direita, e criou um grupo de trabalho para elaborar uma nova proposta, mas que até hoje não fez nenhuma reunião. "Nesse tema houve uma omissão da nossa parte, em ou-

tras questões, um deliberado avanço do Supremo", afirma Julio Lopes (PP-RJ), que faz parte do colegiado. Relator do sepultado PL das Fake News e do inócuo grupo de trabalho, Orlando Silva (PCdoB-SP) diz que há pelo menos quatro anos pede ao STF que espere uma decisão do Congresso. "O Supremo já foi provocado e não decidiu por conta de apelos do Parlamento", recorda Silva.

Essa lentidão em discutir seriamente a necessária regulação das redes deixou o terreno livre para novas confusões, e o caso Musk x Moraes acendeu o estopim para a atual escalada no confronto entre bolsonaristas e STF. Esse nível de beligerância não é bom para nenhuma das partes envolvidas — e certamente não é bom para o país. A subida no tom dos ataques ao Supremo pode custar caro a Bolsonaro. O risco é reforçar um ambiente hostil em uma Corte que tem muitos casos contra ele. Além dos dois recursos que buscam reverter suas condenações à inelegibilidade, estão no STF investigações com o potencial de colocar o ex-presidente atrás das grades. De longe, o de maior potencial de estrago é o da tentativa de golpe de Estado e os atos do 8 de Janeiro.

No caso do STF, o bloqueio do X não gerou desgaste à Corte apenas entre a turma mais radical. Conforme mostrou pesquisa divulgada pela AtlasIntel, na quinta 5: 51,9% da população mostrou-se contra a medida. Nos últimos anos, o STF tem sido arrastado — ou se deixado arrastar — cada vez mais para a arena política. Num pri-

meiro momento, diante das ameaças de ruptura democrática, a atuação firme da Corte evitou o pior (e merece reconhecimento por isso). Passado esse momento, esperava-se um distensionamento gradual. Agora, diante da expectativa do julgamento dos processos contra Bolsonaro e da atuação provocadora de personagens como Elon Musk, o cenário de conflito retornou com força. A luta para enquadrar o bilionário nas leis brasileiras gerou forte reação do bolsonarismo, que vai às ruas politizar o 7 de Setembro a pretexto de fazer um grito de liberdade contra o STF. Os desdobramentos disso têm potencial para gerar inúmeros conflitos institucionais, cujas consequências são imprevisíveis. Em meio a tantos graves problemas econômicos e dilemas sociais, mais do que nunca, o Brasil precisa de paz, e não dessa nova, desnecessária e conturbada guerra da independência. ■

CHRIS RATCLIFFE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

CERCO Durov: dono do Telegram foi preso por não coibir ações criminosas

MURILLO DE ARAGÃO

A DISFUNÇÃO DO SISTEMA POLÍTICO

A crise institucional é recorrente em nossa história republicana

DESDE a proclamação da República, o Brasil tem vivido uma sequência de desequilíbrios institucionais que revelam a disfuncionalidade crônica do sistema político. Embora frequentemente se trate a crise entre as instituições como algo novo, ela é, na verdade, um fenômeno recorrente em nossa história. Esse padrão manifesta-se em eventos que vão desde tentativas de golpes militares e revoluções frustradas até episódios mais dramáticos, como o suicídio de um presidente e a deposição de outros dois.

Além disso, os dois impeachments que marcaram a história política recente do país são apenas mais uma peça em um quebra-cabeça institucional caracterizado por instabilidade e incerteza. O Brasil também passou por longos períodos sob o comando militar, com oito presidentes oriundos das Forças Armadas, o que, por si só, já evidencia a fragilidade do sistema democrático. O tempo médio de um presidente brasileiro no poder é de pouco mais de três anos, refletindo a frequente interrupção dos mandatos. Como bem observou Michel Te-

mer, vivemos períodos em que havia presidentes, mas não um verdadeiro presidencialismo, pois as eleições foram suprimidas ou manipuladas, comprometendo o processo democrático e a representatividade popular.

Outro aspecto crítico desse cenário é o funcionamento do sistema de freios e contrapesos, que deveria garantir a autonomia dos poderes para que um controle o outro e evite abusos. Entretanto, durante os períodos de exceção, como a ditadura de Getúlio Vargas e o regime militar entre 1964 e 1985, esse sistema foi desmantelado, permitindo que o Executivo acumulasse poderes excessivos e anulando a capacidade dos outros poderes de atuar como contrapesos eficazes. Esses desequilíbrios institucionais fazem parte da nossa história, moldando um sistema político que ainda enfrenta desafios significativos. Os episódios recentes envolvendo o Orçamento são um exemplo claro dessa dinâmica, assim co-

“Sem fortalecer as instituições, o caminho se torna trágico para o desenvolvimento político do país”

mo o recurso frequente ao Judiciário para decidir questões de natureza política. Soma-se a isso a relutância em aceitar o protagonismo do Legislativo, como casa do povo e do federalismo, na definição das leis que governam o país. Contudo, o desprestígio das lideranças tem levado, junto ao povo, à desvalorização das instituições. E sem o fortalecimento dessas instituições, o caminho se torna trágico para o desenvolvimento político do país.

Infelizmente, a guerra fria entre as instituições irá prosseguir. Diante desse cenário, a ausência de diálogo entre os poderes é alarmante. Sem uma comunicação efetiva e a contenção das disputas, é impossível alcançar a tranquilidade institucional necessária para o bom funcionamento da democracia. A instabilidade que observamos hoje é reflexo tanto das questões estruturais e históricas que têm marcado a trajetória política do Brasil quanto das disputas conjunturais que se intensificam. Se o país não encontrar um caminho para restabelecer o equilíbrio e a cooperação entre os poderes, corre-se o risco de que essas tensões evoluam para crises ainda mais profundas, comprometendo a própria viabilidade do sistema democrático que, apesar de suas falhas, tem sido uma conquista arduamente alcançada. ■

FALTOU TEMPERANÇA

Exageros levaram para a arena política um embate que deveria ficar restrito aos tribunais e acabaram punindo milhões de pessoas que nada têm a ver com o caso **LARYSSA BORGES**

GUSTAVO MORENO/STF

CONTROVERSO
Moraes: intimação por rede social, punição discutível e multas aos usuários do X

STF
@STF_oficial

@GlobalAffairs @elonmusk Mandado de intimação

PETIÇÃO 12.404 DISTRITO FEDERAL

Brasília, 28 de agosto de 2024.

MANDADO DE INTIMAÇÃO

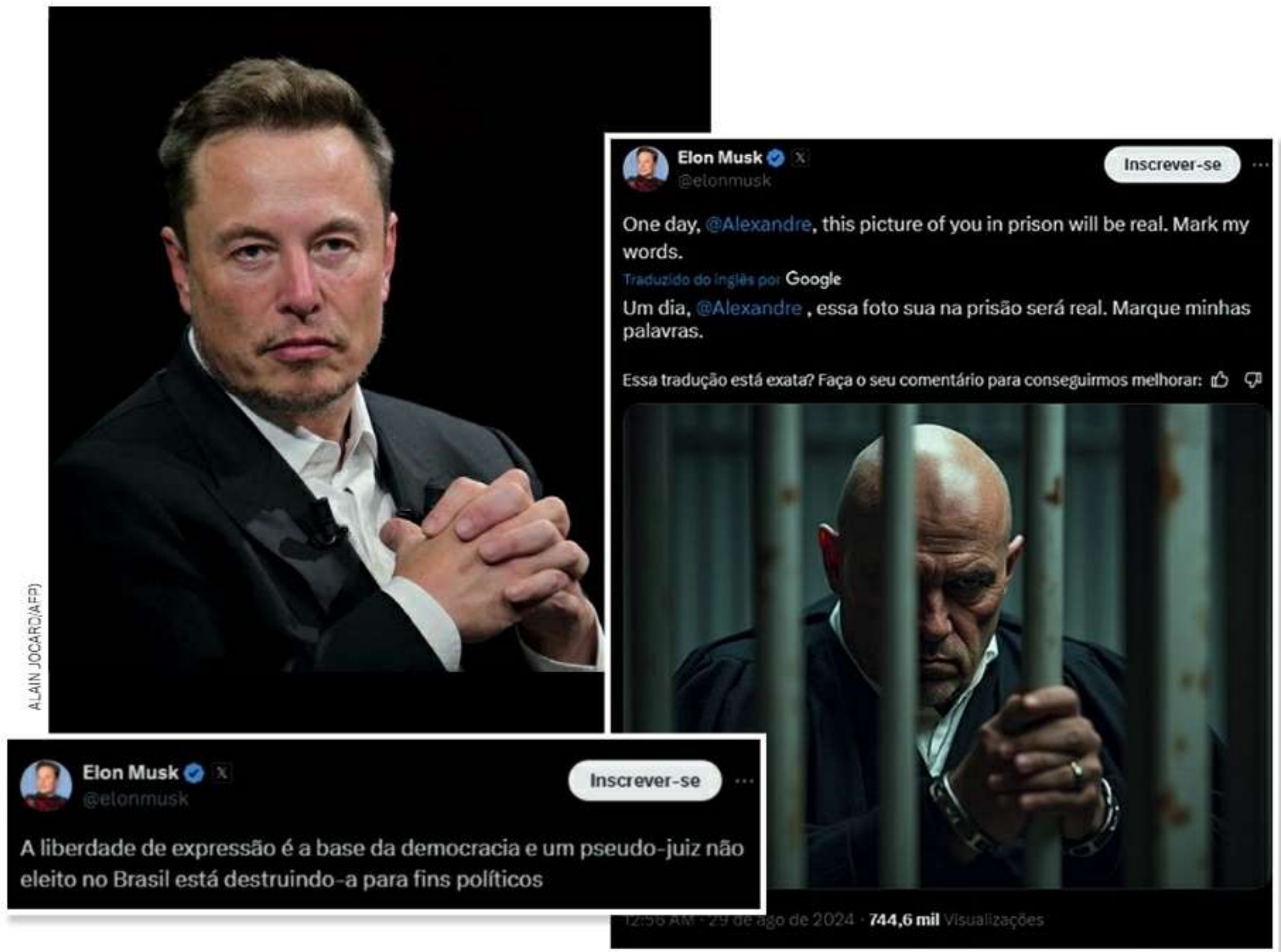
O Ministro ALEXANDRE DE MORAES, Relator, nos termos da decisão proferida nos autos em epígrafe,

MANDA

a Secretaria Judiciária deste SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL proceder à **INTIMAÇÃO** por meios eletrônicos de **ELON MUSK**, da decisão proferida nos autos em epígrafe em 18/8/2024, que determinou a indicação, em 24 (vinte e quatro) horas, do nome e qualificação do novo

8:07 PM · 28 de ago de 2024 · **22,9 mil** Visualizações

EM TEMPOS de polarização acentuada, até questões técnicas, que deveriam ser decididas com base em regras preestabelecidas e consolidadas, tornam-se combustível para as disputas políticas. No Brasil, poucas autoridades estão tão inseridas nesse contexto de conflagração como o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Para partidos de esquerda, ele é um bastião da democracia por personificar a resistência do Judiciário à sanha golpista da extrema direita (o que, de fato, foi). Para bolsonaristas, não passa de um autoritário, entusiasta da censura e a principal ameaça à liberdade de expressão no país. Os dois lados têm versões conflitantes, mas, em conversas reservadas, convergem num ponto. Em tom de preocupação, alegam que, em determinadas situações, faltam a seus nomes de maior destaque duas qualidades fundamentais: temperança e autocontenção. Foi exatamente o que ocorreu no episódio da suspensão da rede social X no Brasil.

No ano passado, Moraes detectou as digitais do empresário e fanfarrão Elon Musk, dono do X, em mensagens que incitavam à desobediência a ordens do Supremo, o que é inadmissível, e defendiam o impeachment do ministro. O bilionário, que adula sistemas autoritários quando lhe convém e posa de paladino da moralidade, também reverbera há bastante tempo a tese de Jair Bolsonaro e companhia de que o Brasil viveria sob uma ditadura judicial. Fiéis à cartilha extremista, o blogueiro Oswaldo Eustáquio e o senador Marcos do Val (Podemos-ES), apoiadores do ex-presi-

INADMISSÍVEL Elon Musk: desobediência a ordens judiciais, criticas pesadas ao Supremo e ataques ao ministro

dente e investigados por endossar atos golpistas, passaram a expor nas redes sociais dados pessoais de policiais federais que comandavam casos contra eles. A lamentável tentativa de intimidação mirava principalmente um delegado que atua como braço direito de Moraes na investigação sobre a participação de Bolsonaro em uma tentativa de golpe de Estado. Simpático ao capitão e a Donald Trump, Musk sempre atuou para esticar a corda. O empresário ameaçou reativar contas de usuários investigados, mesmo que isso

levasse ao banimento da plataforma no Brasil, e usou o nome do juiz do STF em mensagens de cunho escatológico. Tudo para confrontar "o ditador do Brasil". Evidentemente, trata-se de um comportamento inadequado e que merece punição. A questão é qual e de que forma.

As seguidas provocações levaram o ministro a incluir o empresário no inquérito das milícias digitais. Moraes também aplicou multas que ultrapassam 18 milhões de reais ao X, mas continuou sem ter as determinações judiciais atendidas. Em agosto, Musk fechou o escritório da empresa no Brasil e, na sequência, criou um perfil na rede social em que prometia expor decisões sigilosas do desafeto. A queda de braço entre eles ganhou tração *(veja o quadro ao lado).* No fim de agosto, o magistrado decidiu que, na falta de representantes da plataforma no Brasil, Musk fosse intimado pelo próprio X para que indicasse em 24 horas o responsável legal pela rede social. Não há previsão jurídica de intimações de quem quer que seja pelo X e, por lei, estrangeiros que estejam fora do país só podem ser intimados por um instrumento chamado carta rogatória. Fiel a seu estilo "sou dono do mundo", o empresário reagiu com desdém à notificação. Moraes, então, monocraticamente, suspendeu a rede social, demonstrando ter a palavra final no Judiciário, mas também a tal falta de temperança, porque sua decisão teve um importante dano colateral: impedir que milhões de brasileiros acessem o X para trocar ideias, se informar ou trabalhar.

Havia um caminho mais lento, porém menos ruidoso, de levar a questão ao plenário do STF. Na quinta-feira 5, o ministro Nunes Marques indicou que pode fazer isso depois de ouvir a Advocacia-Geral da União e a Procuradoria-Geral da República. Na balada emocional que aconteceu, a derrubada de uma das mais populares redes sociais do Brasil transferiu para a arena política o que era, ou deveria ser, um embate restrito ao Judiciário. A disputa travada entre o empresário e o ministro virou pauta de debates entre candidatos a prefeito, deu força a discussões sobre a viabilidade de processos de impeachment contra magistrados e vitaminou a pauta anti-STF como a mais estridente do ato convocado por setores da direita para o Dia da Independência, no qual Jair Bolsonaro já confirmou presença *(leia a reportagem "Pressão total")*. Aqui aparece outra questão. Nem mesmo seus principais assessores sa-

bem como Bolsonaro, com seu jeito irascível, vai se comportar diante das massas no 7 de Setembro e daqui por diante. Ou seja: o clima político no país está totalmente subordinado aos humores e emoções de seus personagens.

Na seara jurídica, que acabou em segundo plano diante da polarização do tema, Moraes ainda foi criticado por cometer outros equívocos — por exemplo, ao obrigar o pagamento diário de 50 000 reais em multa a cada brasileiro que tentasse acessar o X por redes virtuais privadas criptografadas, conhecidas como VPN, e determinar o bloqueio das contas da empresa de satélites Starlink, que também tem Elon Musk como acionista majoritário, para pagar a multa milionária imposta pelo Supremo. Sob a alegação de que as duas integram o mesmo "grupo econômico de fato", o ministro considerou ser legítimo congelar os ativos de uma pessoa jurídica para quitar débitos da outra.

17 de agosto

Musk diz que não vai cumprir as decisões do ministro e ameaça encerrar as atividades do X no Brasil

18 de agosto

O ministro determina que o X indique um representante no país e exige o pagamento das multas

24 de agosto

Sem resposta, determina o bloqueio das contas da Starlink até o pagamento das multas

A medida pegou o mundo corporativo e até ministros do Supremo de surpresa, provocando reações. Por lei, mesmo que haja o mesmo acionista majoritário em duas companhias, bloquear o caixa de uma para executar a punição a outra só é permitido quando as contas de uma empresa são pagas com o capital da outra ou quando há indícios de fraude, o que não foi demonstrado em nenhum dos casos, explica Nicolo Zingales, especialista em responsabilidade das plataformas digitais e professor de direito da regulação da FGV. "Alexandre de Moraes e Elon Musk são duas pessoas com opiniões fortes e que gostam da tensão pública. Há exageros dos dois lados", diz Zingales. "A reação do ministro foi muito agressiva em relação à Starlink e ao VPN. Teria sido ético e recomendável do ponto de vista da segurança jurídica validar a decisão no plenário do STF, mas o ministro não o fez", completa.

28 de agosto

O ministro reitera a ordem para indicar um representante e intima Musk

30 de agosto

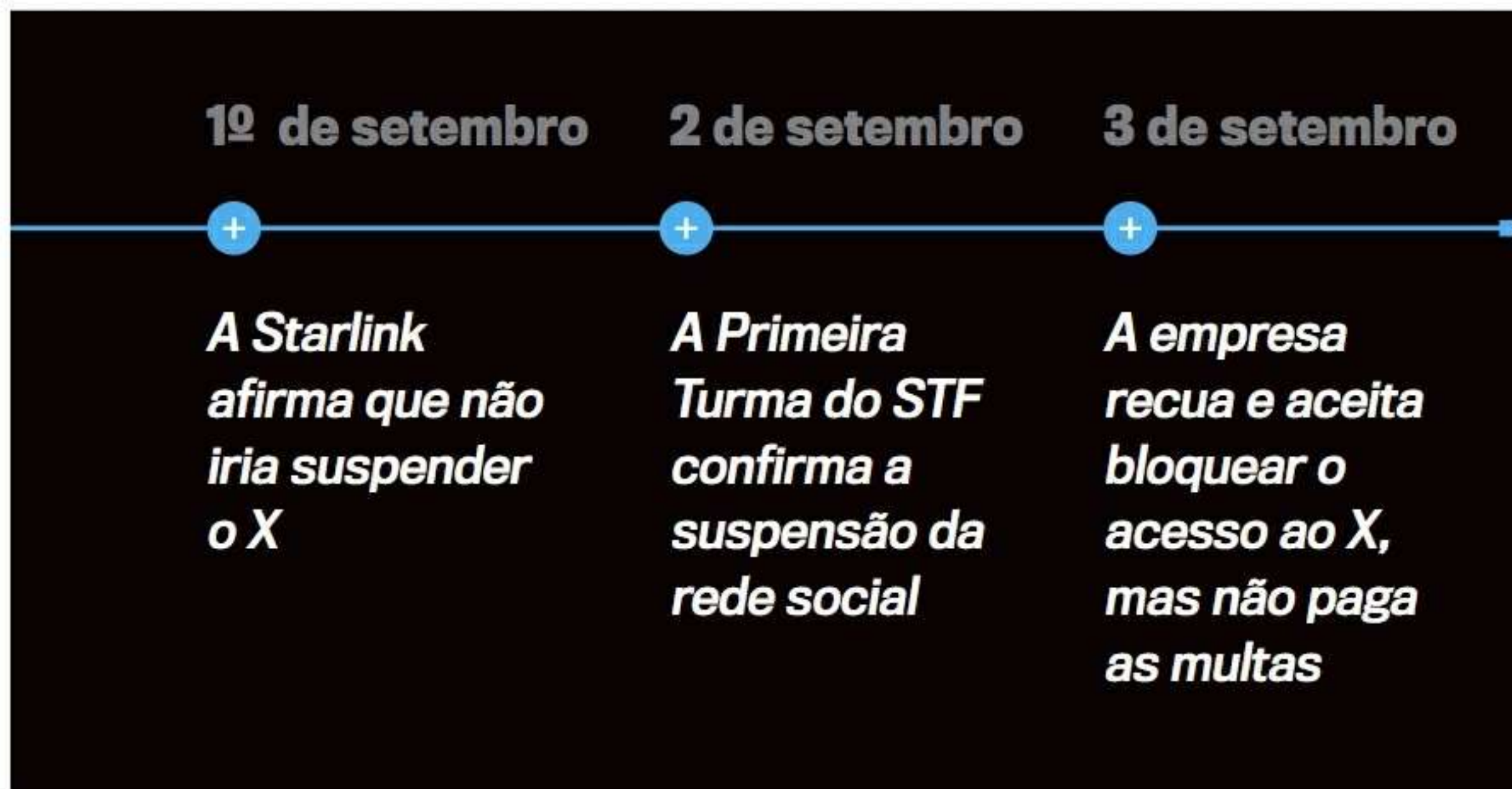
Sem resposta, Moraes suspende o X no país

31 de agosto

O empresário diz que passaria a publicar "crimes" do ministro

Moraes submeteu a ordem de suspensão do X apenas à Primeira Turma do Supremo, da qual ele é o presidente, mas não deu chance para que os demais eventualmente contestassem uma medida tão drástica como o bloqueio das contas da Starlink. Depois de anunciar que não atenderia à determinação judicial, na terça-feira 3, a empresa anunciou ter bloqueado mais de 220 000 acessos ao X. Em comunicado, informou que recorrerá à Suprema Corte dos Estados Unidos, onde tem sede, para discutir o congelamento de seus ativos no Brasil, classificado por ela como "ilegalidade grosseira". Também houve reação interna à iniciativa de Moraes. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) acionou o STF para que todos os ministros analisem a legalidade de punir indistintamente brasileiros que tentem acessar o X via VPN. "É uma medida sem amparo legal. Não se pode impor uma sanção sem o direito de defesa

1º de setembro	2 de setembro	3 de setembro
A Starlink afirma que não iria suspender o X	*A Primeira Turma do STF confirma a suspensão da rede social*	*A empresa recua e aceita bloquear o acesso ao X, mas não paga as multas*

JOHN KEEBLE/GETTY IMAGES

EXCESSO Starlink: ativos congelados para quitar multas de outra empresa

e o contraditório, ainda mais quando possui o potencial de atingir milhões de brasileiros", diz o presidente da entidade, Beto Simonetti. Aguarda-se agora o recurso contra a suspensão do X, não julgado até o fechamento desta edição.

Não é a primeira vez que Alexandre de Moraes parte para cima de gigantes da tecnologia que se recusam a cumprir ordens de remoção de conteúdo. Meses antes das eleições presidenciais, ele tirou do ar o aplicativo de conversas Telegram depois que a plataforma não bloqueou contas do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos, preso diversas vezes por determinação do ministro e hoje foragido. Na época, o aplicativo (que tem bem menos capilaridade e his-

EXPECTATIVA
Nunes Marques: o ministro indicou que pode levar ao plenário um recurso impetrado contra a suspensão do X

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

tória no Brasil) pediu desculpas pela negligência e foi restabelecido. Beligerante, Musk, ao que parece, não está disposto a ceder tão facilmente. O empresário prefere uma rede social sem regulação, que permita de tudo, inclusive mentiras e propagação de ódio, o que rende bilhões a ele, fortunas a influenciadores e turbulências a governos e países. Do outro lado da trincheira, Moraes alega que age para impedir que o X seja usado às vésperas da eleição municipal para a difusão de mentiras, violência e discursos antidemocráticos. Os fins, no caso do ministro, podem ser nobres, mas exigem sensibilidade, racionalidade e ponderação — aliás, qualidades de um grande magistrado. ■

DIFICULDADE Barbosa: articulações, por enquanto, se concentram em encontrar um partido

O DIFÍCIL CAMINHO DO MEIO

Depois de dois ensaios, ex-ministro do STF que se notabilizou no julgamento do escândalo do mensalão se prepara para estrear na política mirando a Presidência da República **MARCELA MATTOS**

Joaquim Barbosa @joaquimboficial · 30 de out de 2022

Saem de cena o grotesco, a barbárie e a intimidação como elementos indissociáveis do exercício cotidiano do poder; e a violação sistemática das leis e da Constituição como método de governar e como atalho para o atingimento de objetivos políticos e pessoais.

11 mil · 15 mil · 114 mil

Joaquim Barbosa @joaquimboficial · 30 de out de 2022

Venceram a Democracia, a civilidade, a reverência às normas consensualmente estabelecidas para reger o bom funcionamento da sociedade. Parabéns a Lula, a Alckmin e aos governadores democratimente eleitos neste domingo. E, claro, ao povo brasileiro.

2 mil · 6 mil · 60 mil

EM 2022 Bolsonaro e Lula: saem “o grotesco e a barbárie” e entra a “civilidade”

Joaquim Barbosa
@joaquimboficial

Infelizmente, em inúmeras “questões de sociedade”, o país é acéfalo. O Congresso, omisso, retrógrado, um horror! O Presidente da República, também omisso em muitas questões, em cima do muro em outras, conservador “à la carte”, é incapaz de liderar o país em várias áreas em que

12:38 PM · 24 de jun de 2024 · **369,5 mil** Visualizações

1 mil · 446 · 4 mil · 124

EM 2024 Lula: “omisso”, “conservador ‘à la carte’” e “incapaz” de liderar o país

EM JANEIRO DE 2022, Sergio Moro se reuniu a sós com o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa. A conversa, cujos detalhes ficaram mantidos em segredo, foi sobre política. Os dois tinham alguns pontos em comum. O ex-juiz da Lava-Jato havia conquistado notoriedade nacional ao conduzir os processos que desnudaram o maior esquema de corrupção já descoberto no país — sta-

AILTON DE FREITAS/AGÊNCIA O GLOBO

CORRUPÇÃO O ministro e o mensalão: processo levou à prisão petistas e aliados do governo Lula

tus que Barbosa também experimentou em 2012, quando relatou o escândalo do mensalão e condenou à prisão ex-deputados, dirigentes partidários, militantes petistas e aliados do presidente Lula durante o seu primeiro governo. Assim como Moro, o ex-ministro também deixou a magistratura e, diante da fama alcançada, era sondado a todo instante sobre a hipótese de disputar eleições. Barbosa chegou a se filiar a um partido, mas o projeto, por circunstâncias diversas, não avançou. No encontro realizado no apartamento do ex-ministro, no Rio de Janeiro, Moro convidou Barbosa para participar de um plano ambicioso: enfrentar nas urnas, ao mesmo tempo, Jair Bolsonaro e Lula. O ex-juiz se-

ria o candidato a presidente da República e o ex-ministro, o seu vice — uma chapa imbatível, segundo Moro.

O que parecia uma sacada política brilhante, no entanto, recebeu de pronto uma ducha de água fria. O ex-ministro do STF não apenas rechaçou a hipótese de assumir uma candidatura a vice como ainda deu um conselho a Moro: recomendou que ele desse uma pausa na incursão política, saindo dos holofotes por um tempo e aproveitando a juventude para investir na carreira de advogado. Depois, longe das amarras e de qualquer vinculação com os tempos da Lava-Jato, retomaria a vida pública. Era tudo o que o ex-juiz não queria ouvir naquele momento. Para complicar, dois meses depois da reunião, a dirigente do Podemos, o partido de Moro na ocasião, procurou Barbosa e ofereceu a legenda para que ele disputasse as eleições — concorrendo a qualquer cargo, inclusive à Presidência da República. Ao relatar essa história a um amigo, o ex-ministro conta que recusou o convite de imediato e submergiu — mas não para sempre.

Recentemente, Joaquim Barbosa deu aval a um movimento pela retomada de seu projeto eleitoral, agora mirando a Presidência da República em 2026. Ele tem conversado abertamente com pessoas de sua confiança sobre seus planos. O primeiro passo é encontrar um partido e não repetir erros. Em 2018, quando se filiou ao PSB, o ex-ministro esbanjava impressionantes 10% de intenções de voto, mesmo sem sequer ter oficializado a candidatura. Impulsionado pelos efeitos da Lava-Jato e pelas memórias do mensa-

lão, ele era a personificação do outsider que rivalizava com o sistema, na época um clamor popular que acabou dando a vitória ao ex-deputado Jair Bolsonaro, que assumiu o personagem. Dirigentes do PSB dizem ter a convicção de que o desfecho da eleição seria diferente com Barbosa no páreo. “Se tivesse o Joaquim, não teria tido o Bolsonaro”, afirma hoje Carlos Siqueira, presidente da sigla. Neófito, o ex-ministro foi alvo de fogo amigo e desistiu da disputa quando percebeu que a cúpula do partido já estava inclinada a apoiar Fernando Haddad. Em 2022, chegou a iniciar as articulações, mas levou uma nova rasteira. O PSB estava decidido a aderir ao PT.

O projeto político de Joaquim Barbosa tem data marcada para começar. O roteiro prevê que as conversas com as legendas sejam intensificadas desde já, para que ele esteja de casa nova até abril de 2025 e tenha tempo de estabelecer uma vida partidária, evitando novas querelas. Não será uma tarefa fácil. A maioria das legendas tem “donos” e o ex-ministro não pode se dar ao luxo de se filiar a qualquer agremiação. Vencida essa etapa, ele pretende colocar o pé na estrada para retomar a popularidade que já teve um dia e expor algumas posições políticas. Por enquanto, esse trabalho vem sendo feito nas redes sociais — e faz barulho. Na semana passada, pouco antes de o X ter as suas operações barradas no Brasil, o ex-ministro foi à plataforma para criticar a posição claudicante do presidente Lula em relação às eleições na Venezuela. “O governo brasileiro vai persistir na ambiguidade que permitiu à ditadura ve-

REPRODUÇÃO

CANDIDATURA Moro: o ex-juiz da Lava-Jato queria Barbosa como seu vice

nezuelana ganhar tempo e consolidar o golpe?", questionou. Em junho, enquanto deputados avançavam em um projeto que equipara o aborto ao crime de homicídio, criticou o Congresso e outra vez mirou em Lula, apontando o presidente como "omisso em muitas questões", um "conservador à la carte", "incapaz" e que coloca o Brasil "na vanguarda do obscurantismo" — manifestação diferente da de 2022, quando ele, ainda no primeiro turno, anunciou apoio ao petista. Em vídeo postado, explicou a decisão argumentando que o então presidente Bolsonaro não era um "homem sério", além de ser visto nas grandes democracias "como um ser humano abjeto e desprezível, uma pessoa a ser evitada".

Nesta nova empreitada, Barbosa quer se apresentar como uma alternativa a Lula e a Bolsonaro. Em conversas nas quais tratou sobre a sua candidatura, se definiu como um militante de centro-esquerda comprometido com a agenda progressista. Afirma que foi durante os onze anos em que esteve no Supremo que a Corte avançou em temas como união estável entre pessoas do mesmo sexo, aborto de anencéfalos e a validação de um sistema de cotas raciais — todos chancelados por ele. Pelo lado econômico, é favorável às privatizações, defensor do rigor fiscal e da independência do Banco Central. Na diplomacia, afirma que se uniria aos países que não reconheceram as eleições de Nicolás Maduro e, a um aliado, chegou a dizer que Lula, ao impedir que haja uma voz uníssona da comunidade internacional, será "cúmplice" se algo de pior acontecer aos opositores do ditador venezuelano. No terreno político, uma de suas principais bandeiras será o fim da reeleição, definida por ele como uma maneira nociva de perpetuar castas políticas.

Em tese, as propostas, o discurso e o próprio perfil do ex-ministro agradariam àquele eleitorado que costuma apostar em mudanças mais radicais. Observadores políticos, no entanto, destacam que, apesar da polarização, as circunstâncias atuais não favorecem candidaturas construídas fora do sistema político. "Em geral, pessoas antissistema costumam aparecer em momentos que a ciência política chama de eleições críticas, como foi a de 2018. Tinha uma crise econômi-

ca, tinha um movimento de repulsa às instituições e a deslegitimação de todo o sistema político, com o impeachment de uma presidente e uma reprovação recorde do presidente que a substituiu. Era a política num país de ponta-cabeça, praticamente um convite ao outsider", afirma o cientista político Antonio Lavareda, especialista em marketing eleitoral. "Em 2026, dificilmente vamos ter um quadro tão crítico. Imagino que será uma eleição com as pedras que já estão no tabuleiro", acrescenta.

Nomeado por Lula em 2003, Joaquim Barbosa foi o primeiro homem negro — e o único até aqui — a ocupar a presidência da mais alta Corte do país. Na função, não bateu continência ao presidente e se tornou o primeiro grande algoz dos governos petistas, ao expor ao país as entranhas de um esquema de corrupção que levou à condenação e prisão de figuras como o ex-ministro José Dirceu e o ex-deputado Valdemar Costa Neto, atual presidente do PL, partido de Jair Bolsonaro. O magistrado se aposentou em 2014 e chegou a ser eleito pela revista *Time* como um dos 100 mais influentes do mundo, após driblar uma infância humilde. Recentemente, ele se reuniu com um coletivo de mulheres negras. Após o encontro, afirmou que o Brasil "tem sede de representação racial". Depois, contestou decisões recentes do Supremo, como o fim da condenação em segunda instância, lamentou o fato de a impunidade voltar a ser a tônica do país e criticou a retomada do aparelhamento do Estado. O ex-ministro emergiu. ■

A SOLIDÃO DA USP

Não faz parte das ambições do país ter as melhores universidades

EM RECENTE debate sobre "autonomia universitária", no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, os professores Simon Schwartzman e Arlindo Philippi Jr. perguntaram por que o Brasil tem "apenas a USP entre as 100", em vez de "algumas entre as cinquenta melhores". Considerando nossa relevância demográfica e econômica, com 8 milhões de alunos no ensino superior, deveríamos estar em melhor posição. Sabe-se que sem autonomia para pensar e ensinar fica impossível um sistema universitário de qualidade.

Uma razão fundamental de nosso atraso é que não faz parte das ambições nacionais estarmos entre os países com as melhores universidades do mundo. Optamos por termos muitas, mas não as melhores universidades; por massificar o número de alunos, e não por solidificar a qualidade da formação. Nós nos concentramos na meta de superar a injustiça de que só a elite econômica tem diploma universitário. Decidimos facilitar o acesso ao diploma, ignorando que a injustiça decorre do indecente descuido com a qualidade e a equidade na oferta de educação de base.

No lugar de buscarmos escolas de máxima qualidade para todos, preferimos aceitar a desigualdade na base e compensar a injusta aberração social deixando de oferecer a mesma chance para todos e levar em conta o mérito do talento e do esforço de cada um. Determinamos que não é possível a mesma chance para todos e abolimos a exigência de mérito. Adotamos a autonomia sob a forma de autocentrismo para servir à própria comunidade acadêmica, e não ao país e à humanidade. O professor José Fernando Perez lembrou que nossas universidades só aceitam reitores que sejam da própria universidade e perdem a chance de ter dirigentes melhores. As universidades em posições melhores no ranking são mais ligadas à realidade, levam em conta as necessidades da população e as demandas do mercado. Não são prisioneiras de recursos apenas de governos, recebem doações, vendem serviços e ganham por patentes que desenvolveram.

“Há 10 milhões de analfabetos que saberiam ler e escrever se tivessem estudado no momento certo”

A mais decisiva razão por estarmos atrás no ensino superior é o descuido histórico com a educação anterior à universidade. Todos os países com ensino superior de qualidade recebem nas universidades alunos bem preparados na base. As nossas desprezam até mesmo o problema que mais lhes afetam: a má qualidade da educação inicial, o imenso contingente de jovens que não terminam o ensino médio e aqueles que terminam sem qualidade. Ignoram, enfim, os cérebros desperdiçados entre os 10 milhões de adultos analfabetos, que saberiam ler e escrever se tivessem estudado no momento certo. Talvez em nome da justiça social nossas universidades prefeririam aceitar analfabetos do que participar de esforço pela erradicação do analfabetismo.

Não temos mais universidades entre as melhores porque não temos essa meta e achamos que elas estão bem, apenas carecem de mais dinheiro público para gastá-lo com autonomia, sem reformar a estrutura. Sobretudo porque não contamos com alunos preparados, falando idiomas, que conhecem as bases das ciências e da matemática, buscando o ensino superior por vocação, e não por falta de um ofício e de conhecimento básico para enfrentar a vida. ■

SANTOS DE CASA

A um mês das eleições, alguns dos políticos mais poderosos do país enfrentam dificuldades para impulsionar seus candidatos em suas bases eleitorais **RICARDO CHAPOLA**

EM MACAPÁ Davi e Josiel Alcolumbre: frente ao iminente fracasso, o irmão do senador desistiu de concorrer à prefeitura

INSTAGRAM @JOSIELALCOLUMBRE

É CONSENSO em Brasília que o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) conquistou nos últimos anos um lugar na galeria dos políticos mais poderosos do país. Discreto, em 2019 ele ascendeu à presidência do Congresso com o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro. Articulado, além de exímio operador, foi um dos maiores beneficiários das verbas do chamado orçamento secreto. Popular entre seus pares, ele se prepara para voltar ao posto mais alto do Legislativo, com o apoio do governo Lula e sem romper os laços com a oposição. Essas habilidades, porém, ainda não foram suficientes para o senador concretizar um de seus principais projetos: eleger o irmão como prefeito de Macapá. A última tentativa fracassou. O empresário Josiel Alcolumbre chegou a ser anunciado como candidato ao cargo, mas desistiu da disputa na véspera da formalização da chapa. A decisão foi proclamada como um gesto de altivez dos irmãos diante da necessidade de unir a oposição no município. O motivo verdadeiro, no entanto, nada tinha de magnânimo.

Pouco antes do início da campanha, as pesquisas já indicavam o absoluto favoritismo de Antônio Furlan, o atual prefeito, que concorre à reeleição. Ele aparecia com 76% das intenções de voto, contra 5% de Josiel. Uma derrota acachapante não seria um bom ponto de partida para dar sequência a um projeto bem mais ambicioso. Davi Alcolumbre planeja governar o estado no futuro. O irmão já havia disputado, sem sucesso, a prefeitura de Macapá em 2020. Um novo fracasso poderia atestar de vez a fragilida-

REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS

EM BH Rodrigo Pacheco e Fuad: apoio do senador e reeleição do prefeito ameaçada

de política da família, particularmente do próprio senador — por isso, a decisão de abandonar a disputa. "Eles retiraram a candidatura porque havia entendimento de que a manutenção poderia nacionalizar a campanha, o que não seria bom para ninguém, especialmente para quem quer voltar a presidir o Congresso", explica o deputado estadual Hildegard Gurgel (União Brasil-AP), aliado dos Alcolumbres no estado. "O nosso foco agora é fazer o maior número possível de vereadores", destacou.

Mais influente em Brasília, no momento, do que em Macapá, Davi Alcolumbre é o franco favorito para substituir o atual presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco, outro personagem de elite que não demonstra a mesma influência

política no seu quintal. Em 2018, o senador elegeu-se por Minas Gerais, batendo nas urnas a ex-presidente Dilma Rousseff. A campanha deixou mágoas entre os petistas do estado. Em 2021, ele foi eleito para comandar o Congresso com o apoio da bancada ligada a Jair Bolsonaro, de quem começou a se afastar meses depois. Em 2023, foi reeleito, dessa vez com o aval de Lula e a benção do PT. Nos últimos meses, em claros acenos ao bolsonarismo, Pacheco tem impulsionado pautas que fustigam o governo. O resultado desse comportamento errático, avaliam os aliados do presidente do Congresso, vem refletindo negativamente na sua principal base eleitoral: Belo Horizonte.

Na capital mineira, dez candidatos disputam a prefeitura. Fuad Norman, aliado de Pacheco, concorre à reeleição. Ele tem o maior arco de alianças, o maior tempo de propaganda na TV e a vantagem da máquina pública. As pesquisas mostram Fuad tecnicamente empatado com outros três candidatos. O apresentador Mauro Tramonte, o líder, aparece com 30% *(leia a reportagem "Bom de audiência", nesta edição).* "Temos levantamentos internos que mostram a melhora no desempenho do prefeito. Ele está subindo e vai se isolar na segunda colocação em breve", diz, otimista, o deputado estadual Cássio Soares, presidente do PSD no estado. Rodrigo Pacheco tem planos de disputar o governo de Minas Gerais em 2026. Assim como para Davi Alcolumbre, seu candidato vencer em Belo Horizonte seria, acima de tudo, uma demonstração de vitalidade política — dele e do parti-

do. Uma derrota acachapante pode enterrar definitivamente o projeto.

Na categoria dos políticos de primeiro escalão que enfrentam problemas no seu quadrado, o deputado Arthur Lira (PP-AL), o poderoso presidente da Câmara, é, em tese, uma exceção. Em Maceió, se não houver uma reviravolta, é dada como praticamente certa a reeleição do prefeito João Henrique Caldas, o JHC, do PL. Na última pesquisa divulgada pelo instituto Quaest, ele tinha 74% das intenções de voto, o que lhe asseguraria a vitória no primeiro turno. Lira, porém, não está comemorando como gostaria. O favoritismo do prefeito já era esperado e tem mais a ver com a avaliação positiva dos eleitores sobre a administração do que com a influência do deputado. JHC é cotado para disputar o governo do estado em 2026. Se isso se confirmar, o vice assumirá o cargo. Lira tentou até o último momento indicar o candidato a vice, o que lhe permitiria no futuro assumir indiretamente o controle político do maior colégio eleitoral de Alagoas. O santo de casa, porém, não fez milagre. ■

GUIDO JR/FOTOARENA

EM MACEIÓ Lira e JHC: aliança política não beneficiou o presidente da Câmara

BOM DE AUDIÊNCIA

Ex-âncora de programa popular da TV, Mauro Tramonte acena ao eleitor de centro, ganha apoio de políticos rivais e vira favorito em Belo Horizonte

VALMAR HUPSEL FILHO

DANDO AS MÃOS Tramonte, com Kalil *(de azul)*: longe da polarização

INSTAGRAM @MAUROTRAMONTEREAL

DEZ ANOS depois de estrear como apresentador do *Balanço Geral*, programa de forte apelo entre as camadas mais populares, o jornalista Mauro Tramonte (Republicanos) elegeu-se como o deputado estadual mais votado de Minas Gerais em 2018. Seis anos e uma reeleição depois, o capital político consolidado por aparições diárias na TV — da qual se afastou em junho deste ano — continua dando frutos. Mesmo com apenas cinquenta segundos no horário eleitoral e sem apoio de Lula ou de Jair Bolsonaro, que polarizam a cena política nacional, o apresentador está na liderança da disputa pela prefeitura de Belo Horizonte, terceiro maior colégio eleitoral do país, com 30% das intenções de voto, segundo pesquisa Quaest *(veja o quadro na pág. ao lado)*. Com isso, virou o adversário a ser perseguido em uma corrida que estava absolutamente embaralhada até a sua entrada no páreo, em maio.

Tramonte chegou à liderança com um perfil construído longe da radicalização. Embora tenha se beneficiado da onda de renovação de 2018, quando se apresentou como um outsider e foi eleito deputado com 516 000 votos, o jornalista se autodefine como um político de centro. Seu afastamento da polarização nacional é apontado por ele mesmo como o motivo da queda expressiva na votação em 2022, quando foi reeleito com 110 000 votos. Neste ano, pretende se manter longe das discussões que envolvem lulistas e bolsonaristas, mes-

ABRINDO VANTAGEM

Ex-âncora do Balanço Geral *se descola de adversários na eleição da capital mineira*

Candidato	%
MAURO TRAMONTE (REPUBLICANOS)	30%
DUDA SALABERT (PDT)	12%
BRUNO ENGLER (PL)	12%
FUAD NOMAN (PSD)	9%
CARLOS VIANA (PODEMOS)	8%
ROGÉRIO CORREIA (PT)	6%
GABRIEL AZEVEDO (MDB)	2%
WANDERSON ROCHA (PSTU)	1%
INDIRA XAVIER (UP)	1%
LOURDES FRANCISCO (PCO)	0%
INDECISOS	10%
BRANCO/NULO/NÃO VÃO VOTAR	9%

Fonte: *pesquisa Quaest feita entre 25 e 27 de agosto com 1002 entrevistados e registrada na Justiça Eleitoral sob o número MG-09915/2024. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou menos*

mo porque os dois grupos têm candidatos próprios na capital mineira: o deputado federal Rogério Correia (PT) e o deputado estadual Bruno Engler (PL). Tramonte, por outro lado, conseguiu atrair para seu palanque dois nomes de peso no estado: o governador Romeu Zema e o ex-prefeito da cidade Alexandre Kalil.

Embora tenha construído seu capital político narrando crimes, episódios excêntricos da vida cotidiana ou histórias variadas de apelo popular, a plataforma de Tramonte para a prefeitura se escora em sua vida política. Como cartão de visita, mostra projetos que apresentou como deputado, como o de tombamento da Serra do Curral, além da destinação de emendas para escolas, hospitais e defesa civil. Ele evita temas ligados aos costumes, que mobilizam o eleitorado mais à direita. Questionado sobre aborto, por exemplo, diz apenas que vai "cumprir a lei". A aposta é na guinada do eleitor belo-horizontino para a centro-direita nos últimos anos, depois de eleger cinco prefeitos de centro-esquerda, do PSDB ao PT. "Desde 2016, com Kalil, o eleitor pendeu para o lado conservador, e isso se reflete na lista de candidatos, com quatro da centro-direita e dois da centro-esquerda", avalia Carlos Ranulfo, cientista político e professor da UFMG. Segundo Tramonte, o tempo à frente do programa foi importante para se tornar conhecido, mas não será suficiente para garantir o triunfo. "A imagem ajuda, mas as pessoas não querem saber só do apre-

FOTOS REPRODUÇÃO

NA TELA Notícias populares: no *Balanço Geral,* o apresentador alternava crimes bárbaros com histórias excêntricas

sentador de TV, por isso estamos gastando sola de sapato pela cidade", afirma.

A estratégia dos adversários se apoia em duas frentes. Uma é jogar luz exatamente sobre sua carreira como deputado, que eles consideram pífia. Outra é apostar no peso de Lula e Bolsonaro. Dono do maior tempo de TV, Bruno Engler (PL) usa à exaustão a imagem de Bolsonaro, que foi a Belo Horizonte apoiá-lo em um ato de rua. Rogério Correia (PT) se sustenta em Lula, que gravou vídeos para o candidato. "Ele vai apanhar dos eleitores do Lula pela ligação com Zema, e dos eleitores de Bolsonaro por causa do apoio do Kalil", aposta Correia.

O uso da TV para entrar na política não é um fenômeno raro no Brasil. Nomes como Clodovil, Wagner Montes, Jorge Kajuru, Celso Russomanno e Roberto Jefferson são alguns exemplos de condutores de programas populares que foram sucesso nas urnas. Nos últimos anos, até pela concorrência com as celebridades da internet, isso tem se tornado mais difícil. Um exemplo é José Luiz Datena, ex-âncora de programas como *Cidade Alerta* (Record) e *Brasil Urgente* (Band), que patina na disputa em São Paulo, em especial depois da ascensão de um fenômeno gerado nas redes sociais, o coach Pablo Marçal (PRTB). Alavancado pela TV, o desafio de Tramonte é manter seu ibope em alta em meio ao pelotão de concorrentes que pretendem desafiá-lo até o horário nobre da eleição: o dia da votação. ■

FACEBOOK @EMILIACORREAOFICIAL

EMÍLIA CORRÊA (PL)

Defensora pública, ganhou fama com quadro na Record. Hoje é vereadora

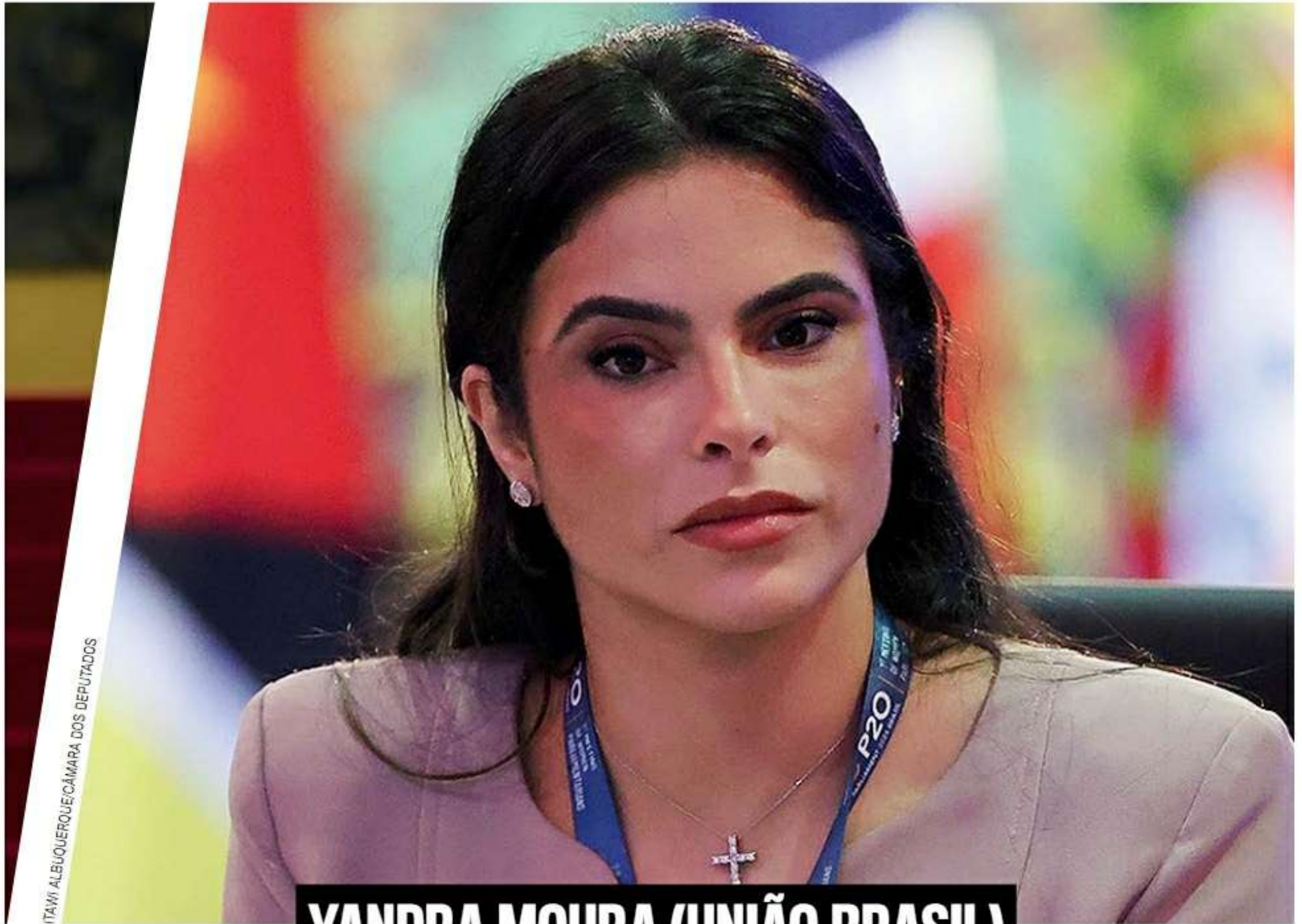
PELOTÃO FEMININO

Na contramão do país, que só registra 15% de candidatas a prefeita, Aracaju tem cinco mulheres pontuando na luta pelo comando da cidade, três delas nas primeiras posições

BRUNO CANIATO

DANIELLE GARCIA (MDB)

Ex-secretária da Mulher, é delegada. Tem apoio do governador do estado

O PT mal havia completado cinco anos de existência quando, em novembro de 1985, a professora universitária Maria Luíza Fontenele protagonizou um momento histórico no Brasil — nas eleições municipais daquele ano, as primeiras diretas no país desde o fim da ditadura, ela venceu nas urnas em Fortaleza e tornou-se a primeira mulher a assumir o comando de uma capital. Passadas quatro décadas, no entanto, a representatividade feminina na política nacional ainda enfrenta muitos

ITAWI ALBUQUERQUE/CÂMARA DOS DEPUTADOS

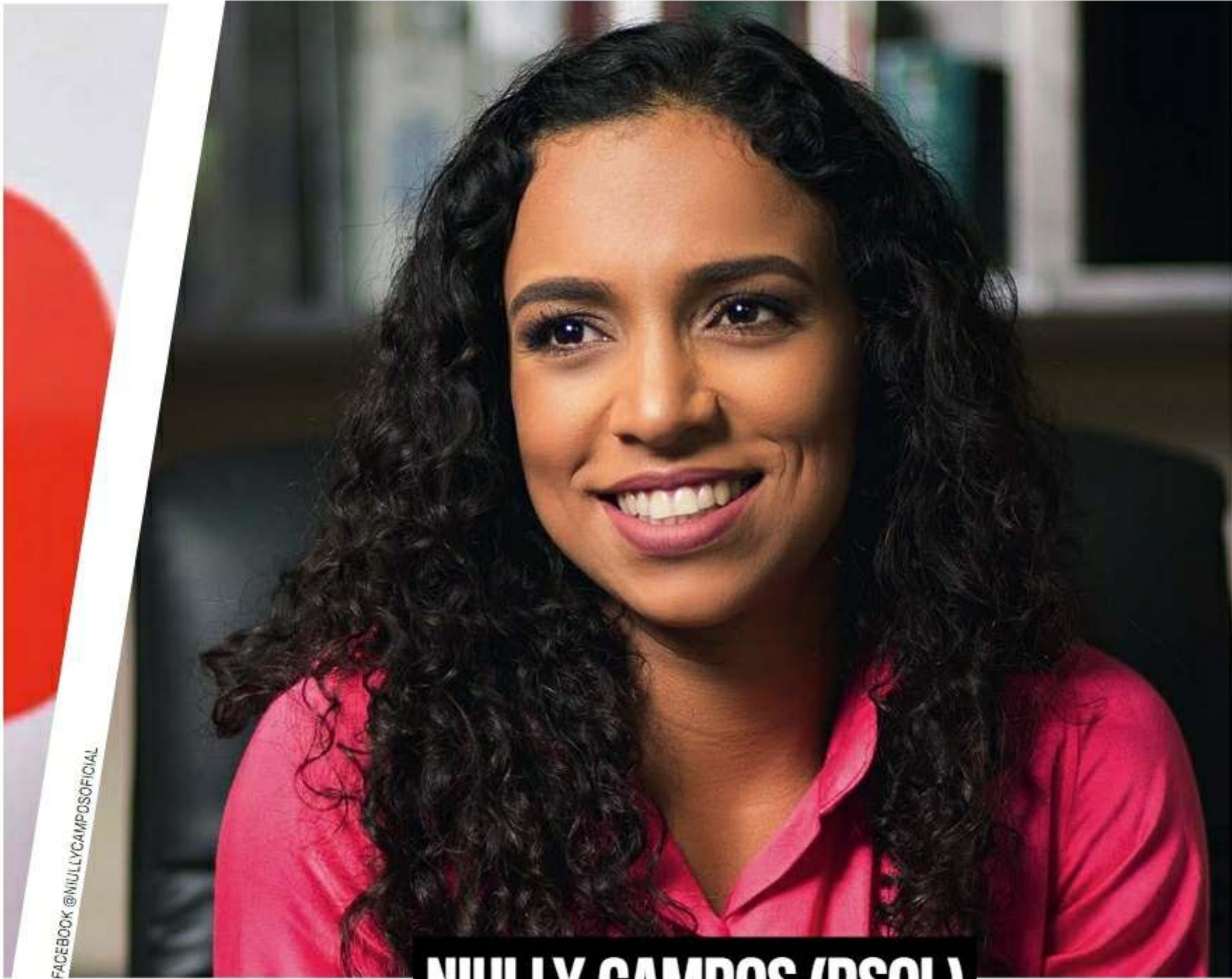
YANDRA MOURA (UNIÃO BRASIL)

Deputada federal e advogada, é filha de André Moura, ex-líder de Temer

obstáculos, tanto que, em 2020, apenas uma mulher, Cinthia Ribeiro (PSDB), foi eleita prefeita de uma capital, Palmas. Na disputa eleitoral deste ano, somente 15% dos postulantes a administrar uma cidade são mulheres, mas há uma capital que contraria de forma estrondosa a regra: Aracaju, onde nada menos que cinco candidatas a prefeita pontuam nas pesquisas, três delas nas primeiras posições da corrida *(veja a infografia acima e o quadro "As mulheres primeiro")*.

CANDISSE CARVALHO (PT)

Jornalista, mulher do senador Rogério Carvalho (PT). Tem o apoio de Lula

O perfil das concorrentes varia da esquerda à direita, mas há algumas coincidências. Quatro delas são do ramo do direito: a defensora pública Emília Corrêa (PL), que lidera isoladamente, a delegada Danielle Garcia (MDB) e as advogadas Yandra Mourão (União Brasil) e Niully Campos (PSOL). A quinta é a jornalista Candisse Carvalho (PT). O principal desafiante a uma vitória feminina é Luiz Roberto (PDT), também advogado, apoiado pelo prefeito Edvaldo Nogueira (PDT),

NIULLY CAMPOS (PSOL)

Professora de direito, foi ativista estudantil e disputa a quarta eleição

que governa a capital de Sergipe há dois mandatos, mas tem aprovação baixa: apenas 30% avaliam bem sua gestão, o que deixa o seu representante atrás de três mulheres.

As pautas das candidatas têm coisas em comum. Uma delas é endurecer o combate à violência contra a mulher, ampliar sistemas de acolhimento integral às vítimas de agressão e introduzir políticas de saúde direcionadas ao público feminino, com atenção especializada às gestantes e puérperas. Os planos

AS MULHERES PRIMEIRO

Disputa na capital de Sergipe tem defensora pública, delegada, duas advogadas e jornalista

Fonte: *pesquisa Quaest feita entre 23 e 25 de agosto com 852 eleitores e registrada na Justiça Eleitoral sob o número SE-09990/2024. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos*

de Emília e Yandra incluem cuidados com mães de crianças atípicas, enquanto Danielle promete creches comunitárias financiadas pelo município. Já as agendas de Candisse e Niully têm questões de direitos reprodutivos e de combate à violência obstétrica — a candidata do PSOL prega ainda garantir o amplo acesso ao aborto na rede pública a vítimas de estupro.

Os desafios das candidatas na disputa não são poucos. As concorrentes relatam agressões nas redes sociais, lamentam a cultura do machismo e criticam a pressão dentro dos próprios partidos para relegar as candidaturas a cargos coadjuvantes e destinar mais recursos aos homens. “Recusei oferta para concorrer como vice por outra legenda, firmando uma aliança, por insatisfação com esse papel sempre delegado às mulheres de compor chapas e cumprir cotas”, diz Danielle Garcia. A corrida dominada por mulheres anima as postulantes à prefeitura. “Nós representamos a possibilidade de colocar em prática transformações necessárias para o nosso município”, afirma Yandra Moura.

Para analistas, o quadro é resultado de uma combinação de fatores locais, regionais e pessoais. Em 2023, o governo, comandado por Fábio Mitidieri (PSD), foi pioneiro ao criar uma secretaria especializada de políticas para mulheres — a pasta foi assumida pela hoje candidata Danielle Garcia. No mesmo ano, os nordestinos elegeram as duas únicas mulheres governadoras: Raquel Lyra (PSDB), em Pernambuco, e Fátima Bezerra (PT), no Rio Grande do Norte. “O Nordeste tem sido um terreno fértil para candidaturas femininas, e as concorrentes em Aracaju têm demonstrado carisma, discurso atrativo e talento para transitar

DIVULGAÇÃO/PDT

DIFICULDADE Luiz Roberto, do PDT *(no centro)*: governista está em quarto lugar

entre espaços de direita e esquerda", avalia Yuri Sanches, diretor de análise política na AtlasIntel.

Ainda há muito a avançar na representação feminina no país. No ranking da Inter-Parliamentary Union (IPU), o Brasil está na 133ª posição, com 17,5% de mulheres na Câmara. Para se ter uma ideia do vexame, o país fica atrás de nações como Arábia Saudita, Turquia e Azerbaijão. Solução paliativa, as cotas de gênero existem desde a década de 1990, mas o seu cumprimento era pouco fiscalizado e só recentemente passou a receber a devida atenção dos partidos. Em muitos casos, por más intenções, com a ocorrência de fraudes e o lançamento de candidaturas "laranjas". "As cassações e a vinculação do fundo eleitoral às cotas incentivam o cumprimento da lei, mas é preciso pressão pública sobre as legendas para incentivar a formação de lideranças femininas", avalia Ana Claudia Santano, diretora-executiva da Transparência Eleitoral Brasil. Considerando-se esse contexto, Aracaju ainda representa uma exceção, infelizmente. ■

A PRAIA É NOSSA

Poucos pleitos Brasil afora mobilizam tanto o clã Bolsonaro quanto o de Angra dos Reis, cidade da Costa Verde fluminense onde a família tem casa e sonha ver nascer uma Cancún **LUDMILLA DE LIMA**

BELEZA NA MIRA
Angra: o plano é lotar o mar cristalino de cruzeiros e turistas

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

A META do PL para o pleito municipal que se avizinha não é modesta — o partido mira um patamar de 1 500 prefeituras, cerca de um quarto das cadeiras em jogo, depositando as fichas em Jair Bolsonaro como cabo eleitoral. Só que a estratégia vem esbarrando em dois empecilhos: o ex-presidente não tem até agora conseguido transferir seu capital político em disputas centrais, como Rio de Janeiro e São Paulo, e ainda por cima escolhe a dedo os páreos nos quais quer mesmo se envolver. E é aí que surpreende o tanto de atenção e esmero que dedica agora a Angra dos Reis, a cidade de 168 000 habitantes encravada na exuberante Costa Verde fluminense, onde ele tem casa de veraneio em meio a um pontilhado de propriedades de empresários e celebridades.

O foco nesse privilegiado naco do litoral, banhado por mar cristalino, é embalado por um projeto em que Bolsonaro martela desde os tempos em que ocupava o Palácio do Planalto e não lhe deixa a cabeça. Ele sonha fazer de Angra uma versão brasileira da mexicana Cancún, povoando a paisagem com hotéis de bandeira internacional e lotando a costa de cruzeiros, para arrepio de quem quer manter o verdejante cenário preservado.

É eleição de altas bolas divididas, o que não parece esmorecer o ímpeto do clã bolsonarista de atuar naquelas praias. Os trabalhos começaram por lá com o rompimento com um aliado de longa data, o prefeito Fernando Jordão, do mesmo PL, que, não podendo mais concorrer à

INSTAGRAM @RENATOARAUJORJ

SUOR ENVOLVIDO Bolsonaro e Araújo: a corrida pela prefeitura não anda fácil

reeleição, indicou à vaga o amigo e ex-secretário de Obras Cláudio Ferreti, do MDB. A decisão enfureceu Bolsonaro, que garante que o combinado era ser consultado. E não deu outra: o ex-presidente logo abandonou o barco do alcaide, alçando o empresário Renato Araújo a postulante pelo PL e rachando a legenda. "Levei até um susto", conta Araújo. Neófito na política, ele soube ter sido ungido a candidato em dezembro passado, quando acompanhava a posse do presidente Javier Milei em Buenos Aires, levado pelo senador Flávio Bolsonaro, o integrante da família de quem é mais próximo.

A cisão na Costa Verde desencadeou uma série de movimentações, com caciques do MDB tentando costurar

uma via alternativa junto a Bolsonaro, que não quis papo e, não satisfeito, converteu Angra em uma passarela bolsonarista: já apareceram por ali pedindo votos para Araújo o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), o pastor Silas Malafaia e até Padre Kelmon, enquanto o deputado federal Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) foi o escalado pelo próprio Bolsonaro para coordenar a campanha.

Nestes últimos dias, a contenda só fez subir de tom, com os trechos menos nobres da biografia de cada qual vindo à luz. Ferreti, o candidato do prefeito Jordão, é atacado por ter sido alvo de uma investigação por fraudes em licitações e por um processo de impugnação de sua candidatura recém-protocolado pelo Ministério Público Estadual — as contas da época em que comandava as obras no município foram rejeitadas, segundo o MP, por fatos que configuram improbidade administrativa. A Polícia Federal apura ainda se a gestão atual estaria cooptando ex-funcionários de Araújo para denunciá-lo por supostas irregularidades trabalhistas. Do outro lado do ringue, o preferido do clã Bolsonaro está à frente da polêmica construção de um condomínio que planeja abrigar mansões à beira-mar. As obras foram embargadas há dois anos sob a justificativa de mudanças no projeto que oferecem "risco de deslizamento e inundação". Em meio ao tiroteio de cá e de lá, Araújo é também cutucado por uma bolada de quase 500 000 reais que deve à prefeitura, por falhas na prestação de contas de um campeonato de jet ski. "Eles querem eleger uma pessoa

INSTAGRAM @PEKELMON

CABO ELEITORAL
Padre Kelmon em ação: passarela bolsonarista

despreparada e sem crédito na praça", dispara o prefeito Jordão. "Escolheram um cara que ficou 39 dias foragido", rebate Sóstenes, referindo-se a Ferreti. Procurados por VEJA, os candidatos negaram as acusações.

Um raro ponto que hoje une os dois polos do enroscado embate é o desejo de flexibilizar a legislação ambiental que protege as belezas naturais de Angra dos Reis. Cerca de 80% do município é coberto por Mata Atlântica, intocada graças também à Área de Proteção Ambiental de Tamoios e à Estação Ecológica de Tamoios, que juntas alcançam 214 quilômetros quadrados e abarcam setenta ilhas (na proximidade de uma delas, aliás, Bolsonaro foi autuado por pescar em área proibida). Para o ex-presidente, as restrições na região, patrimônio natural da Unesco, são um inaceitável freio de mão ao afluxo de turistas na cidade, na casa de 1,3 milhão por ano — dezesseis vezes menos que Cancún. Araújo segue na batalha pela prefeitura imbuído, como o

chefe, da ideia de converter Angra num destino à la riviera mexicana, no que depende da esfera federal. "Em 2026, teremos um Parlamento que resolverá esse decreto *(da estação ecológica)* e poderemos investir no setor turístico", defendeu Bolsonaro ao lado do apadrinhado. Por ora, o que está de mais concreto à mesa é uma sacudida na lei local de zoneamento para permitir que subam por lá prédios maiores, ao estilo de Balneário Camboriú, como quer a dupla, alheia às necessidades ambientais.

O palanque bolsonarista segue nessa mesma toada ao elencar entre suas promessas, esta mais ao alcance da administração municipal, uma ampla reforma do pequeno porto no centro de Angra. O plano é que dê conta de receber navios de grande porte. Os pescadores seriam então removidos, e a Rua do Comércio, fechada para pedestres. Todo esse discurso é repudiado por ambientalistas, que argumentam que o desaparecimento do cinturão verde em torno da cidade lhe subtrairia seu maior atrativo. "Esse é um modelo arcaico de turismo, que não enxerga nas unidades de preservação seu imenso potencial", avalia o ambientalista Ivan Marcelo Neves. O páreo promete ser duro. A última pesquisa de opinião, conduzida em maio pelo instituto Paraná Pesquisas, indicava uma vantagem de 15 pontos percentuais para a turma do atual prefeito — o que torna a maré eleitoral ainda mais revolta em Angra. Quem conhece bem Bolsonaro garante: ele vai até onde conseguir para fazer daquela costa sua própria praia. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

VITOR SALGADO/VALOR/FOLHAPRESS

NOVAS PRAÇAS Baptista, da gestora Partage Malls: mais dois shoppings

Estreia no Planalto

Com catorze shopping centers no portfólio, a administradora Partage Malls, do empresário **Ricardo Baptista,** deve investir cerca de 800 milhões de reais na construção de dois centros de compras, o seu primeiro em Brasília e o segundo da rede em São Paulo, onde já tem o Santana Parque Shopping. A empresa não descarta eventual financiamento para completar os cheques.

Pouco espaço

A gestora Tria Capital, especializada em investimentos imobiliários, está estruturando um fundo de 400 milhões de reais para a Partage. “O setor vai

crescer por aquisições, o espaço para novos empreendimentos é limitado", diz Adriano Capobianco, diretor da Partage.

Sentindo o mercado

A varejista chinesa Alibaba, dona da marca AliExpress, está conduzindo estudos para abrir operação no Brasil, à moda das varejistas que possuem grandes centros de distribuição. Os estudos estão em fase preliminar.

Efeito Xandão

O interesse asiático surgiu há quatro meses, mas há cerca de duas semanas as conversas desaceleraram. Os chineses aguardam o desenrolar da briga entre o ministro Alexandre de Moraes e o empresário Elon Musk para definir o desembarque no país.

Quack!

Com cerca de 10 bilhões de reais em dívidas, a Dasa, que anunciou recentemente sociedade com a Amil para criar uma rede com 25 hospitais, colocou à venda alguns de seus outros ativos. Quase 4 bilhões de reais em dívidas foram transferidos para o novo negócio com a Amil. "A Dasa é um pato: anda, nada e voa, mas não faz nada direito", diz um ex-diretor da companhia.

Linha de tiro

A Dasa Empresas, vertical de saúde corporativa, é a divisão mais próxima de ser vendida. Quem acompanha de perto as negociações garante que ela deve ser comprada por algo entre 500 milhões e 700 milhões de reais. Saúde Ocupacional, Genoma e Homecare de-

vem ser as próximas a mudar de mãos.

Planos mantidos

Em meio a negociações com credores e rumores de recuperação judicial nos Estados Unidos, a companhia aérea Azul mantém a proposta de compra da Gol no radar. “Nada muda”, diz um diretor da companhia aérea.

Quero e não nego

A empresa de tecnologia Totvs não esconde o interesse na compra da Linx, se sua dona, a Stone, decidir-se pela venda. “Eles precisam definir o que querem da vida”, diz um diretor da Totvs, que não vai igualar a proposta de 7 bilhões de reais feita em 2020. Uma compra parcial não é descartada.

Compre aqui

Sem fazer alarde, a 99 lançou um serviço de venda de carros em sua plataforma. Por enquanto, só há modelos da BYD em oferta, e apenas motoristas parceiros podem comprar com condições especiais. O 99Loc, iniciativa parecida anterior, não decolou.

Público-alvo

Jovens de 18 a 24 anos são cerca de 35% das vítimas de tentativas de fraudes com apostas on-line. A maioria das ocorrências (77%) foi identificada por falhas nas tecnologias de biometria facial. O levantamento é da empresa de segurança digital CAF. ■

MELHOR QUE O ESPERADO

O vigor mostrado pela economia brasileira no primeiro semestre voltou a surpreender. A dúvida é se a melhora tem base para se sustentar ou se vai ser outro voo de galinha

JULIANA ELIAS

ALF RIBEIRO/FOTOARENA

MERCADO AQUECIDO Trabalhadores na construção: a taxa de desemprego em julho foi a menor em uma década

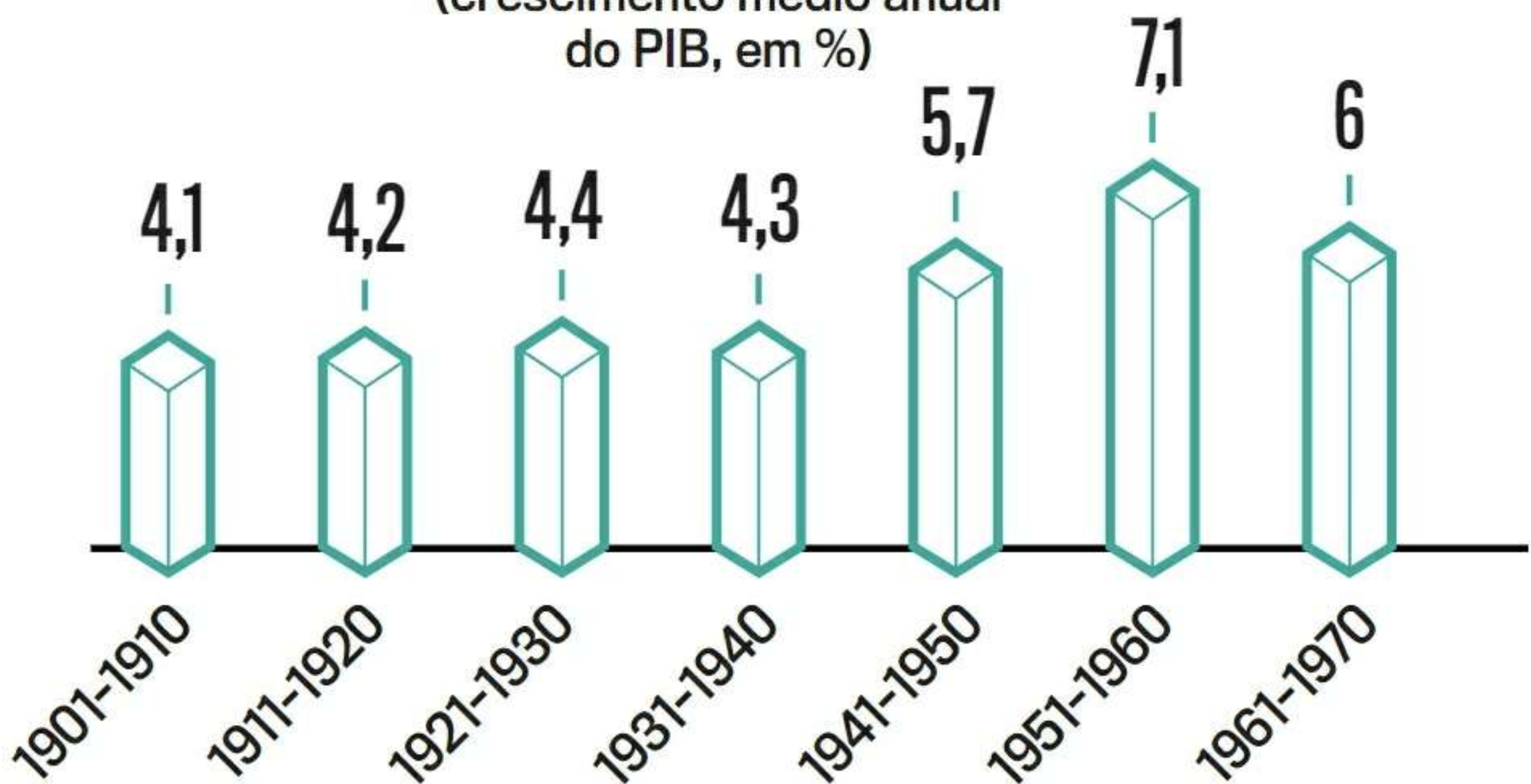
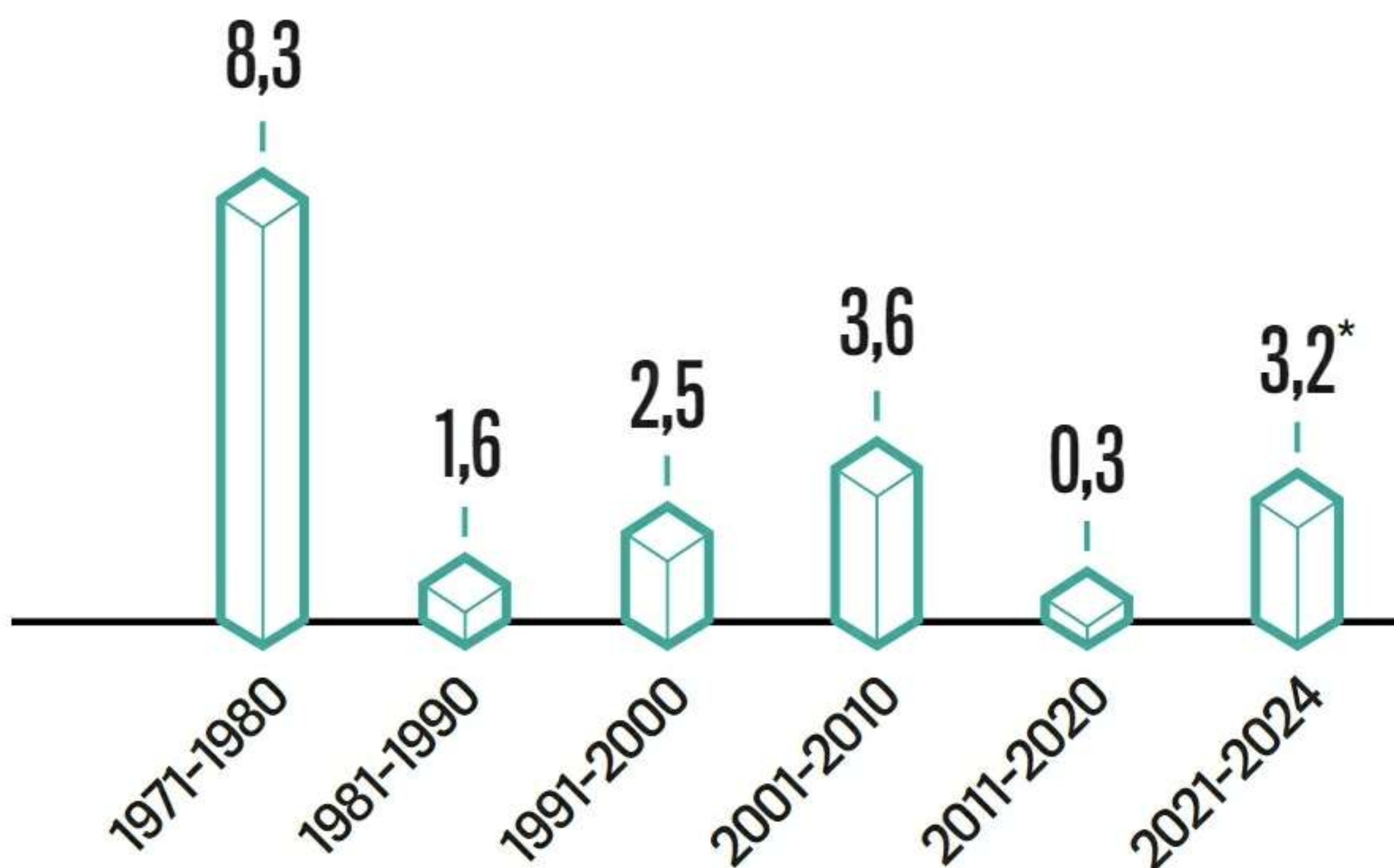
É algo raro, mas há ao menos um ponto em que Paulo Guedes, o ex-ministro da Economia do governo de Jair Bolsonaro, e o presidente Lula concordam: os analistas erraram feio a respeito da capacidade de o país crescer sob suas gestões. “Não ajudou em nada, só atrapalhou”, afirmou Guedes, em 2022, em uma de suas várias alfinetadas no Fundo Monetário Internacional. Explica-se: o FMI, no início da pandemia, em 2020, dizia que o produto interno bruto do Brasil iria afundar 9% naquele ano. Caiu 3,3%. “Eu quero alertar os pessimistas: este país vai crescer mais neste ano do que vocês falaram até agora”, bradou Lula em abril. Na última terça-feira, 3, o presidente pôde comemorar. Os números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostraram que o PIB cresceu 1,4% no segundo trimestre na comparação com o primeiro. Ante os mesmos meses de 2023, a alta é de 3,3% — um, digamos, “pibão”, que há tempos não se via.

O resultado foi melhor do que qualquer banco ou consultoria esperava e já obrigou todos eles a revisar para cima as suas projeções para 2024. Será o quinto ano seguido em que o desempenho da economia é melhor do que as apostas e, principalmente, mais forte do que estava antes. Entre recessões profundas e momentos de crescimento pífio, o PIB dos anos de 2010 avançou a uma agonizante média de 0,3% ao ano. A renda, medida pelo PIB per capita, terminou 2020 menor do que em 2010, algo que, em mais de um século, só tinha acontecido nos anos de 1980, a outra “década perdida” que o Brasil

viveu. De 2021 para cá, o crescimento médio ficou próximo de 3% ao ano.

As taxas mais altas e a sucessão de projeções subestimadas levam a uma questão natural: o Brasil voltou a crescer com firmeza? “Estudos mostram que, quando há erros sistemáticos, e em uma única direção, é indicação de que houve uma mudança estrutural na economia e que ainda não foi captada”, diz Fausto Vieira, pesquisador do Centro de Investigação em Economia e Finanças da Universidade de Brasília (UnB). “É como seguir estimando o consumo de combustível para um motor quando o país já tem um carro mais eficiente e você não sabe.”

RETOMADA?

Após a década perdida de 2011 a 2020, a economia iniciou uma reação de 2021 para cá

Que o Brasil cresceu com mais vigor é um fato. As divergências começam nas explicações para isso. De um lado, há os economistas que acreditam que o país ganhou alguma produtividade extra nesse período e pode agora crescer um pouco mais. Para outros, este foi um avanço peculiar do momento, que misturou recuperação econômica com bombas de estímulos fiscais, mas que já está perto de se esgotar. Os resultados do PIB guardam alguns argumentos a favor dos primeiros. Os investimentos cresceram 2,8% e engataram o terceiro trimestre seguido de evolução. Eles captam as inversões em máquinas, infraestrutura e tecnologia, e vêm de uma década em que definharam. “Temos mais investimentos e mais gente trabalhando, o que permite aumentar a oferta e

Fontes: *Ibre/FGV e IBGE* *Considera projeção de crescimento de 2,5% para 2024

viabilizar um crescimento mais sustentado", defende Claudio Considera, coordenador do Núcleo de Contas Nacionais da Fundação Getulio Vargas. Novas tecnologias, como as de conexão mais rápida, automação, uso de aplicativos e da inteligência artificial, também trouxeram mais produtividade. É algo ainda difícil de mensurar, mas o que se sabe é que o PIB do setor de tecnologia e comunicação é o que mais cresce hoje no país: ele já está 32% acima do nível pré-pandemia, enquanto a economia como um todo cresceu 10%.

Vieira, da UnB, destaca a agenda intensiva de reformas dos últimos anos, caso das mudanças nas leis trabalhistas, em 2017, na Previdência, em 2019, e de regulamentações setoriais como a Lei das Estatais (2016) ou o Marco Legal do

EDSON SILVA/FOLHAPRESS

OFERTA Indústria têxtil: investimentos em máquinas voltou a crescer

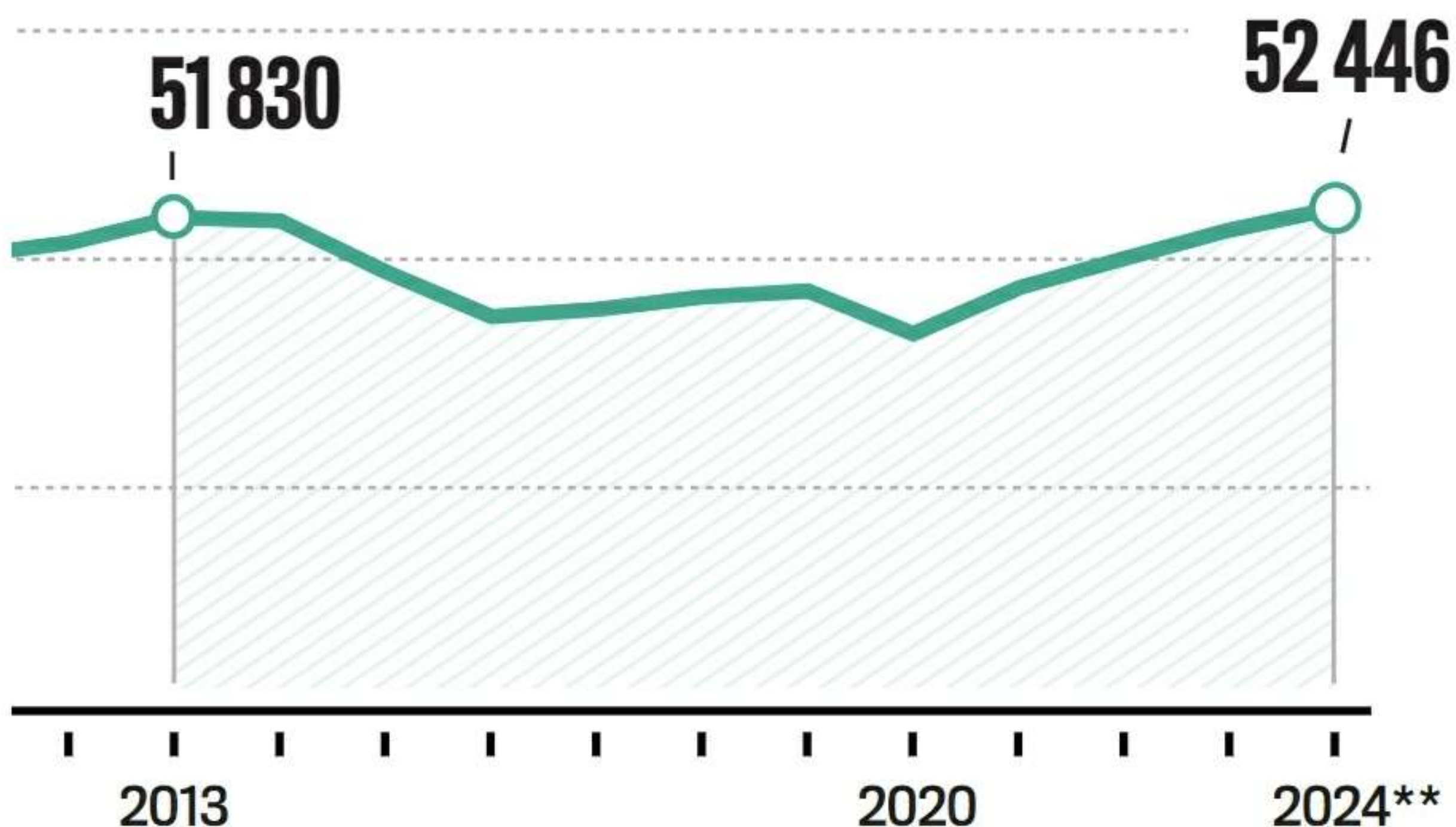
Saneamento (2021). "São reformas estruturais que estimulam investimentos e mexem diretamente com a produtividade", diz. Um estudo feito no ano passado pela UnB junto ao Ministério do Planejamento calculou que a expansão do PIB potencial do Brasil já teria subido da faixa de 1%, no período após a recessão de 2015, para 2% ou 2,5% atualmente. O PIB potencial é uma medida imaginária, mas importante, de tudo o que a economia é capaz de produzir e quanto pode crescer sem gerar inflação. No longo prazo, aumentar essa elasticidade, com mais infraestrutura, mais tecnologia e mais trabalhadores habilitados, é a única maneira de um país acelerar seu crescimento e poder melhorar a renda de sua população. Os cálculos variam, mas poucos especialis-

TEMPO PERDIDO

Depois de um recuo, a renda dos brasileiros deve voltar em 2024 ao nível de 2013

(PIB per capita ao ano, em reais*)

tas discordam de que o potencial do Brasil ficou um pouco maior nesta primeira metade da década de 2020.

A dúvida é se esse ganho se sustenta. Para muitos, já há sinais de que está se esgotando. “A fase do crescimento fácil já foi”, diz José Ronaldo de Souza, economista-chefe da Leme Consultores e pesquisador especializado em produtividade. “Viemos de uma década perdida, que tinha deixado muita capacidade ociosa para ocupar e que agora está perto do limite.” A indústria, que chegou a operar com 30% das fábricas paradas em 2016, está hoje com essa folga perto dos 16%, o menor nível desde 2014. A taxa de desemprego saiu de 15% na pandemia para menos de 7% em julho, o nível mais baixo em uma década. Entre as mudanças estão os serviços com aplicativos, como os de transporte, que hoje empregam milhões de brasileiros. Tudo isso significa que as

*Em valores de 2023 **Projeção Fonte: *Ibre/FGV. Elaboração: Silvia Matos*

ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

SURPRESA Lojas fechadas: PIB de 2020 caiu menos que o previsto

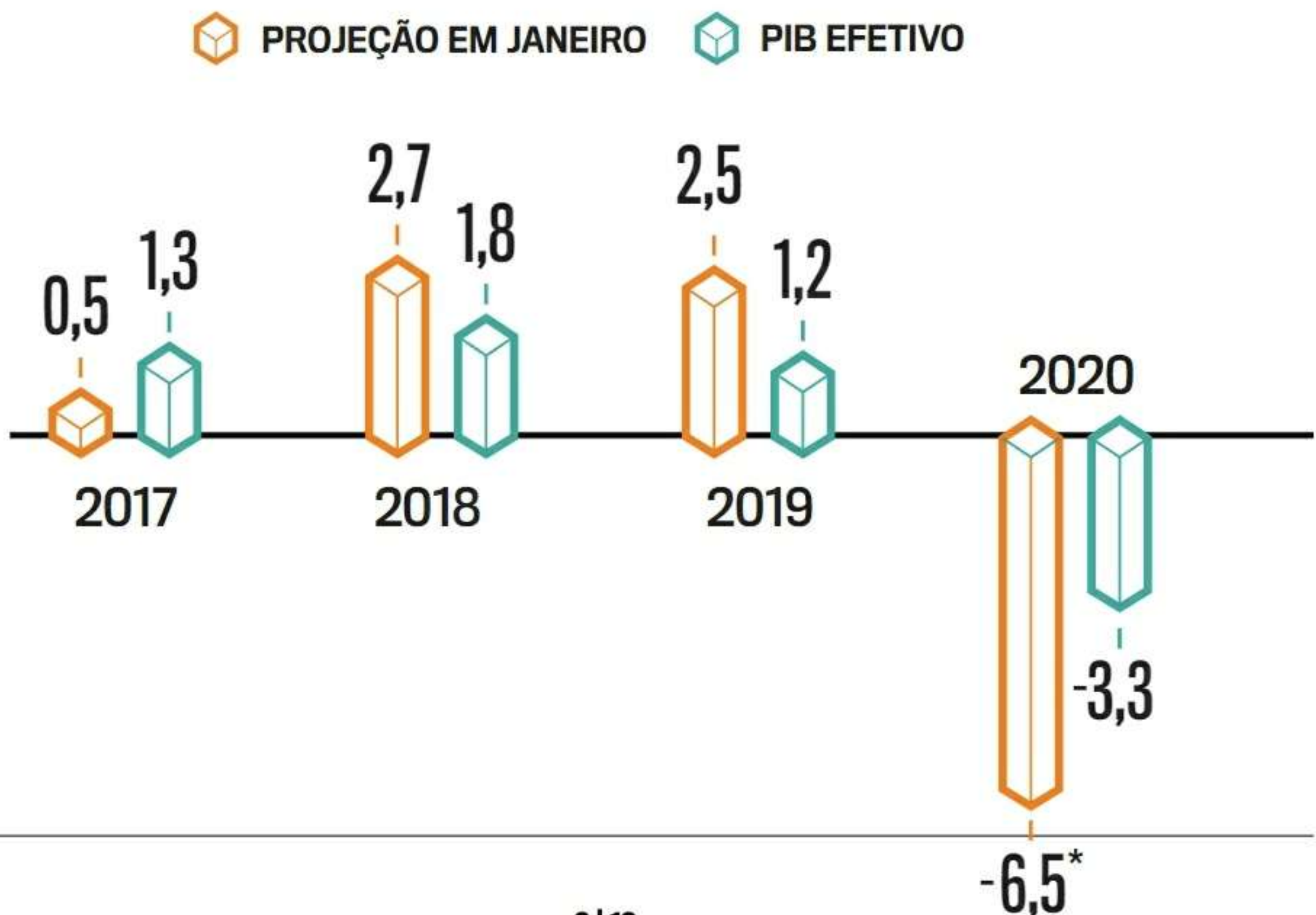
RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

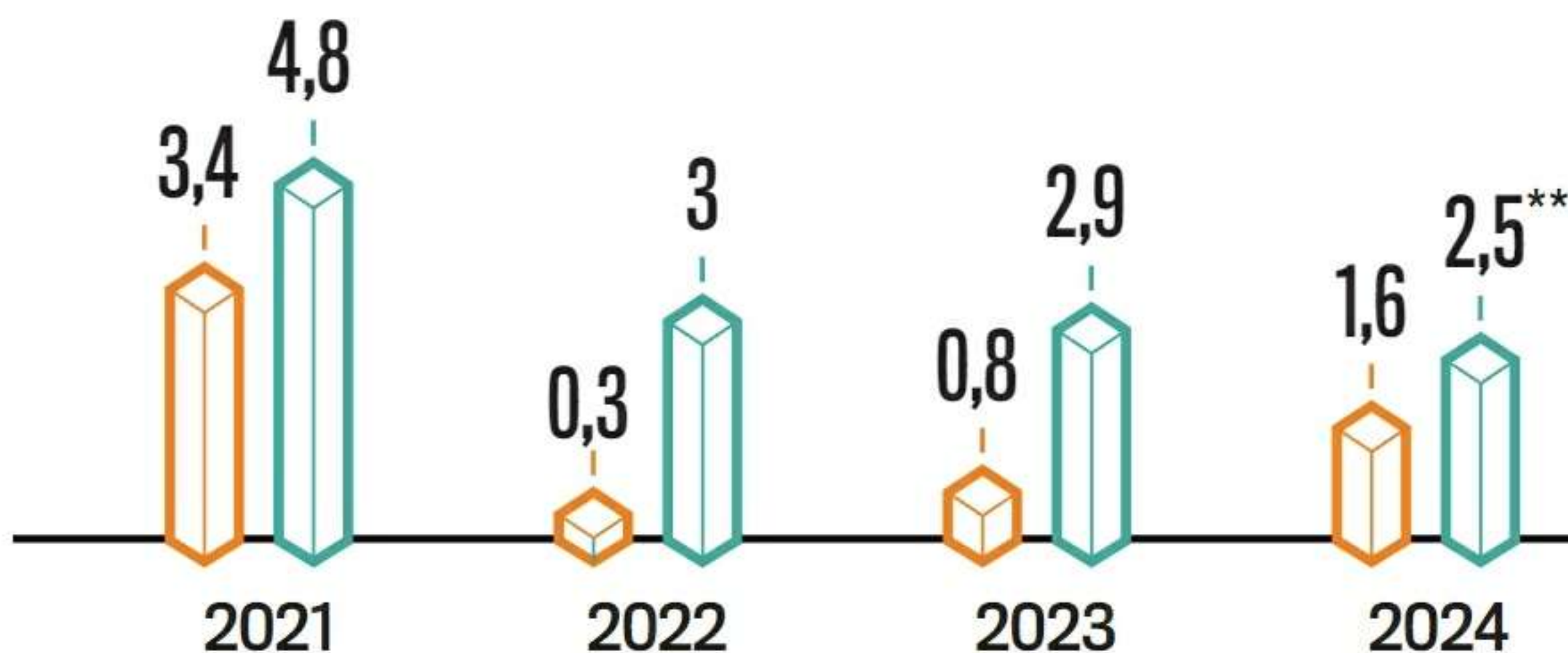
INFLAÇÃO Varejo: com o consumo em alta, os preços começam a subir

próximas contratações das empresas já devem ser mais difíceis e pode vir um gargalo no mercado de trabalho.

A inflação é o primeiro sintoma de uma economia que está testando os limites. Após um ano moderada, ela voltou a subir e a alimentar as cobranças de que o BC retome o aumento dos juros e freie o crescimento. “O quadro começou a mudar nos últimos meses”, diz Fabio Kanczuk, chefe de macroeconomia da ASA Investments. Foi ele, quando era diretor do Banco Central em 2020, quem desenvolveu o modelo de PIB potencial usado até hoje pela autarquia para calcular

CHUTE ERRADO

Desde 2020, as projeções de mercado para o PIB no início do ano ficam abaixo do crescimento realizado (variação em %)

o nível ideal da taxa básica de juros. "A moleza desse potencial maior está acabando, e os únicos resultados possíveis são a economia crescer menos ou a inflação não cair", diz.

A retomada dos investimentos pode melhorar esse prognóstico, mas, com inflação e juros em alta, tende, de novo, a ter vida curta. A continuidade da agenda de reformas e uma gestão equilibrada para as desconjuntadas contas públicas, que aumentam a dívida, a desconfiança e forçam os juros a ficar mais altos, são outros ingredientes no receituário elementar para que o país transforme seus voos de galinha em um novo ciclo de crescimento sustentável. É claro que os resultados recentes são um alento. Em 2024, o Brasil deve finalmente superar o PIB per capita que chegou a ter em 2013. Mas isso é muito pouco para o país. É imprescindível criar as bases para que a economia continue a prosperar. ■

*Projeção em 26/6/2020 **Projeção em 30/8/2024

Fontes: *Boletim Focus/BC e IBGE*

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

O PAÍS DO CALVINBOL

O STF alimenta a instabilidade institucional

QUEM, como eu, curte quadrinhos deve conhecer Calvinbol, jogo inventado pelo próprio Calvin (com o auxílio luxuoso de Hobbes/Haroldo), famoso por não ter regra alguma e, consequentemente, levar a resultados imprevisíveis, embora sempre hilários.

A ausência de regras, engraçada nas tirinhas, perde esta qualidade quando aplicada à vida real. Economistas há décadas chamam atenção para o papel central das instituições. Nomes como Douglass North, Ronald Coase, Oliver Williamson e Elinor Ostrom, todos agraciados com o Nobel de Economia, foram os pioneiros do campo, onde hoje sobressai Daron Acemoglu, um dos principais teóricos do desenvolvimento.

Não cabe aqui descrever toda a sua contribuição. Todavia, um traço comum a esses estudiosos é a ênfase no impacto das instituições — leis, costumes, convenções etc. — no comportamento econômico.

Um exemplo comum é o direito à propriedade. Onde é mal definido, mercados não funcionam a contento. Se alguém tem dificuldade de estabelecer que determinado produto é seu, como vendê-lo? Como comprar alguma coisa cuja posse pode ser questionada no instante posterior à sua aquisição?

Instituições impõem restrições ao comportamento das pessoas, tanto na vida em geral, como em seu aspecto econômico. Há aquelas que favorecem a atividade econômica; outras, menos. De qualquer forma, porém, indivíduos tomam suas decisões tendo como pano de fundo o ambiente institucional onde operam, e o resultado delas, por exemplo, quanto crescemos, ou como será a distribuição daquilo que foi produzido, decorre em larga medida de tal ambiente.

Dado um arranjo, podemos esperar certos padrões. O trabalho de Acemoglu chama atenção para a diferença entre instituições inclusivas, que dão maior ênfase à concorrência como forma de acumulação de riqueza, e extrativas, que permitem mecanismos de extração de renda do resto da sociedade (subsídios, proteção contra concorrência, acesso privilegiado a crédito) como o principal núcleo da atividade econômica. De acordo com ele, o primeiro tipo leva à inova-

“Se regras do jogo são alteradas ao sabor das conveniências, não há planejamento que sobreviva”

ção como principal meio de enriquecimento e, assim, ao crescimento forte e sustentável, enquanto no segundo caso o desenvolvimento, cedo ou tarde, esbarra na "armadilha da renda média".

A instabilidade das instituições, por essa ótica, é um problema gigantesco. Se regras do jogo são alteradas ao sabor das conveniências políticas, não há planejamento econômico que sobreviva. O resultado é baixo investimento, pouca inovação e, consequentemente, desempenho econômico sofrível, quando não muito ruim.

O Brasil nunca foi um Éden institucional, com regras do jogo bem definidas, mas o grau de desarranjo que atingimos nos últimos anos supera com folga qualquer instabilidade anterior. O comportamento pouquíssimo transparente do STF, em particular, contribui bem mais do que seria saudável para a bagunça institucional que experimentamos, como fica evidente no conjunto de decisões monocráticas emanadas da Corte.

Sem a autocontenção do STF será muito difícil criar um ambiente que nos leve ao crescimento necessário. Deixamos de ser o país do futebol para ser o paraíso do Calvinbol. ■

ECONOMIA EM CHAMAS
Incêndio em São Paulo: perdas de 1 bilhão de reais para o agro

QUEIMANDO DINHEIRO

Desastres naturais já causaram um prejuízo de mais de 45 bilhões de reais ao Brasil neste ano, e empresas se mobilizam em busca de soluções **CAMILA BARROS**

VINCENT BOSSON/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

ENTRE INCÊNDIOS e enchentes, o Brasil vive um ano de catástrofes naturais sem precedentes. O rol de tragédias inclui 2,3 milhões de hectares do Pantanal destruídos por queimadas, o equivalente a 16% do bioma — por enquanto. As chamas também atingem a Floresta Amazônica, que enfrenta o segundo ano consecutivo de seca. O enredo contém ainda uma certa ironia: nos últimos dias, as correntes de vento que costumam levar a umidade da Amazônia a todo o país, conhecidas como "rios voadores", transportaram a fumaça dos incêndios até a região Sul, que ainda se recupera das enchentes recentes. Além das perdas humanas e de biodiversidade, os eventos climáticos extremos calcinam a economia. Segundo a Confederação Nacional de Municípios, o prejuízo causado por desastres naturais já supera 45 bilhões de reais em 2024.

O setor mais prejudicado é o agropecuário. No Rio Grande do Sul, os prejuízos dos produtores rurais com as inundações somam 5,4 bilhões de reais — no total, o estado perdeu mais de 13 bilhões. Em São Paulo, que registrou em agosto o maior número de incêndios de sua história, estima-se que o custo para os agricultores foi de 1 bilhão de reais. "O agro está muito vulnerável porque o clima afeta diretamente a produção", diz Renata Potenza, coordenadora da Imaflora, uma entidade de conservação ambiental. Outro setor bastante atingido é o das seguradoras, cada vez mais acionadas para cobrir as perdas dos clientes. A crescente dificuldade de prever o tempo é o fator que mais preocupa, já que o pre-

O CUSTO DA CRISE

Eventos climáticos extremos causam prejuízos bilionários no Brasil e no mundo

NO BRASIL

555 MUNICÍPIOS DECLARARAM ESTADO DE EMERGÊNCIA OU CALAMIDADE PÚBLICA DEVIDO ÀS CHUVAS MAIS INTENSAS NESTE ANO

OUTRAS **168 CIDADES** ESTÃO EM ESTADO DE ALERTA EM RAZÃO DA SECA SEVERA

EM AGOSTO, O PAÍS REGISTROU **68 635 FOCOS DE QUEIMADA,** ANTE A MÉDIA HISTÓRICA DE 46 529 FOCOS

O PREJUÍZO COM O CLIMA JÁ SUPERA **45 BILHÕES DE REAIS** NO ANO

NO MUNDO

AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ACARRETARÃO PREJUÍZOS DE **38 TRILHÕES DE DÓLARES** POR ANO ATÉ 2049

COM ISSO, A RENDA PER CAPITA GLOBAL **DEIXARÁ DE CRESCER 19%** DEVIDO AOS DESASTRES NATURAIS

Fontes: *Instituto de Potsdam para Pesquisa do Impacto Climático; Inpe; Sistema Integrado de Informações sobre Desastres; Confederação Nacional de Municípios*

EVANDRO LEAL/AGENCIA ENQUADRAR/AGENCIA O GLOBO

TRAGÉDIA Enchente no Sul: prejuízo superior a 13 bilhões de reais

ço das apólices depende de uma análise do padrão histórico do clima. "Nossa convicção é de que a mudança climática já aconteceu", diz Dyogo Oliveira, presidente da Confederação Nacional das Seguradoras. "Nos últimos cinco anos, virou um desafio antever e precificar os riscos climáticos."

Outros segmentos também tentam se adaptar aos novos tempos, como o varejo de moda, que tem suado para lidar com as temperaturas mais altas. A Confederação Nacional do Comércio estima que o calor fora de época reduzirá em 4% o faturamento da coleção outono-inverno deste ano. O aquecimento global também afeta a produção de outros países. Um estudo recente da universidade americana Cornell avalia que, até 2030, quatro dos maiores produtores mundiais de roupas — Bangladesh, Camboja, Paquistão e Vietnã — deixarão de faturar 65 bilhões de dólares devido à crise atribuída ao clima.

Diante das perdas, as empresas brasileiras começam a se mobilizar. Em agosto, 52 personalidades do mundo dos negócios, entre empresários, grandes executivos e economistas, lançaram o "Pacto Econômico com a Natureza", que defende o desenvolvimento sustentável. "Podemos gerar renda e empregos e, ao mesmo tempo, preservar as áreas verdes e transformar espaços urbanos", diz o documento. Entre seus signatários está Walter Schalka, ex-executivo-chefe e atual conselheiro da Suzano, conhecido defensor da agenda ESG (sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança). Em 2020, Schalka foi um dos líderes de um grupo de empreendedores que cobrou publicamente do então presidente Jair Bolsonaro medidas concretas para com-

ALERTA
Walter Schalka: "O Brasil está na beira do abismo climático"

MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

bater as queimadas na Amazônia. Na época, o executivo afirmou que o país caminhava para o "precipício ambiental" e cabia às empresas buscarem "ações relevantes" para impedir que caíssemos nele.

Uma das estratégias de adaptação é recorrer à consultoria meteorológica. "As corporações buscam contabilizar os riscos de eventos extremos", diz Nil Nunes, diretor de operações da Climatempo. Um de seus clientes é a plataforma de entrega de refeições iFood, interessada em prever picos de chuva, pois a demanda cresce nesses dias, enquanto os entregadores enfrentam dificuldades para se locomover. Já para a CCR, também parceira da consultoria, os dados subsidiam sua "estratégia de resiliência climática", que consiste em mapear os custos financeiros de desastres naturais. "As empresas que não mitigarem as emissões e se adaptarem às mudanças climáticas perderão competitividade", diz Amanda Schutze, coordenadora executiva do FGV Clima. O esforço de governo, empresas e sociedade para conter o aquecimento global é urgente. O planeta e a economia agradecem. ■

O CLAMOR DAS RUAS

Após onze meses de guerra contra o Hamas, morte de seis reféns israelenses desata onda de protesto contra o governo Netanyahu

ERNESTO NEVES

JACK GUEZ/AFP)

POR UM ACORDO
Manifestação em Tel Aviv: multidão exige mais empenho no resgate dos reféns

Neste quase um ano de guerra na Faixa de Gaza, o governo de Israel vem sendo seguidamente acusado de dar prioridade à aniquilação do Hamas, em detrimento do resgate dos reféns ainda em poder do grupo palestino — resultado da bárbara incursão-surpresa em território israelense que deixou 1 200 mortos e sequestrou mais de 200 pessoas. O próprio primeiro-ministro Benjamin Netanyahu avaliza essa interpretação ao afirmar

que acabar com o Hamas é requisito para a recuperação segura dos cativos. A postura inabalável de Netanyahu resistiu até agora a intensas pressões de todos os lados em favor de um acordo. Nos últimos dias, no entanto, o clamor pela volta dos reféns subiu de tom e se tornou ensurdecedor depois que a Força de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) confirmou o resgate dos corpos de seis deles, todos jovens, aparentemente assassinados à queima-roupa, em um túnel de Rafah, ao sul da Faixa de Gaza. Três estavam nas listas de soltura em negociação.

As autópsias mostraram que Carmel Gat, Eden Yerushalmi, Hersh Goldberg-Polin, Alexander Lobanov, Almog Sarusi e Ori Danino foram executados com vários tiros dois a três dias antes da chegada das tropas. O Hamas confirmou que desde junho seus militantes têm "novas ordens", não especificadas, para o caso de tropas da IDF se aproximarem dos prisioneiros. A crueldade das execuções horrorizou a população, o que era previsível, mas também teve um efeito inesperado: desencadeou uma revolta geral contra a operação militar em Gaza e uma explosão de protestos contra o governo de Netanyahu. Manifestantes tomaram as ruas de Tel Aviv, Jerusalém, Haifa e outras cidades, em atos que se replicaram ao longo da semana, inflamados por uma greve geral de um dia.

Para parcelas cada vez mais numerosas da sociedade, Netanyahu e a coalizão de extrema direita que o apoia não se empenham em negociar a libertação dos mais de sessenta sequestrados ainda vivos e 35 que se supõe estarem mortos. Acusado de usar a guerra para se manter no poder em um clima de vas-

REPRODUÇÃO

EM GUERRA Netanyahu: exigências e resistência ao cessar-fogo

ta rejeição popular, o primeiro-ministro é prisioneiro da armadilha que criou: negociar o fim dos ataques em Gaza, a esta altura, é praticamente uma admissão de derrota perante os aliados ultradireitistas que o sustentam. "Peço perdão por não tê-los trazido de volta vivos. O Hamas vai pagar um preço muito alto", disse em pronunciamento pela TV.

Em meio ao frenético esforço diplomático para se chegar a um cessar-fogo, Netanyahu, nas últimas semanas, adicionou um ingrediente extra à lista de dificuldades ao exigir que suas tropas permaneçam patrulhando e impedindo o contrabando, por prazo indeterminado, no chamado Corredor Filadélfia, estreita faixa de areia que se estende por 14 quilômetros na fronteira entre Gaza e o Egito — um entrave de dimensão internacional, visto que os egípcios são responsáveis pelo corredor e não aceitam tal ingerência. O Hamas, por sua vez, quer a suspensão definitiva do conflito após uma liberação negociada de reféns, rejeitada pelo primeiro-ministro.

"Há uma sensação generalizada de que Netanyahu é incompetente e age por interesse próprio. Os protestos de agora podem ser um momento decisivo para ele", diz Ori Goldberg, analista político da Universidade Reichman, em Tel Aviv.

Diante do agravamento da crise, a pressão sobre o governo israelense ganhou novos contornos. O Reino Unido anunciou a suspensão do fornecimento de uma série de equipamentos militares que podem ser usados contra civis (mais de 40 000 morreram em Gaza até agora), medida que afeta a entrega de peças para caças, helicópteros e drones. Nos Estados Unidos, a questão é explorada por Donald Trump, apoiador de Netanyahu, que se apresenta como o único líder com pulso firme para encerrar o conflito.

Na Casa Branca, Joe Biden e, por tabela, Kamala Harris têm de lidar com o vespeiro com mais cuidado, embora Biden, livre da amarra de candidato, esteja mais assertivo: questionado por repórteres se Netanyahu está fazendo tudo o que pode para encerrar a crise, respondeu secamente: "Não". Na televisão, munido de um mapa para explicar por que o Corredor Filadélfia é "o pulmão do Hamas", o primeiro-ministro seguiu desafiador: "Ninguém é mais empenhado do que eu em libertar os reféns. Ninguém pode me passar sermão nesse assunto". Com diplomatas dos Estados Unidos, Egito e Catar preparando uma nova e detalhada proposta de trégua e troca de reféns e a população encostando Netanyahu na parede, as próximas semanas podem, de fato, ser um momento de virada. Para melhor — ou para pior. ■

A VOLTA DA INSENSATEZ

A extrema direita conquista a primeira vitória em um estado alemão desde a Segunda Guerra, fincando raízes no país e ressuscitando fantasmas do passado nazista **AMANDA PÉCHY**

SEM DISFARCES Extremistas alemães nas ruas: erguendo bandeiras xenofóbicas

JENS SCHLUETER/GETTY IMAGES

FINDA a Segunda Guerra Mundial e expostos os horrores do Holocausto, a então Alemanha Ocidental, dividida pelo Muro de Berlim, desenhou uma política rigorosa de desnazificação baseada na *Erinnerungskultur,* a "cultura da lembrança", que desde então permeou todas as esferas da vida pública para garantir que a barbárie jamais fosse esquecida, nem se repetisse. Funcionou por bastante tempo, mas duas eleições no domingo, 1º de setembro, deixaram à mostra o desgaste do cordão sanitário contra a extrema direita, ao se consolidar uma inédita vitória em um Parlamento estadual da Alternativa para a Alemanha (AfD), partido vigiado continuamente pela polícia por seu extremismo e relativização do regime nazista. Além de obter o maior lote de votos — 32,8% — na Turíngia, a AfD ficou em segundo lugar na Saxônia, mero 1,3 ponto atrás da União Democrata-Cristã, de centro-direita. "Histórico" para o controvertido líder partidário Björn Höcke, "amargo" para o chanceler Olaf Scholz, o resultado abre um precedente dos mais perigosos, e convém atenção.

Em rápida reação, os principais partidos do país se comprometeram a criar um "firewall" contra a AfD, emprestando o termo para bloqueio na informática. A ideia é impedir coalizões com a legenda e fechar brechas por onde seus membros possam ser indicados para cargos no governo, evitando assim uma repetição da ascensão dos nazistas, que chegaram ao poder pelas urnas em 1932 e foram integrados à política por meio de alianças — tendo justamente a Turíngia como ponto de partida. Ainda que não participem dire-

KRISZTIAN BOCSI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

EM BAIXA O chanceler Scholz: perdendo poder para os novatos na política

tamente das decisões, os radicais de agora abocanharam assentos suficientes, tanto no Parlamento turíngio quanto no da Saxônia, para brecar a votação de leis e a nomeação de juízes. Seu apoio será essencial também para a tomada de decisão sobre questões mais simples, como construir escolas e consertar estradas. As siglas tradicionais podem se ver obrigadas a se aproximar da Aliança Sahra Wagenknecht, esquizofrênico partido "esquerdista conservador" criado em janeiro, que ficou em terceiro lugar nas eleições de ambos os estados e cujas posturas populistas são, em certos pontos, praticamente indistinguíveis das da AfD.

Organizada em 2013 com uma bandeira eurocética, tirando partido da indignação popular com o resgate oferecido pelo governo alemão às economias da União Europeia dobradas por uma crise econômica, a AfD, como a maioria das siglas de direita radical em expansão no continente, foi saindo aos poucos das beiradas do espectro político. Em 2015, quando o país recebeu mais de 1 milhão de desesperados que

fugiam de conflitos na Síria e no Afeganistão, a legenda deu vazão a um discurso virulentamente xenofóbico. Também inflou a vela do negacionismo climático, opondo-se a regulações malvistas pelos agricultores, e firmou posição contra a ajuda militar à Ucrânia, que se reflete no bolso dos alemães.

Esse discurso ressoou com força especial nos cinco estados que compunham a antiga Alemanha Oriental — embora o Muro de Berlim tenha caído em 1989, o descompasso entre os dois lados antes da unificação fez persistir uma divisão tácita, em que o oeste é mais industrializado e tem média salarial 15% maior. “Os cidadãos do leste se sentem abandonados pelas elites políticas. O populismo da AfD encontrou solo fértil no ressentimento”, diz Johannes Kiess, filósofo da Universidade de Leipzig, resumindo um sentimento de causa e efeito que assola vários países da Europa.

A ala mais radical da AfD (sim, ela existe) não perde chance de tentar driblar as restrições em vigor na Alemanha contra símbolos e preceitos nazistas. Em janeiro, foi revelado que membros da cúpula do partido discutiam em segredo a implementação de um plano de deportação em massa de imigrantes, inclusive os que já haviam obtido cidadania alemã — uma perspectiva de limpeza étnica de gelar a espinha. Björn Höcke, que lidera o partido na Turíngia e dá voz à sua ala mais extremista, foi multado em 13 000 euros em maio por usar em campanha o “Tudo pela Alemanha”, lema das SA, as tropas de choque nazistas. Ele e outros colegas também costumam chamar oponentes políticos de “corruptores do po-

vo", expressão usada por Hitler, e se orgulham de a AfD ser apelidada de Tat-Elite, ou "elite de ação", o nome alternativo das SS, a polícia de Hitler. Embora o partido não desfile abertamente símbolos do Terceiro Reich, seus apoiadores levam às manifestações bandeiras com suásticas, águias imperiais e os números 18 e 88 — correspondentes às ordens das letras do alfabeto, o primeiro se refere a "AH", de Adolf Hitler, e o segundo, a "HH", de Heil Hitler.

MARTIN SCHUTT/DPA/AFP

VITÓRIA Höcke, líder da AfD na Turíngia: a voz dos radicais

Tentativas de proibir a ação da AfD não foram em frente. "Banir um partido é difícil, porque desafia a própria ordem democrática", explica Vinícius Bivar, historiador da Universidade Freie. Tirando proveito dessa linha tênue, a legenda prevê bons resultados em Brandemburgo, outro estado do leste que vai às urnas no dia 22 de setembro, e está em segundo lugar nas pesquisas nacionais, atrás só dos democratas-cristãos (o SPD de Scholz, em baixa, teve desempenho fraquíssimo na Turíngia e Saxônia). Ao que tudo indica, o cordão sanitário contra o nazismo chegará esgarçado à eleição geral do ano que vem. Preocupa. ■

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito
e Nara Boechat

PORTAS DA ESPERANÇA

Muita gente por aí já experimentou o dissabor de nem ter estreado ainda e virar alvo da crítica. A bola da vez é **RODRIGO FARO,** 50 anos, que, depois de quase quinze sem atuar, pegou um papel daqueles — vai interpretar Silvio Santos, cuja trajetória se embaralha com a própria história da TV. Os comentários sobre o longa *Silvio* já pipocam aqui e ali, dando os contornos da dureza que se vislumbra no horizonte de Rodrigo. "Não sou ator, não sou cantor, não sou apresentador. Me defino como artista", defende-se ele, que mantém a esperança de sucesso acesa e leva na esportiva: "Não sabe brincar? Então não desce para o play". Seu processo criativo, conta, envolveu não mais do que meia hora frente a frente com seu personagem, anos antes de sua morte. "Queria fugir da caricatura e buscar um Silvio mais humano." A ver o resultado nas salas de exibição, a partir do próximo dia 12.

DIVULGAÇÃO

ANA BRANCO/AGÊNCIA O GLOBO

VELHINHA, SIM

Atores veteranos vêm dando voz com cada vez mais potência a um daqueles temas que felizmente começam a deixar o rol dos tabus – a falta de bons papéis para quem experimenta a passagem do tempo. Com 80 anos e mais de seis décadas de carreira, **IRENE RAVACHE,** que sente o fenômeno na pele, resolveu agora cutucar o vespeiro do etarismo na peça *Alma Despejada,* em cartaz no Rio de Janeiro. "Não é agradável envelhecer nesta realidade, mas também não é o fim do mundo. Me foco muito na velhinha que sou", diz ela que, como tanta gente, teve o contrato encerrado na Globo. "Se não estão escrevendo para nós, mais velhos, perguntem a eles o motivo", alfineta a atriz, que só perde a paciência mesmo diante da ascensão dos influenciadores no ar. "É uma leviandade com os atores e o público", dispara.

O PRIMEIRO EMPREGO

Antes de colocar pela primeira vez os pneus na pista, em sua estreia num treino oficial da Fórmula 1, o italiano **ANDREA KIMI ANTONELLI,** 18 anos, pediu que seu carro fosse o de número 12, como o de Ayrton Senna (1960-1994), seu ídolo-mor, nos tempos da Lotus. O rapaz, que ainda tem espinhas no rosto, enfrenta o desafio de substituir o heptacampeão Lewis Hamilton na temporada de 2025. Talvez sua missão maior seja mostrar que sua ascensão em velocidade recorde não tem nada a ver com o fato de seu pai, Marco Antonelli, ser figura proeminente no meio, dono da equipe de kart AKM Motorsport – onde o garoto, aliás, começou. Na passagem de bastão, Hamilton, agora na Ferrari, expôs sua surpresa: "Foi uma sensação surreal receber a confirmação oficial do nome dele. Fará um ótimo trabalho", disse gentilmente sobre Andrea que, logo na estreia em Monza, acabou batendo após cinco voltas.

JOE PORTLOCK FORMULA1/GETTY IMAGES

DIRETO AO PONTO

ELISABETTA A. VILLA/GETTY IMAGES

A cada instante uma nova celebridade cruza o prestigiado tapete vermelho do Festival de Cinema de Veneza e vira assunto para muito além da bela teia de canais que corta a cidade. Uma das mais reluzentes figuras desta 81ª edição, abrigada em um *palazzo* em estilo modernista, é **NICOLE KIDMAN,** 57 anos, que fez questão de responder a todas as indiscretas dúvidas sobre seu papel em *Babygirl* – “o mais ousado da carreira”, segundo ela. “Foi libertador compartilhar nossos instintos femininos. Todas merecemos mais orgasmos”, disse logo de saída, filosofando sobre sua personagem, a empresária que trai o marido com o estagiário, papel que quis viver intensamente. Uma das primeiras providências foi dispensar dublê de corpo, encarando sequências de alta carga erótica em meio à relação sadomasoquista retratada nas telas. “Foi único para mim”, avaliou Nicole, que se deixou clicar à vontade entre um e outro traslado de gôndola.

CADA QUAL NO SEU CANAL

Veneza se finca sobre mais de uma centena de ilhas, mas o buchicho mesmo se concentra em poucas ruelas e canais. Daí o desafio da organização do Festival de Cinema, que lotou a cidade, de armar um esquema especial para que **BRAD PITT,** 60 anos, e **ANGELINA JOLIE,** 49, que vivem às turras desde o divórcio, em 2016, não se esbarrassem. Primeiro veio a aparição de Brad, ao lado da nova namorada, a empresária Ines de Ramon, 31, para divulgar a comédia *Lobos,* na qual dá vida a um matador de aluguel. Um dia depois, foi a vez de Angelina, estrategicamente alojada num hotel mais distante, lançar a cinebiografia *Maria,* sobre a cantora de ópera Maria Callas. Ao falar do papel, ela não se conteve e, ops!, deixou escapar uma indireta. "Quando comecei a ter contato com a personagem, há mais de uma década, eu tinha alguém na minha vida que não era gentil em relação ao meu canto", disse, sem citar o nome. Nada que abalasse o festivo clima do verão veneziano. ■

STARPIX/AFP

MARILLA SICILIA/GETTY IMAGES

O GRANDE QUEBRA-CABEÇA

O envelhecimento populacional e a ausência de um tratamento definitivo colocam demências como o Alzheimer entre os maiores desafios do século. Ao menos, o Brasil se mobiliza com um plano de ação

PAULA FELIX

ALFRED PASIEKA/SPL/GETTY IMAGES

Viver mais tem um bônus... e um ônus. Trata-se de "enfrentar problemas de saúde acumulados na velhice", como resume o documento da Organização Mundial da Saúde (OMS) com diretrizes para os países oferecerem melhores cuidados aos idosos. Publicado há sete anos, ele também era um chamado para as nações articularem políticas públicas para lidar com os desafios de uma população que deve dobrar globalmente até 2050. Uma das maiores preocupações da entidade são as doenças que levam ao colapso cognitivo e à demência, sendo a mais prevalente delas o Alzheimer. Além de dilapidar a autonomia e a qualidade de vida dos pacientes, o problema impacta a rotina de parentes que se tornam cuidadores e todo um sistema de saúde que ainda engatinha para atender a essa demanda. O quadro se torna ainda mais nebuloso quando se leva em conta que por ora não existe um tratamento capaz de frear a progressão da destruição neuronal.

Desde que foi descrita pelo patologista alemão Alois Alzheimer, em 1906, a doença neurodegenerativa impõe dificuldades e armadilhas, a ponto de ainda não ser totalmente compreendida. Pelos prejuízos que acarreta, necessita de uma abordagem multiprofissional — uma realidade distante, visto que, na maioria das vezes, o problema é encarado dentro de casa apenas com o suporte de familiares. Da mesma forma que a condição ganha terreno no cérebro, gerando sintomas como perda de memória e défi-

OS 14 FATORES A SEREM COMBATIDOS
Comissão Lancet incluiu dois indicadores modificáveis ligados à demência
LISTA DE 2020
Níveis mais baixos de educação
Deficiência auditiva
Pressão arterial elevada
Tabagismo
Obesidade
Depressão
Inatividade física

Diabetes
Consumo excessivo de álcool
Traumatismo cranioencefálico
Poluição atmosférica
Isolamento social
+
ATUALIZAÇÃO
Colesterol alto
Perda de visão
40%
É O ÍNDICE DE TODOS
OS CASOS RELACIONADOS
A ESSES INDICADORES
Fonte: The Lancet

cits na orientação espacial, as previsões mostram que seu avanço pela humanidade é incontornável. Há 55,2 milhões de pessoas vivendo com algum tipo de demência no mundo hoje, número que deve saltar para 78 milhões em 2030 e atingir 139 milhões em 2050. Após a OMS soar o alerta, ao menos 48 países já elaboraram planos focados nos cuidados com a demência, a maioria na Europa, onde as repercussões das enfermidades ligadas ao envelhecimento são observadas há mais tempo.

No Brasil, eis a boa nova, acaba de ser sancionada a Política Nacional de Cuidado Integral às Pessoas com Doença de Alzheimer e Outras Demências, mecanismo para que seja implementado um modelo de capacitação de profissionais, tanto na rede pública quanto na privada, para atuar no diagnóstico e na assistência dos pacientes. Embora seja considerada uma conquista, só quando a lei estiver em plena execução e incorporada ao dia a dia de toda a cadeia de serviços de saúde é que a sociedade colherá seus frutos. O tempo urge. “A população de idosos é a que mais cresce, e a projeção é que as demências aumentem cinco vezes em países de baixa e média renda, como o nosso”, diz a geriatra Celene Pinheiro, presidente da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz).

Em um território com proporções continentais, ter o Sistema Único de Saúde (SUS) com alta capilaridade pode ajudar a atingir as populações mais distantes, mas o trabalho precisará ter muitas camadas e inclusive contar

LUIS ALVAREZ/GETTY IMAGES

PROTEÇÃO Bons hábitos: atividade física e socialização ajudam a evitar a doença

com o corpo a corpo dos agentes comunitários, uma vez que o Alzheimer tende a isolar as pessoas. "Em vez de só trazer os pacientes para dentro dos serviços, é preciso capacitar os profissionais que vão até as casas deles", afirma Celene. Uma das frentes a ser ampliada, por exemplo, são as instituições de longa permanência para idosos, que passam de 7 000 no país, mas se concentram nas regiões Sul e Sudeste. A maioria é privada e com valores mensais que não cabem no orçamento de assalariados e aposentados.

Em geral, esses espaços são concebidos para indivíduos com maior dependência nos afazeres diários. "Mas é possível ter gradações de acordo com a autonomia do ido-

so e oferecer um 'centro-dia', onde ele ficará apenas um período acompanhado", ilustra o geriatra João Machado, da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. "Se formos estimar o número de pessoas que precisariam ser cuidadas por meio dessas instalações até 2035, teríamos de aumentar as vagas em 225%", afirma o professor, que debateu as dificuldades estruturais na assistência no último congresso Brain: Cérebro, Comportamento e Emoções, realizado no Rio de Janeiro.

Também presente no evento, o ativista holandês Teun Toebes, autor do documentário *Human Forever* — uma jornada de três anos convivendo com pessoas com demência em onze países —, defendeu a importância de se desenvolverem modelos de acolhimento que respeitem as necessidades físicas e mentais do idoso e as características culturais do seu ambiente — seja uma clínica, seja sua residência. "Se ouvirmos as pessoas com demência, elas querem ter uma vida com sentido. Não é romantizar nem só medicalizar, mas criar uma sociedade mais inclusiva", disse Toebes. O documentarista prescreve mais empatia se quisermos construir uma sociedade que respeite as vítimas das doenças neurodegenerativas e também seus cuidadores, que, com frequência, precisam lidar com comportamentos e decisões difíceis.

Qualquer expectativa de melhora no cenário à vista passa pelo surgimento de medicamentos realmente capazes de estancar o Alzheimer. Uma injeção de ânimo foi da-

da em 2021 quando, após duas décadas sem novidades, a agência reguladora americana aprovou a liberação de uma droga experimental chamada aducanumabe. Ela teria o potencial de limpar aquela que, até o momento, é apontada como a maior responsável pela doença: a proteína beta-amiloide, que se aglomera em pegajosas placas que atrofiam o tecido cerebral. A notícia gerou euforia, mas também contestação, com especialistas pedindo mais estudos.

No início deste ano, a fabricante Biogen anunciou o encerramento da produção da droga — os resultados clínicos ficaram aquém do esperado — para se dedicar a outro fármaco, o lecanemabe, anticorpo monoclonal que, em testes, demonstrou retardar em 27% a progressão do Alzheimer. As controvérsias, no entanto, seguem vivas. No Reino Unido, mesmo com a autorização para o remédio, o sistema público de saúde ainda realiza análises de custo-efetividade antes de avalizar a incorporação do produto. Um dos questionamentos diz respeito ao investimento elevado para apenas desacelerar e não oferecer a remissão da condição.

Além disso, a indicação se limitaria aos estágios iniciais da doença, ainda sem os apagões da memória e as mudanças de comportamento, o que acaba esbarrando no desafio do diagnóstico precoce — é a esse público que também se destina outro anticorpo recém-aprovado nos EUA, o donanemabe, do laboratório Eli Lilly. Porém, diante da carência de opções, qualquer inovação, devidamente validada em

pesquisas, é apreciada pelos médicos. "Se conseguirmos adiar o quadro de Alzheimer em alguns anos, teremos menos impacto funcional e perda social", diz Celene.

Enquanto o quebra-cabeça do tratamento continua sendo montado, outra corrente de estudos se aprofunda no que é possível fazer desde cedo para que o cérebro não sofra tanto na velhice. Embora alguns casos de demência tenham forte componente genético, hoje se sabe que existem hábitos e condições de saúde que podem ser modificados para mitigar o risco da doença. O periódico científico *The Lancet* tem uma comissão dedicada ao tema e, neste ano, atualizou a lista de fatores passíveis de intervenção para prevenir o Alzheimer *(veja o quadro "Os 14 fatores a serem combatidos")*. Agora, entraram no rol de recomendações controlar o colesterol e contra-atacar a perda de visão, somando-se a orientações como domar a pressão alta, o diabetes e a depressão, por exemplo. Fato é que o horizonte se mostra ainda mais penoso em nações como o Brasil, que têm muito a fazer para remediar a baixa escolaridade e estancar doenças crônicas que alimentam a ruína cerebral com o avançar da idade. Calcula-se que, intervindo nos catorze elementos apontados pelo comitê de estudos, seria possível reduzir 54% dos casos de Alzheimer no país. Eis um desafio e tanto — e inescapável para uma sociedade que quer viver mais. ■

LUCILIA DINIZ

MODO VIAGEM

Surpresas são sempre muito bem-vindas

HÁ QUEM, tendo passado por uma cidade uma única vez, a considere visitada. Era bem outra a nossa compreensão do assunto enquanto deslizávamos suavemente no trem que deixava Amsterdã para trás. A estação, um belo prédio de tijolos à beira do canal, as torres altas e as pontes graciosas foram cedendo lugar a moinhos de madeira e campos verdes de cartão-postal. No vagão, o som ritmado nos colocava em um estado de contemplação e, quilômetro por quilômetro, era como se a própria paisagem nos contasse uma história antiga.

Não era nossa primeira visita à cidade holandesa, mas, sim, a primeira em que exploramos seus arredores sobre trilhos. Sair dos centros principais de turismo, de forma planejada ou a esmo, cada vez mais casa com os anseios da viajante que me tornei. O que faz uma viagem especial para mim é bem diferente hoje do que era anos atrás.

O divisor de águas foi o Caminho de Santiago. Ali, viajar ganhou novo sentido. Cruzando os Pirineus de abrigo em abrigo, aprendi uma forma diferente, mais pausada e aberta, de estar em terras estrangeiras. Passei a adotar

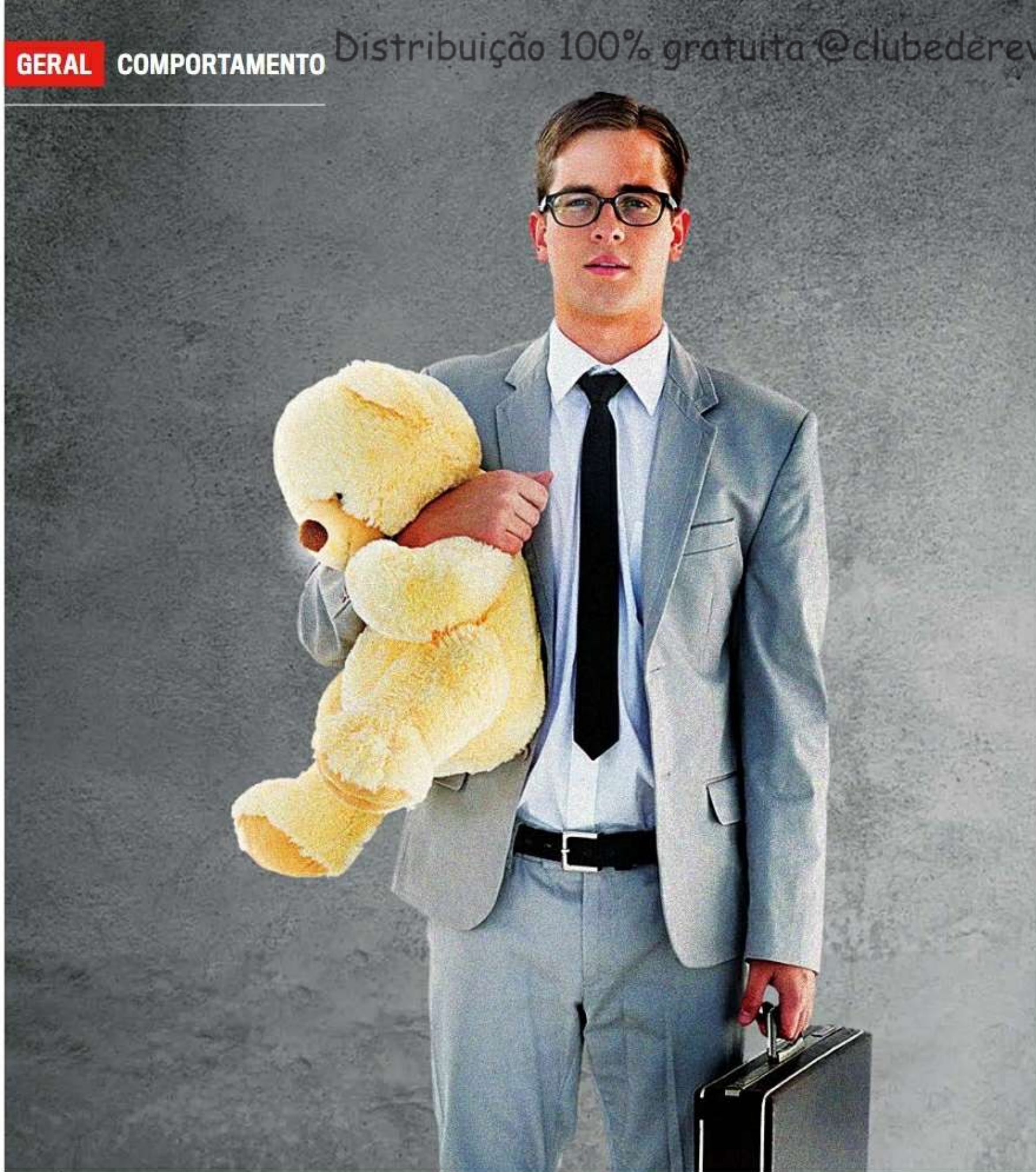
atitudes que, em outras circunstâncias, seriam inusitadas para mim — viajar é mudar de hábitos, ao menos por uma temporada. Ilustro com uma história. Em uma recente passagem pelo Douro, indagamos, nas ruas de um vilarejo, qual seria o caminho para a igreja matriz. Abordamos um senhor esperando somente uma explicação. Ele a deu, indicando com a mão: "É lá para cima". Mas, não contente, ofereceu uma carona. Quando vimos, estávamos indo "lá para cima" com um completo desconhecido.

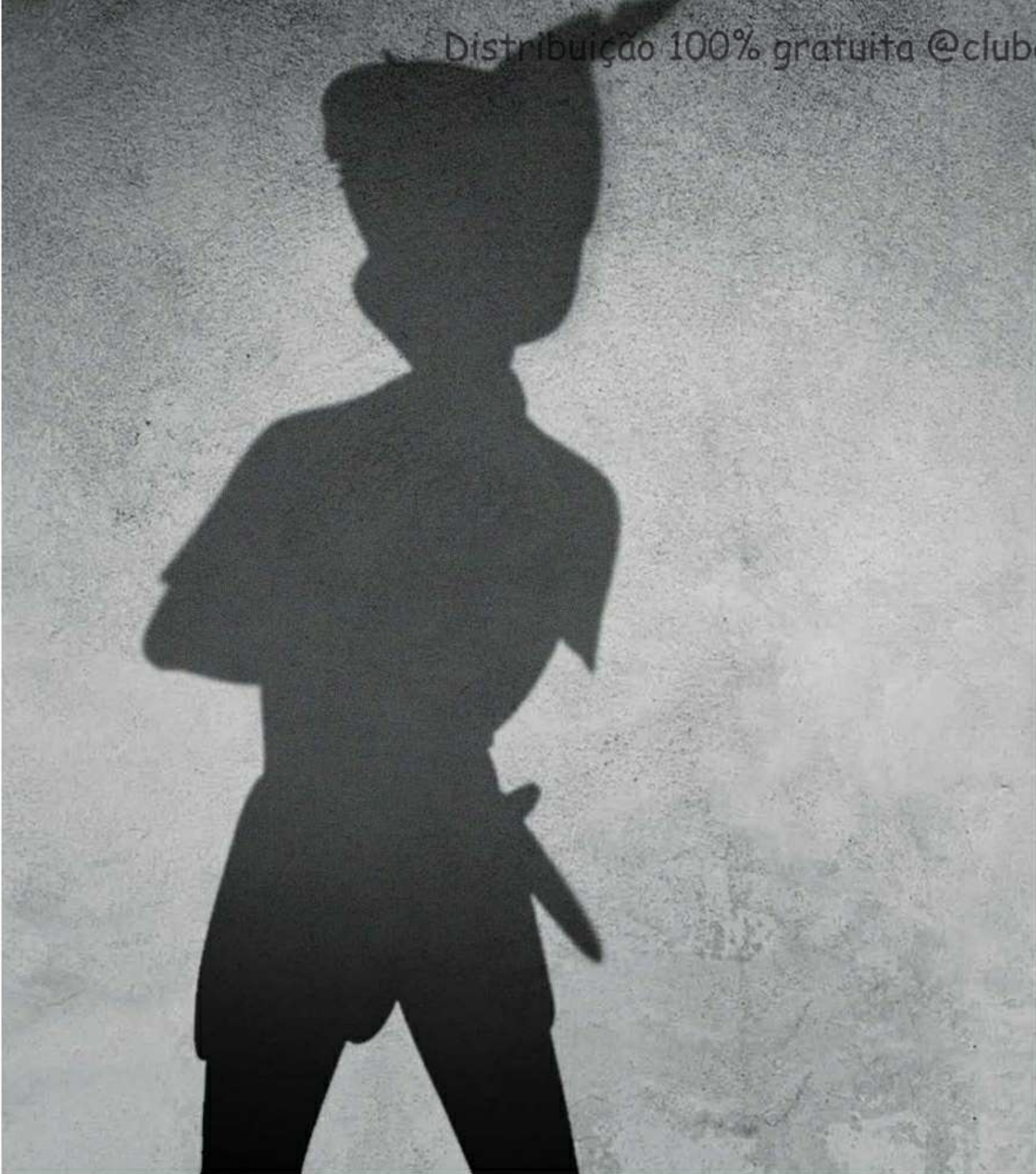
Mesmo uma cidade já visitada pode parecer nova a cada ocasião. Não só porque os lugares se modifiquem, mas porque nós também mudamos. Há até quem diga que não existe "viagem de ida e volta", pois a pessoa que retorna nunca é a mesma que partiu. Ou, como escreve Marcel Proust, "a verdadeira viagem de descoberta não consiste em buscar novas paisagens, mas em ter novos olhos". É comum que, ao entrarmos na vida independente, nos lancemos com ímpeto a tudo. A sede de saber da juventude é

"E, no entanto, às vezes do incalculado surgem as melhores experiências"

útil, pois nos abastece com repertório para futuras escolhas. Não à toa, jovens sonham tanto com anos sabáticos e "mochilões", acalentando um anseio não só por ver o mundo, mas por devorá-lo. Novidades reacendem esse desejo um pouco "glutão". Assim, tantas pessoas, ao planejarem férias para um destino novo, traçam roteiros com dez cidades em quinze dias, apenas quanto baste para colocar um alfinete no mapa: "Eu estive aqui".

Para outros, porém, esse primeiro contato serve só como reconhecimento de terreno, sabendo que nenhum destino se esgota. E, ainda, que deixar algo na lista é nutrir a esperança de uma próxima vez. Mesmo o lugar onde moramos pode ser impossível de conhecer. Nas metrópoles isso é particularmente verdadeiro. Pode-se ser turista em sua própria cidade e, no sentido oposto, viver por um tempo em cidade alheia como se fosse um cidadão local. Cultivo um pouco dos dois. Corremos o tempo todo, cultuando metas bem definidas. E, no entanto, às vezes do incalculado surgem as melhores experiências e as ideias mais frescas. Desejo a todos uma próxima viagem muito especial — seja ela como for. ■

MONTAGEM COM FOTO DE ISTOCK/GETTY IMAGES

GERAÇÃO PETER PAN

Há um traço a unir jovens que adentram a maioridade: em meio à cultura "infantilizada" das redes, eles têm levado muito tempo para amadurecer **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

AO LONGO dos últimos anos, a internet foi gradativamente estabelecendo novas maneiras de se entreter, trabalhar, adquirir conhecimento e até de se relacionar. Enquanto os laços humanos ganharam o palco virtual, toda uma geração foi sendo moldada pela lógica de uma realidade sob vários filtros e movida a respostas velozes, com raro espaço para aquele respiro que lhes traz complexida-

de. Nesse já conhecido caldo, com tudo de bom e ruim ali contido, o dinamarquês Keith Hayward reconheceu uma marca dos jovens adultos de hoje: pouco afeita a ouvir "não" e embalada por uma cultura pop que, na visão do professor da Universidade de Copenhague, insiste em não puxar a régua para cima, essa turma teima em manter os pés no universo infantojuvenil — como uma síndrome de Peter Pan, conjunto de comportamentos imaturos, agora vastamente incentivados pela instantaneidade das redes, que se revelam nas diversas camadas da existência, freando o crescimento.

É fenômeno já há algum tempo estudado pelas ciências sociais, mas Hayward o retratou com tintas berrantes, sem medo de cutucar o vespeiro, no seu recém-lançado *Infantilised: How Our Culture Killed Adulthood* (algo como Infantilizados: Como Nossa Cultura Matou a Vida Adulta, ainda sem previsão para sair no Brasil). Ao elencar exemplos do que seria a infantilização na cultura, ele sabe estar adentrando uma seara perigosa, já que sempre haverá uma linha fina aí, permeada de nuances. Mas não deixa de se arriscar: cita a obsessão pela Disney, o pendor por jogos simples, a adoração por super-heróis, a colorida moda *kid core* e a obsessão por ídolos teen. Não os julga, mas afirma que a constante imersão nesse caldeirão de referências, em detrimento de tantas outras, contribui para um escapismo da vida madura e das adversidades associadas a ela. "Ao promover a imaturidade, as sociedades pós-

modernas assemelham-se a um gigantesco jardim de infância da cultura pop", dispara no livro, atiçando as labaredas de uma polêmica discussão de potência global.

A tendência se eleva a patamares nunca antes explorados justamente sob o impulso das redes. "Os jovens adultos gastam mais tempo on-line do que às voltas com as complexidades reais", enfatizou Hayward a VEJA. Ele estende sua reflexão à banda ocidental do planeta e pontua o quão os influenciadores de plantão — terreno em que o Brasil ocupa a infeliz liderança, com 500 000 deles, segundo recente estudo da Nielsen — ajudam a sedimentar a superficialidade a ser combatida.

O imediatismo alimentado pela internet é um dos pilares dessas novas gerações habituadas a não ter de esperar por nada. "Essa abordagem em que não pode haver espaço para a frustração acaba supervalorizando prazeres instantâneos, ainda que vazios de significado, como o culto às celebridades, atrasando o próprio desenvolvimento", afirma Andrey Albuquerque, professor de antropologia do consumo da ESPM. Nesse cenário de desejos fartamente atendidos, a maturidade demora mais a chegar, diluindo-se as fronteiras entre infância, adolescência e a etapa adulta. Às vezes, fica tudo junto e misturado, o que se expressa de forma mais visível nos gostos e hobbies, como no caso do estudante de direito Paulo Neto, 24 anos. A idolatria por desenhos japoneses absorve o rapaz, que também não deixou de la-

ARQUIVO PESSOAL

NEM AÍ PARA OS OUTROS

Como tantos de sua faixa etária, a administradora de empresas **Fernanda Turmas,** 28 anos, cultiva gostos infantojuvenis — adora romances bem adolescentes e as princesas da Disney. Vire e mexe, alguém lhe aponta o dedo, dizendo que precisa crescer. Ela garante que não dá bola. "As pessoas fazem piada, mas isso não define minha maturidade", afirma.

do o cosplay, a brincadeira de se fantasiar de seus personagens favoritos. "Nada disso me faz sentir menos adulto", argumenta o universitário, não raro visto por aí na pele do Homem-Aranha.

As profundas mudanças geracionais podem soar assustadoras para os mais velhos, acostumados a um roteiro de vida que abrange conquistar independência o quanto antes e ir se distanciando do que não é considerado próprio da rotina adulta. As mentes, porém, andam girando em outra rotação. "Os jovens de nossos tempos zelam por sua individualidade, o que pode parecer egoísta, autocentrado, mas tem um aspecto muito interessante", diz o psicanalista Christian Dunker. "Eles se importam bem menos com certos acordos sociais e querem se expressar co-

mo são de verdade." Parte do grupo dos que não ligam para narizes torcidos, a administradora Fernanda Turmas, 28 anos, que "ama" filmes de romance adolescente, faz questão de compartilhar nas redes fotos nos parques da Disney e de sua coleção de personagens preferidos. "Para mim, é uma forma de nostalgia", diz. Infantilizada, ela? "Todo mundo diz que sim, mas tenho casa, família e emprego", esclarece.

Sob a ótica da sociologia, a adolescência esticada tem muito a ver com a própria criação, mais flexível hoje do que em décadas passadas. A rigidez que se impunha a outras gerações, baseada no castigo (frequentemente físico) como estratégia para o aprendizado, foi cedendo lugar a um salutar avanço, que fez vicejar entre as famílias a filosofia de uma educação livre em sua essência e calcada na conversa. Preocupada em oferecer aos filhos um modelo radicalmente diferente do que teve em casa, uma ala dos pais de hoje tem dificuldade para demarcar limites e dizer não. "Na tentativa de evitar a frustração dos filhos, acabam formando indivíduos que adiam as responsabilidades inerentes à idade", alerta o antropólogo Andrey Albuquerque. Uma decorrência natural é ficar o mais tempo possível sob o guarda-chuva familiar, morando sob o mesmo teto, o que se verifica em um de cada quatro brasileiros entre 25 e 34 anos — a chamada geração canguru, que se expandiu 25% na última década. Para essa turma, o dinamarquês Keith Hayward dá a dica: é hora de cair na real. ■

SÓLIDES/DIVULGAÇÃO

NUNCA DESISTI

A empresária Mônica Hauck conta como deu a volta
por cima após quase falir e ouvir seguidos nãos

A MINHA PRIMEIRA tentativa com a minha empresa, a Sólides, foi em 2010. Eu, formada em história, e meu marido, formado em matemática, resolvemos desenvolver um software para ajudar empreendedores a gerir seus recursos humanos. Com vocação para atender as pessoas, tive ideia de criar uma tecnologia que atingisse esse público, os pequenos empresários, com resistência à inovação. Era um mercado que não existia. Por incrível que pareça começou a dar certo. Mas, muito rápido, percebi que, se a gente quisesse realmente gerar impacto e dominar esse mercado, tínhamos de desenvolver um programa completo de RH. Só que eu tomei algumas decisões estratégicas muito erradas. Não dimensionei corretamente o custo da entrega do nosso serviço. E, no meio do caminho, o dinheiro acabou. Não tínhamos sócio, ninguém a quem pedir auxílio, e o software completo não ficou

pronto. Vivi a situação de ter de mandar embora vinte dos 25 empregados e de bater à porta dos fornecedores para negociar as dívidas.

Essa fase foi muito difícil e durou um bom tempo. Eu estava grávida e logo passei a ter um bebê em casa. Ficamos seis meses sem receber um centavo e tendo de pegar empréstimos para pagar fornecedores e os salários dos funcionários que restaram. Eu não tinha dinheiro nem para demitir esses últimos. Parava o carro um quarteirão antes de chegar em casa e chorava sozinha. Só não fechei a empresa porque não sabia como era a burocracia para falir.

Na base da dor e do sofrimento, foi um momento em que eu desenvolvi habilidades importantes. Apesar de tudo, hoje, olhando para trás, considero que não abriria mão dessa dura passagem na minha trajetória. Aprendi a nunca desistir. A única coisa de valor que tinha sobrado eram algumas ações da Petrobras que, na época, pouco antes da Lava-Jato, estavam bem cotadas. Vendi essas ações e fui tentar abrir uma nova perspectiva, me matriculando em um curso na Universidade Stanford. Era um curso híbrido modelado para empreendedores brasileiros e que durou uns seis meses. Moramos, eu, meu marido, minha mãe e dois filhos, por um mês em Stanford, na Califórnia, conciliando tudo com o trabalho que seguia no Brasil.

Depois, com ideias renovadas, reiniciamos a Sólides do zero, mas persistindo no conceito de desenvolver um programa de RH para pequenas empresas. A visão estava cor-

reta, a execução é que havia sido errada. Colocamos todo o conhecimento em planilhas e montamos um software mais acessível. Mas precisaríamos de volume, o que requer dinheiro. O plano não tinha margem para erro. No segundo ano, fui atrás de investidores. Como estávamos cumprindo as metas, pensei que os fundos iriam amar o nosso projeto. Foi uma ilusão. Procuramos vinte fundos e só tivemos respostas negativas. Os gestores nos aconselhavam a tentar vender a grandes empresas porque pequenas e médias são complicadas. Também botavam defeito no nosso produto. Era o mercado financeiro apontando para um lado e a gente indo para o outro. Ou esse negócio ia dar muito certo ou ia dar errado.

A Sólides só foi ter o seu primeiro investidor em 2019, quando já contava com 1 500 clientes. O fundo DGF aportou 14 milhões de reais. Com esse impulso, chegamos aos 10 000 clientes em 2022, quando o fundo nova-iorquino Warburg Pincus nos procurou espontaneamente. Injetou 530 milhões de reais no nosso negócio — foi o maior aporte da história em uma empresa de RH na América Latina. Esse investimento já me permitiu aprimorar os sistemas, comprar outras empresas, apostar firme no marketing e abrir um escritório em São Paulo. Hoje temos 30 000 clientes e quase 1 000 funcionários. É assim que eu quero continuar, crescendo, mas me mantendo fiel à minha própria ideia. ■

Depoimento a Diego Gimenes

SALVAR A NATUREZA

Frente à crescente demanda por mineração do leito marinho, pesquisadores correm para descobrir e caracterizar espécies desconhecidas que podem ser dizimadas **LUIZ PAULO SOUZA**

BIODIVERSIDADE Imenso desconhecido: seres que mal conhecemos podem sumir do mapa

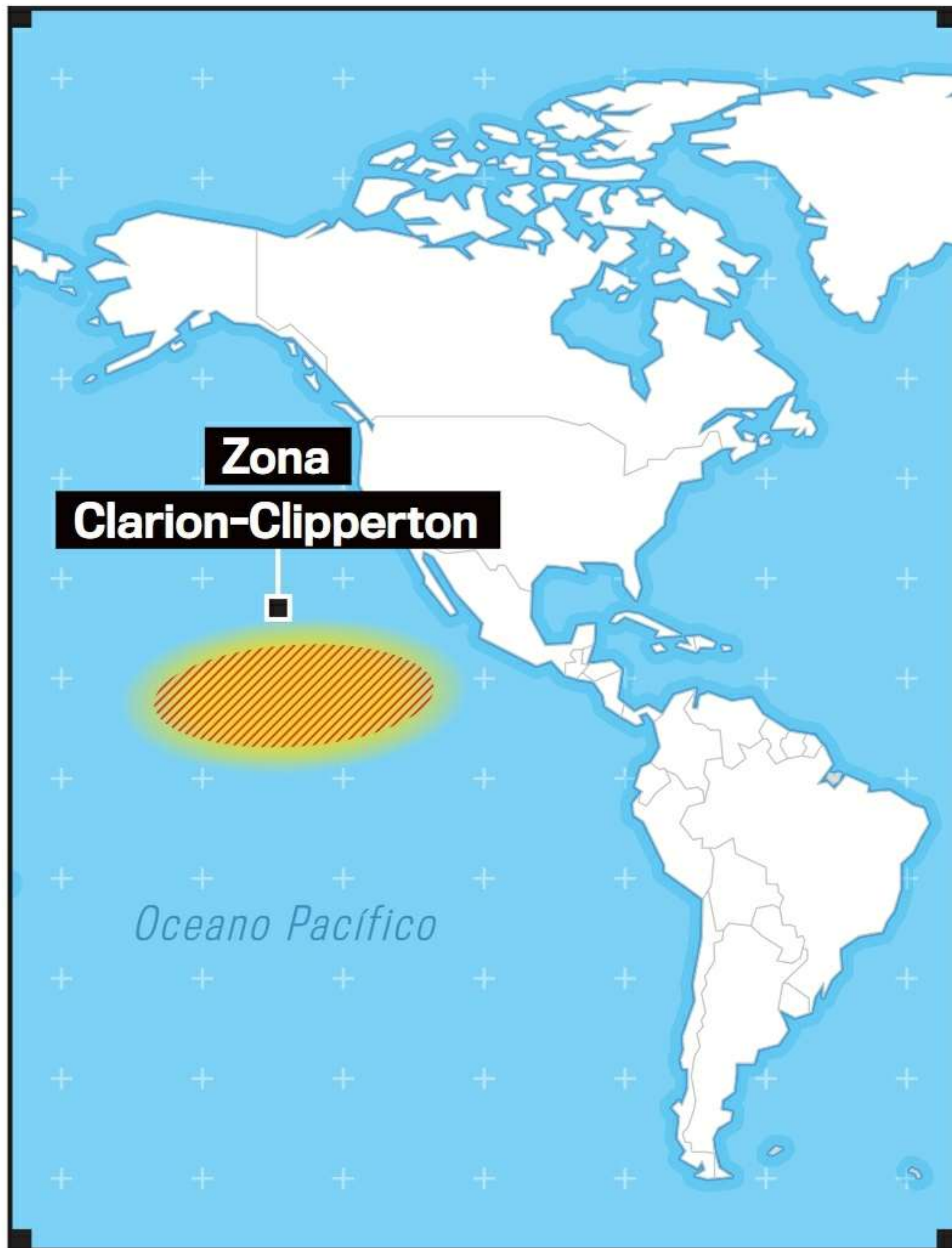
MOMENT/GETTY IMAGES

EM 1954, o Instituto Oceanográfico Scripps descobriu uma região do Oceano Pacífico que fez brilhar os olhos de exploradores ao redor do mundo. Chamada de Zona Clarion-Clipperton (CCZ), o local abrigava o equivalente a bilhões de dólares em formações rochosas ricas em minérios de manganês, níquel, cobre e cobalto. Mas havia um problema. O tesouro estava localizado em área considerada patrimônio da humanidade, longe de qualquer jurisdição nacional. Quem, portanto, teria direito a explorar?

A questão foi resolvida em 1994, com a criação da Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISA), braço das Nações Unidas que faria a regulação da exploração comercial dos leitos oceânicos internacionais. Só que há um outro nó. Só nessa região existem mais de 5 000 espécies de seres vivos, e estima-se que 90% delas são completamente desconhecidas pela ciência. Mesma proporção observada no restante dos oceanos. Agora, para jogar luz sobre esse imenso desconhecido, surge uma alternativa no horizonte.

Tradicionalmente, leva-se cerca de treze anos desde a descoberta até a descrição formal de uma nova espécie marinha, algo que costuma ser feito por apenas alguns membros de um grupo de pesquisa que, ao final do processo, publicam um artigo científico caracterizando a nova espécie. Nesse ritmo serão séculos até que as mais de 1,8 milhão de espécies desconhecidas sejam devidamente conhecidas. Uma nova estratégia, no entanto, pode oti-

EXPLORAÇÃO MINERAL

Local também é berço de formas de vida desconhecidas

1954

FOI O ANO DA DESCOBERTA DA ZONA CLARION-CLIPPERTON

6 MILHÕES

DE QUILÔMETROS QUADRADOS DE ÁREA TOTAL

17 REGIÕES

DE EXPLORAÇÃO MINERAL

MAIS DE 5 000

ESPÉCIES VIVEM NA REGIÃO

ATÉ 90%

DE SERES AINDA NÃO IDENTIFICADOS

Fonte: *Rabone et al. Curr. Bio. 2023*

mizar esse processo. Por meio de uma colaboração internacional, a Aliança Senckenberg de Espécies Oceânicas (Sosa) conseguiu reduzir para sete anos o tempo necessário para a descrição e aumentar para doze o número de novos indivíduos caracterizados de uma única vez. "Tem muita coisa nova lá embaixo e eu espero que outros grupos se unam em torno desse objetivo comum", disse a VEJA Fabrizio Machado, professor visitante na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e colaborador da Sosa. "Temos que acelerar esse processo porque essas expedições exploratórias estão destruindo tudo antes que as espécies sejam descobertas."

As empresas de mineração — já são dezessete contratos aprovados pela ISA apenas na CCZ — afirmam que a exploração do leito marinho é menos prejudicial que o garimpo terrestre, já que os nódulos são coletados utilizando-se um equipamento semelhante a um aspirador de pó, sem a necessidade de grandes perfurações. Um estudo no Japão, no entanto, mostrou que, mesmo assim, o processo é capaz de levantar detritos e perturbar o equilíbrio dessas espécies sensíveis, acostumadas ao silêncio e à escuridão, podendo levar a uma redução de até 43% no número de peixes e camarões desses locais, por meses após a varredura. E não para por aí. Um artigo da revista científica *Nature Geoscience,* publicado este ano, aponta que essas pedras submersas funcionam como baterias que quebram as moléculas de água — uma importante

SOSA/DIVULGAÇÃO

fonte, até agora desconhecida, de oxigênio. "Na minha opinião, esta é uma das descobertas mais emocionantes da ciência oceânica dos últimos tempos", afirma o diretor da Associação Escocesa de Ciências Marinhas, Nicholas Owens. "A descoberta da produção de oxigênio através de um processo não fotossintético nos obriga a repensar a forma como a evolução da vida complexa no planeta ocorreu." Certamente, também obriga a repensar as possíveis consequências de retirar esses minérios e, por extensão, dar um fim a esse processo cuja função para o meio ambiente ainda é pouco conhecida.

A conclusão pode parecer óbvia, mas tomar uma decisão sobre encerrar ou não esse tipo de exploração é mais complexo do que se imagina. Para além do potencial econômico, essa mineração também supriria uma demanda evidente. Até agora, os depósitos terrestres foram sufi-

FUNDO DO MAR Formas de vida: 1,8 milhão de espécies ainda não estudadas

cientes para as necessidades humanas, mas, à medida que crescem os apelos por uma acelerada transição energética, o consumo de minérios deve aumentar cerca de seis vezes, seja para a fabricação de baterias e carros elétricos, seja em função da adaptação das plantas para a geração e transmissão de energias renováveis. Some-se a isso, ainda, o imparável consumo de dispositivos eletrônicos e a crescente demanda por processamento computacional por parte das ferramentas de inteligência artificial — até agora, um problema sem solução. Após séculos de exploração indiscriminada e progresso incondicional, a natureza cobra seu preço. Fazer com que os seres humanos acordem para a necessidade de se ajustar aos seus limites de forma a suprir de modo razoável nossas carências exigirá cálculos complexos e uma mais que urgente harmonia entre os povos. ■

QUIMERA
Uma possibilidade interrompida: os eVTOLs no céu de Paris na Olimpíada e na Paralimpíada

EVE/DIVULGAÇÃO

NOSTALGIA DO AMANHÃ

Durante décadas, imaginamos veículos voadores, robôs e uma parafernália de invenções futurísticas que nunca despontaram. Assim caminha a humanidade

LIGIA MORAES

ERA UMA PROMESSA com estardalhaço equivalente ao anúncio de que o Rio Sena estaria limpo para as provas do triatlo e da maratona aquática na Olimpíada e na Paralimpíada. E então, no céu de Paris, ali onde Santos Dumont contornou a Torre Eiffel com o dirigível de número 6, em 1901, e depois pôs para voar o 14-bis no Campo de Bagatelle, em 1906, haveria um desfile de eVTOLs, os veículos elétricos de decolagem e pouso vertical, funcionando como serviço de táxi. Só que não, e tudo não passou de quimera adiada sabe-se lá até quando. A falta de infraestrutura, a inexistência de regulamentos e baterias de autonomia escassa prenderam a ideia ao chão e os parisienses, ao olhar para cima, viram o firmamento como antes, tingido com as cores da frustração.

Os minutos de televisão e internet gastos com os eVTOLs, os centímetros de jornais e revistas — e VEJA chegou a anunciá-los, um ano antes — terminaram em silêncio. Ficou para as próximas, e o fracasso, chamemos assim, ampliou um fato de nosso tempo: cadê o futuro que estava aqui? Dito de outro modo, nas palavras do poeta Paul Valéry (1871-1945), o "futuro não é mais como costumava ser".

As previsões que uma vez, lá atrás, na primeira metade do século XX, um pouquinho depois, talvez, nos entusiasmaram falharam ao vislumbrar a essência do que estaria por vir — e inapelavelmente não veio. O amanhã raramente segue o caminho que imaginamos, e as inovações que

ISTOCKPHOTO/GETTY IMAGES

SÓ QUE NÃO Os carros autônomos: prontinhos para chegar às cidades

transformam vidas muitas vezes chegam de maneiras inesperadas, sem que fosse anunciado por um livro, um filme ou um desenho animado. E adeus ao cotidiano suposto, para ficar em um exemplo simples e pop, pelo seriado *Os Jetsons*, lançado nos anos 1960. Ora, por que não robôs que cuidassem de tarefas domésticas? Por que não carros voadores? Poderíamos pôr na mesma conta os autônomos, que há anos pareciam estar prontos para vir à luz e frearam. Ok, nenhum futurólogo cravou a espetacular dimensão da internet e de um iPhone. Ninguém ousou imaginar que crianças e adultos estariam eternamente debruçados em telas de smartphones ou entrariam em desespero ao descobrir que um juiz, de um certo país, mandou tirar do

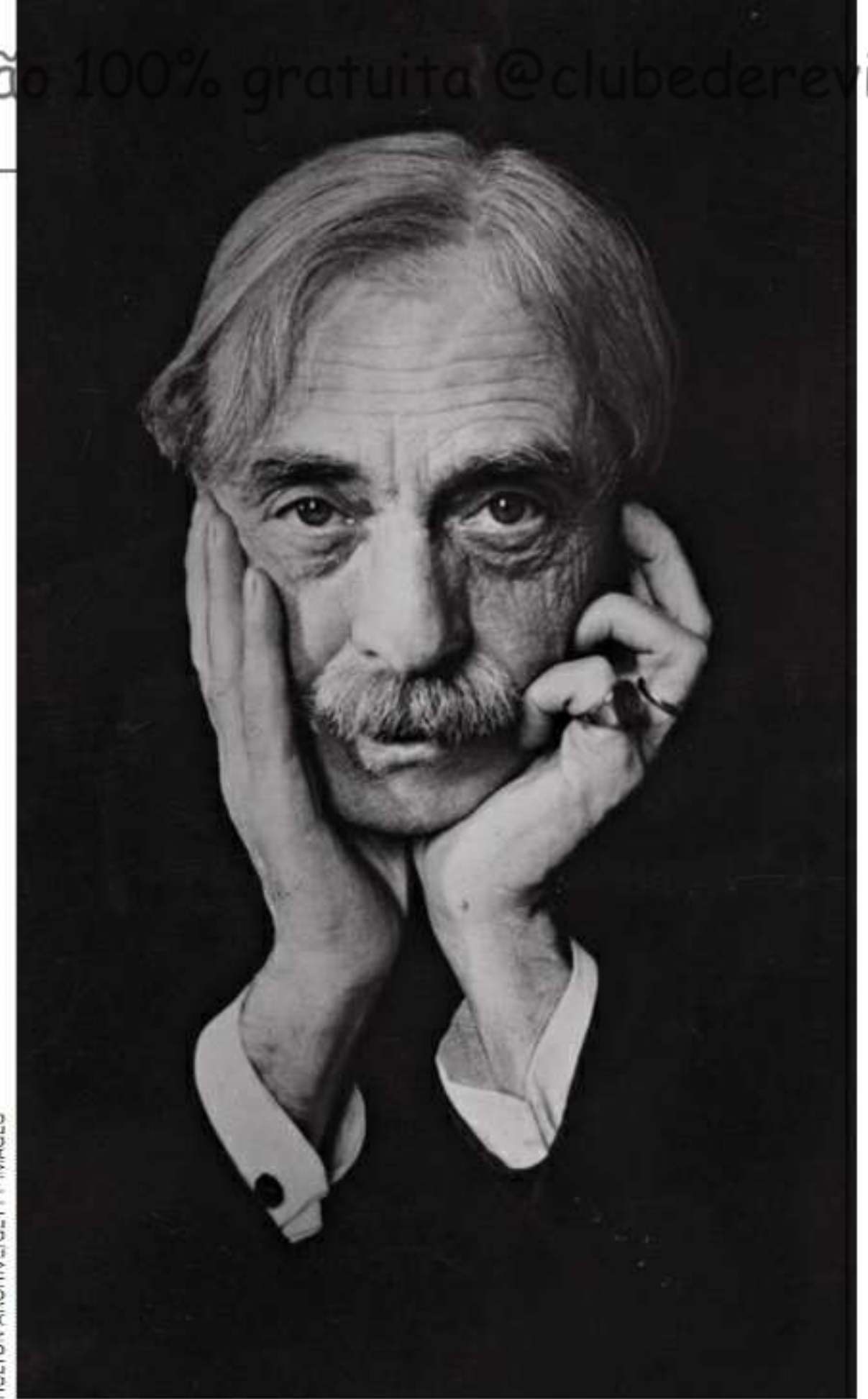
WARNER BROS.

ANIMAÇÃO A alegre família do seriado *Os Jetsons*, lançado nos anos 1960: falta muitíssimo ainda

ar uma determinada rede social, e dá-lhe a terrível síndrome de abstinência. Mas as imagens futuristas, de cidades inventadas, talvez nunca brotem.

Melhor dizendo: há saltos, mas os avanços tecnológicos trataram de se espalhar à sombra, calma e docemente. Um excelente livro lançado recentemente, *The Long History of the Future*, da jornalista britânica Nicole Kobie, mostra por que a espetacularização foi um erro, atropelada pelo passar dos anos. Para ela, a obsessão com a grandiosidade e o impossível — ah, os Jetsons — nos impede de reconhecer as ideias que realmente fazem diferença. O progresso muitas vezes é silencioso. Melhor prestar atenção na realidade dos trens-balas, adaptação eficiente de uma possibilidade

efetiva, do que apostar nos hyperloops — os trens de altíssima velocidade em tubos a vácuo, uma das "maluquices" de... de... Elon Musk. "As projeções do futuro também estão ligadas às projeções de poder do presente. Portanto, quem sonha com o futuro geralmente sonha com seu próprio poder dentro desse contexto", diz Luís Mauro Sá, cientista social e professor da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

SACADA INTELIGENTE
O poeta francês Paul Valéry (1871-1945): "O futuro não é mais como costumava ser"

Não há dúvida, é um jogo de poder construído por empresas gigantes, como as do Vale do Silício, que ditam o que seremos — embora nem sempre acertem o alvo, e muitas vezes acabam sendo interrompidas por dificuldades inimagináveis. O psicólogo americano Abraham Maslow (1908-1970) definiu esse xadrez com uma frase antológica: "Se a única ferramenta que você tem é um martelo, é tentador tratar tudo como se fosse um prego". Como nem tudo é prego, evidentemente, cabe e sempre caberá um freio de arrumação, porque o futuro não é como antigamente, não mesmo.

Caminhávamos para alguma novidade, algo que parecesse com as visões do passado olhando para a frente, quando despontou com força inesperada a inteligência artificial (IA), que faz mágica com uma carta escondida na manga: ela trabalha nos bastidores, invisível, como onda que corre no mar, ocupa os espaços, toma o formato do que já existe. É o óleo — um tantinho escondido — que faz mover as engrenagens da civilização, sem que sejam necessários objetos que nunca existiram, como um eVTOL. A IA fez o cenário do futuro mais complexo e chega de bola de cristal. De Yuval Noah Harari, que acaba de lançar *Nexus — Uma Breve História das Redes de Informação, da Idade da Pedra à Inteligência Artificial* (Companhia das Letras): "A IA é a tecnologia mais poderosa já criada pela humanidade, porque é a primeira que pode tomar decisões: uma bomba atômica não pode decidir quem atacar, nem pode inventar novas bombas ou novas estratégias militares. Uma IA, ao contrário, pode decidir sozinha atacar um alvo e pode inventar novas bombas". Quem haveria de costurar um futuro como esse, quase intangível? ■

AMEAÇA À HISTÓRIA

Condições ambientais extremas estão pondo em perigo o presente e o passado da humanidade, ao atingir patrimônios naturais e culturais de imensa relevância

MARÍLIA MONITCHELE

DESASTRE A pirâmide de Ihuatzio, no estado de Michoacán, no México: desabamento parcial devido às chuvas

RAMIRO AGUAYO/INAH

ENTRE OS SÉCULOS XIV e XVI, os purépechas dominaram o oeste do México, com uma população estimada em mais de 1 milhão de pessoas. Em um cenário repleto de reinos pré-hispânicos notáveis, eles estabeleceram um império poderoso e se destacaram como um dos poucos povos que resistiram ao domínio asteca. Embora sua cultura persista até hoje, esse legado enfrenta uma ameaça devastadora.

Na noite de 29 de julho, uma pirâmide de Ihuatzio, no estado de Michoacán, sofreu um desabamento parcial devido às chuvas intensas. A estrutura, com cerca de 1100 anos, era um dos monumentos mais bem preservados daquela civilização. No interior do edifício, os danos foram ainda mais graves, afetando o núcleo e os muros de contenção, comprometendo seriamente a integridade da construção.

O Instituto Nacional de Antropologia e História do México atribuiu o desastre às altas temperaturas registradas na área e à consequente seca, que provocaram fissuras e permitiram infiltrações de água. “Para nossos ancestrais, os construtores, isso era um mau presságio que indicava a proximidade de um evento importante”, escreveu Tariakuri Álvarez, descendente dos purépechas, em sua conta no Facebook. “Antes da chegada dos conquistadores, algo semelhante aconteceu.”

O mau agouro não se restringe aos monumentos da civilização mexicana. Poucos dias depois do colapso da pirâmide, o Arco Duplo, uma imponente formação geológica que atrai milhares de turistas ao Parque Nacional Glen

ANDREA MEROLA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NÍVEL DO MAR Veneza inundada: uma cena cada vez mais comum na cidade

Canyon, nos Estados Unidos, também foi ao chão. A estrutura, com mais de 190 milhões de anos, não suportou as variações dos níveis de água e erosão provocada pelas ondas do Lago Powell.

O fator comum entre os dois casos são as condições ambientais extremas, que estão se tornando um sério problema para patrimônios arqueológicos de relevo para a humanidade. A Unesco, que é responsável por proteger mais de 1 200 áreas do Patrimônio Mundial em 168 países, estima que um terço dos sítios naturais e um em cada seis sítios culturais estão sofrendo de algum modo com os impactos das mudanças climáticas.

Os perigos afetam lugares tão diversos quanto as pinturas rupestres mais antigas do mundo, registradas na Ásia, que estão se deteriorando devido à erosão acelerada pelas variações climáticas, ou a Grande Barreira de Corais da Austrália, ameaçada pelo aquecimento das águas oceânicas. Na Argélia, as ruínas de Tipasa estão na corda bamba, ameaçadas. E até mesmo Veneza pode deixar de existir. Com o Mar Adriático subindo alguns milímetros ao ano, prevê-se que inundações graves que aconteciam a cada 100 anos ocorrerão a cada seis anos até 2050, e a cada cinco meses até 2100.

Há preocupação. “É difícil dizer que exista algum bem totalmente seguro”, diz Silvia Zanirato, professora do curso de gestão ambiental da USP. “Em geral, os patrimônios que se encontram nos países que mais sofrerão efeitos da variabilidade climática e que também têm maiores dificuldades de conservação serão os que terão maior propensão a perdas.”

Um levantamento recente sugere que os sítios da América Latina têm 16% a mais de chance de enfrentar ameaças severas do que aqueles na Europa e América do Norte. No Brasil, os lugares considerados Patrimônio Mundial da Humanidade que se encontram na região costeira, como os centros históricos de Olinda, de Salvador, de São Luís do Maranhão, de Paraty e o Sítio Arqueológico Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, já sofreram com a invasão das águas do mar.

Há solução? Sim. A Unesco desenvolve uma série de diretrizes sobre ação climática, com a apresentação de estudos

DAVE PRIMOV/ALAMY/FOTOARENA

EM RISCO Ruínas antigas de Tipasa, na Argélia: sinal de desmoronamento

para adaptações que podem ajudar a deixar os patrimônios mais resilientes. "Embora possa parecer uma questão secundária, não é", lembra Luana Campos, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. "Esses lugares dizem respeito à identidade dos povos e a tudo que a humanidade construiu." Se o presente tem um longo passado, torça-se para que o legado sobreviva para as próximas gerações. Não se trata de supor o apocalipse, mas de pedir atenção. ■

VINCENZO LOMBARDO/ROBERT HARDING/AFP

PAIXÃO A impressão do rosto de um homem no linho: exames de pólen e sangue confirmariam autenticidade

O FASCÍNIO DO MANTO

Pesquisadores italianos submetem fios de linho do Sudário de Turim a novos testes, que contestam datações anteriores e o aproximam da morte de Jesus **ALESSANDRO GIANNINI**

COM 4,4 METROS de comprimento por 1,1 metro de largura, uma peça de linho ancestral está embebida de mistério e controvérsia há centenas de anos. Desde que foi mencionado pela primeira vez, no século XIV, o pano que teria envolvido o corpo de Jesus Cristo depois de sua crucificação foi visto ao longo dos tempos tanto como um objeto de veneração cristã quanto como um símbolo de trapaça e falsificação. Nem a imagem de um homem que parece ter sofrido ferimentos físicos consistentes com a pena excruciante de ser pregado a uma cruz foi suficiente para que a comunidade científica se satisfizesse com as evidências. O chamado Santo Sudário, também conhecido como Sudário de Turim, por estar depositado na Catedral de São João Batista, voltou a ser notícia recentemente em razão de um estudo realizado em 2022 por cientistas italianos de Bari e de Pádua que aplicaram um novo método de datação menos invasivo ao tecido. Do nada, como faísca eterna, o tema viralizou nas redes sociais como se fosse a grande novidade em mais de 2 000 anos — e é, ao menos do ponto de vista do interesse por um ícone.

As descobertas de agora contestam os resultados obtidos em 1988 a partir de uma colaboração entre três laboratórios independentes dos Estados Unidos e Europa. Na época, os resultados dataram o tecido entre 1260 e 1390 d.C., com 95% de margem de confiança. Muito tempo depois, portanto, da morte e suposta ressurreição do mítico personagem. O trabalho atual, a partir da comparação com um pedaço de tecido oriundo de um episódio histórico, o Cerco de Massa-

PROCIP/ROBERT HARDING/AFP

TURIM Capela na Catedral de São João Batista: ambiente controlado com esmero

da, de 74 d.C., puxou a linha do tempo, e daí o espanto. Seria indício da fidedignidade do objeto louvado pelos católicos.

Há, no passeio de investigação, detalhes científicos interessantes demais para serem negligenciados. As técnicas anteriores, apontam os investigadores dessa segunda etapa, abririam brechas para contaminações relevantes. Há quase quatro décadas, cientistas das universidades de Oxford, no Reino Unido, e do Arizona, nos Estados Unidos, além do Instituto Federal de Tecnologia da Suíça em Zurique, rece-

beram pedaços de uma pequena amostra com cerca de 50 miligramas retirada de um canto do Sudário. Outras amostras de controle com datas conhecidas também foram enviadas para garantir a precisão dos testes. Esses fios foram submetidos a um recurso que mede a quantidade de carbono-14 presente no tecido. O elemento é um isótopo radioativo que decai a uma taxa conhecida ao longo do tempo. A novidade hoje: no estudo liderado pelo físico Liberato De Caro, do Instituto de Cristalografia do Conselho Nacional de Pesquisa, na Itália, foi feita uma inspeção mais moderna em uma amostra com cerca de 0,5 por 1 milímetro retirada do canto esquerdo do Sudário. "O exemplo mais simples para entender a técnica usada é a radiografia de raios X", disse a VEJA De Caro, de Bari, na Itália. "Medimos a ordem da celulose no linho, um polímero que se degrada com o tempo. Essa técnica é semelhante a um raio X microscópico e permite medir a degradação com o passar do tempo."

Ao cotejar uma e outra iniciativa, a de 1988 e a de 2022, brotaram ruídos. Alguns críticos argumentam que as amostras de tecido utilizadas para os testes dos anos 1980 poderiam ter sido contaminadas por materiais mais recentes ou por processos de conservação equivocados. Outros sugerem que a amostra testada poderia ter vindo de uma parte do Sudário que foi reparada, o que poderia ter afetado os resultados. Outro ponto de crítica é que todos os pedaços foram retirados de uma única área. Pesquisadores acreditam que, para obter uma datação mais precisa, os cortes deveriam ter

REPRODUÇÃO

COLABORAÇÃO Em 1988: cientistas de três laboratórios examinaram o tecido

sido coletados de diferentes partes, e mesmo o escrutínio recente ateve-se a um único canto. “Existem evidências independentes, como exames de sangue e pólen, que concordam com as descrições dos Evangelhos, tornando plausível a hipótese de que o Sudário envolveu Jesus”, diz De Caro, que divide o trabalho científico com as funções de diácono, membro do clero cristão que auxilia nas funções litúrgicas, pastorais e administrativas da Igreja. Há conflito de interesses? Para De Caro, não. Ele defende os resultados de sua pesquisa ressaltando que muitos cientistas do passado eram também líderes religiosos. O debate sobre a autenticidade da relíquia continua tanto para pesquisadores quanto para teólogos e historiadores. É fascínio perene. ■

FIOS DE ESPERANÇA

Descobertas e avanços tecnológicos proporcionam resultados cada vez melhores no tratamento da calvície, uma condição que afeta metade dos homens após os 50 anos **VALÉRIA FRANÇA**

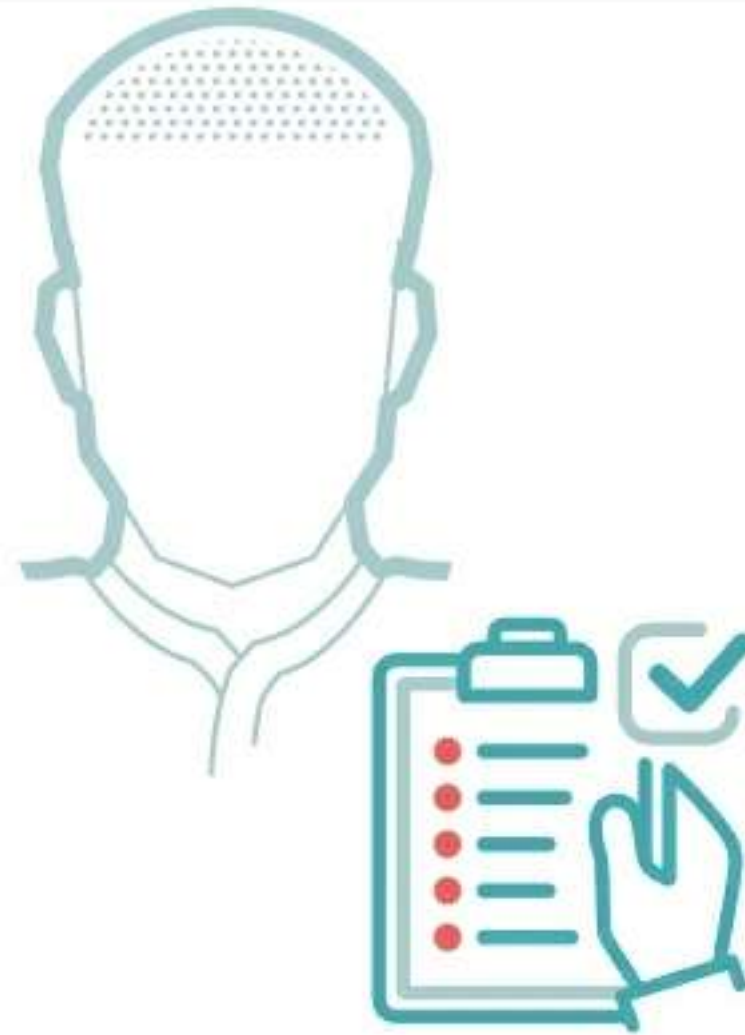
BAYTUNC/GETTY IMAGES

NA CABEÇA DO POVO Alopecia hereditária: 42 milhões de brasileiros têm calvície; solução vai de spray a transplante

A DEMANDA É MILENAR. Desde a Antiguidade há registros de inúmeras tentativas de resolver a queda de cabelo. As receitas chegavam a ser mirabolantes. Figuras históricas, como o imperador romano Júlio César (100-44 a.C.), apelaram até a uma pasta feita com ratos queimados. Mais de vinte séculos depois, preservar as madeixas continua sendo um desejo (e desafio) sobretudo para os homens. Uma das razões está na natureza: aos 30 anos de idade, um em cada quatro homens tende a perder um volume de fios. Aos 50, praticamente metade deles entra nesse time. E, com uma década de vida a mais, três em cada quatro veem clareiras no cocuruto. A alta incidência e a cultura de valorizar a cabeleira — um símbolo de juventude — explicam, portanto, a potência do mercado de tratamento capilar, que movimenta por ano 7,8 bilhões de dólares pelo mundo e só cresce.

A procura, evidentemente associada a investimentos, entrega boas notícias. Com novas tecnologias, o sonho de repovoar o couro cabeludo não só é possível como tem se tornado menos dramático e mais acessível. De fato, o arsenal de soluções baseadas em pesquisas — não nas crendices ancestrais — evoluiu significativamente *(veja no quadro ao lado)*. Contempla uma gama de terapias que vão de sprays tópicos a transplante capilar, a depender da necessidade e do estágio da calvície. O grande salto nessa seara foi dado, recentemente, com a descoberta dos motivos fisiológicos por trás da queda de cabelo — e há que lembrar que, embora em menor número, mulheres podem penar com ela. Os achados abriram caminho ao desen-

OPERAÇÃO ANTIQUEDA

De medicamento a transplante, o arsenal terapêutico ampliou-se

USO TÓPICO

Há três substâncias no mercado: dutasterida, minoxidil e finasterida. Têm por princípio controlar a queda e estimular o crescimento dos fios

MEDICAMENTO ORAL

Desenvolvidos originalmente para outras finalidades, minoxidil e finasterida demonstraram efeitos contra a perda dos cabelos, sendo bastante prescritos hoje

MICROAGULHAMENTO

Procedimento minimamente invasivo realizado no couro cabeludo para estimular a circulação local e o bulbo folicular

TRANSPLANTE

Consiste na retirada e implante de cabelos nos locais comprometidos pela calvície de forma ultraprecisa. Os resultados melhoraram muito com as novas técnicas

CÂMARA HIPERBÁRICA

Tecnologia usada no pós-operatório do transplante, diminui a inflamação e ajuda na cicatrização, otimizando a recuperação do paciente

LUIS BLANCO

EVOLUÇÃO Transplante capilar: resultados melhores com recursos high-tech

volvimento de produtos e técnicas aptos a driblar ou remediar processos naturais. "A perda dos fios está relacionada com a atuação de uma enzima que converte a testosterona, o hormônio masculino, em uma substância que encolhe os folículos capilares", diz a médica Juliana Mendonça, membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). Esse fenômeno pode ser mais ou menos exacerbado pela influência genética.

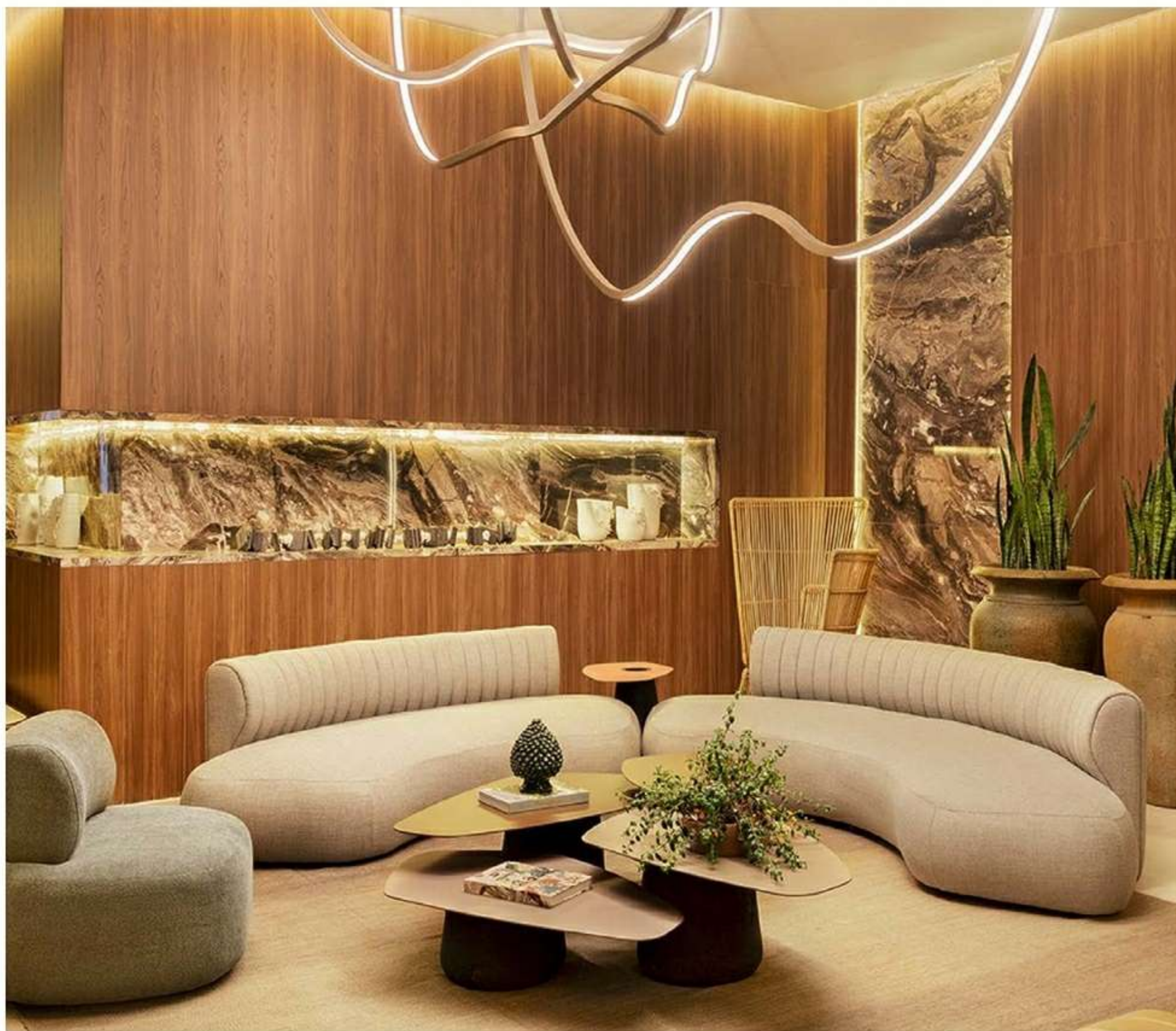
Para coibi-lo, farmacêuticas criaram moléculas como o minoxidil, a finasterida e a dutasterida — todas nasceram com outras finalidades, mas se mostraram úteis ao controle e à prevenção da queda. De loções a comprimidos, esses medicamentos costumam ser a primeira frente de combate à calvície. O uso deve ser feito sob indicação médica e a adesão diária faz diferença nos resultados, que levam três meses para aparecer. Procurar um especialista — um dermatologista ou um tricologista, o expert em cabelos — é crucial para identificar as origens da debacle capilar. Até porque doenças infecciosas (como a covid-19) e disfunções hormonais tendem a alimentar o qua-

dro. Quando a alopecia é hereditária — diagnóstico de cerca de 42 milhões de homens no país, pelas estimativas da SBD —, tende a ser irreversível, mas pode ser controlada.

O ideal, em todos os casos, é buscar orientação médica aos primeiros sinais suspeitos. A demora pode comprometer o tratamento, e os remédios já não darão conta do recado. Foi o que aconteceu com o empresário Bruno Amadeu, de 38 anos. Ele estava na faculdade quando ganhou o apelido de "careca". Chegou a tentar a aplicação de minoxidil, mas não se adaptou. Quando procurou um tricologista, a melhor saída seria o transplante capilar. Aí é que está: hoje, felizmente, mesmo quando a situação já progrediu, há como reparar o sumiço dos fios e a autoestima do cliente.

Desde que foi desenvolvido nos EUA, ainda na década de 1950, o transplante capilar evoluiu sensivelmente. O resultado ficou melhor — adeus, "cabelo de boneca" — e o processo todo tornou-se menos doloroso. "A tecnologia nos ajuda muito tanto no planejamento como na cirurgia em si", diz o médico especialista em transplante capilar Arthur Bianco, que tem entre seus pacientes personalidades como Roberto Carlos e Tom Cavalcante. O procedimento consiste em tirar cabelos da região mais abastada para a mais carente. "Mas, agora, transplantamos folículo por folículo com uso de microscópio e lâminas mais precisas", afirma Bianco. A operação, feita sob anestesia, pode levar dez horas — tudo isso para garantir um acabamento perfeito após a recuperação. Sim, o desespero com a calvície está por um fio. ■

MADEIRA DE LEI

Na contramão da vergonhosa estatística das queimadas, projetos incentivam a produção de móveis feitos de árvores caídas na Amazônia **SIMONE BLANES**

CUIDADO O espaço de Letícia Granero na CASACOR, em São Paulo: o zelo com a natureza dentro do lar

DANIELA MAGARIO/CASACOR

A ESTATÍSTICA arde como chama: em agosto, o Brasil registrou 68 635 focos de queimadas, de acordo com levantamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Foi o maior número para o mês desde 2010 e o quinto pior da série histórica, iniciada em 1998. Em relação a 2023, que registrou 28 056 pontos de fogo nesta época do ano, o aumento foi de 144%. É triste e constrangedor. Levando-se em conta os dados dos oito primeiros meses de 2024, a quantidade de labaredas é a maior em catorze anos. A inglória liderança é da Amazônia, com mais de 63 000 episódios pirotécnicos. Nessa imensidão trágica e vergonhosa, porém, emerge um caminho de esperança: o crescimento de iniciativas que, na contramão da negligência e do crime, tratam o bioma com respeito e ensaiam levá-lo, de alguma forma, para dentro dos lares brasileiros.

É o caso do recém-inaugurado Ateliê da Floresta, projeto da Reserva Extrativista Chico Mendes, em Xapuri, no Acre, cujo plano é transformar resíduos de madeira de árvores caídas em peças de decoração e móveis, criando oportunidades de negócios, sem desmatar, como era desejo do seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988. “É um sonho realizado, a prova de ser possível gerar renda para as famílias e manter a floresta de pé”, disse a VEJA o líder extrativista Raimundo Mendes de Barros, primo de Chico. Dali, saem mesas, cadeiras e utensílios de cozinha feitos por membros de dezoito famílias e que já chamam a atenção de galerias de Manaus e São Paulo pelo design ge-

INSTAGRAM @ATELIE_DA_FLORESTA_ACRE

RESPEITO Ateliê da Floresta, em Xapuri (AC): reaproveitamento de resíduos

nuinamente rústico e pela durabilidade, características requisitadas pelos humores dos dias de hoje. “Além da conservação ambiental, projetos com essa estrutura contribuem para um futuro mais sustentável na Amazônia”, diz Neluce Soares, bióloga e coordenadora do Legado Integrado da Região Amazônica (Lira), programa do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ).

Iniciativas semelhantes brotam com velocidade, ao iluminar a saudável tendência. A Movelaria Comunitária Sustentável, da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Igapó-Açú, por exemplo, envolve jovens na lida com ma-

ANDRE NAZARETH/EDITORA OLHARES/DIVULGAÇÃO

ELEGÂNCIA AMBIENTAL A clássica namoradeira de Zanine Caldas: peça talhada de madeira bruta

deira manejada. A consciência ambiental e o apreço por móveis reciclados também pautam trabalhos de profissionais renomados como Letícia Granero, que levou o conceito ao seu espaço na edição deste ano da CASACOR, em São Paulo, e Zanini de Zanine e Leo Lattavo, que, com a BVRio, criaram a Design & Madeira Sustentável para compartilhar conhecimentos e técnicas de desenho com movelarias comunitárias na Amazônia.

Vale ressaltar que, além de promover o desenvolvimento econômico, trata-se de combater o desmatamento e o uso de mão de obra escrava decorrentes da extração ilegal

de madeira, ao apartar atravessadores. É caminho que ganha o mundo, no casamento da estética com o respeito. Basta ver o cipoal de objetos ecológicos destacados na Semana de Design de Milão por meio de grifes como a italiana Arper e a espanhola Patricia Urquiola.

A estética que brota de grupos amazônicos, no avesso da contravenção ambiental, remete ao belo trabalho do arquiteto José Zanine Caldas (1919-2001), cujas obras uniam a forma e a função como manifesto. No fim dos anos 1960, a partir de Nova Viçosa, na Bahia, ele criou um mobiliário imaginado da lida com troncos tombados e torrados, matéria-prima abandonada e desrespeitada, a que chamou de Móveis Denúncia. Correram o mundo, foram parar em museus com o MoMA, de Nova York, como a namoradeira talhada em uma única peça bruta, e ajudaram a renovar o olhar para um pedaço do planeta que exige atenção. As recentes iniciativas, alimentadas e geridas por comunidades locais, recuperam o estandarte — servem a um só tempo de alerta e sinônimo de elegância, ao oferecer o conforto de permanente mãos dadas com o zelo ambiental. ■

MESTRE DOS DISFARCES

Livro conta a história da famigerada Mão Negra, organização criminosa que aterrorizou Nova York no fim do século XIX por meio das ações de seu maior algoz **ALESSANDRO GIANNINI**

"SHERLOCK" Giuseppe "Joe" Petrosino: habilidades investigativas renderam-lhe fama como herói popular

FLHC DBCE/ALAMY/FOTOARENA

ANTES DA MÁFIA ítalo-americana iluminada pelo cinema de Hollywood, havia a Sociedade da Mão Negra. A organização criminosa operou nos Estados Unidos, entre o fim do século XIX e o início do século XX. O grupo fazia sequestros, extorsões de dinheiro e chantagem, visando imigrantes italianos que enfrentavam discriminação e dificuldades econômicas. Como resultado, algumas dessas pessoas aderiam ao crime organizado como meio de sobrevivência. Operavam sobretudo em áreas urbanas, como a cidade de Nova York. Os métodos incluíam o envio de cartas assinadas com a impressão de uma mão em tinta preta, o necessário aviso às vítimas de que o não cumprimento das exigências resultaria em violência.

Em *A Mão Negra*, lançado no Brasil pela Editora Cultrix, o escritor americano Stephan Talty resgata a história da organização sob o ponto de vista de um personagem fascinante, o tenente Joseph "Joe" Petrosino (1860-1909), da polícia de Nova York. Batizado Giuseppe Petrosino, ele ficou famoso por seu trabalho pioneiro no combate ao crime organizado na metrópole americana. Nascido em Padula, uma cidade na Província de Salerno, na Itália, migrou com a família para os Estados Unidos em 1873, quando tinha 13 anos. Os Petrosino se estabeleceram no bairro de Little Italy, em Manhattan, destino comum para os grupos de italianos naquele tempo de alimentar esperanças.

Petrosino trabalhou como engraxate de sapatos, músico e gari antes de entrar para a força policial nova-iorquina, em

1883. No início, patrulhava as ruas e respondia aos chamados de emergência. Como era nativo, falar italiano fluentemente o tornou valioso na comunicação com a crescente população de imigrantes italianos. A dedicação o levou a trabalhar em casos cada vez mais complexos, envolvendo principalmente sua comunidade e as ações criminosas da Mão Negra. Até que, em 1895, foi promovido a detetive, em reconhecimento a sobejas habilidades investigativas, muitas vezes se disfarçando como um dos malfeitores para coletar informações em torno de atividades ilícitas.

Um dos episódios mais rumorosos pelo qual Petrosino ficou conhecido envolveu o celebrado cantor de ópera italiano Enrico Caruso, que estava sendo chantageado pela Mão Negra. Por esse e outros eventos, o policial ganhou o apelido de "Sherlock Holmes Italiano" dos jornais americanos. A comparação com o famoso detetive fictício criado por sir Arthur Conan Doyle ajudou a tecer uma imagem pública de herói popular. "Quando Petrosino estava preocupado com um caso difícil, era seu hábito se refugiar nas óperas de Verdi, seu compositor favorito", escreve Talty no livro, apro-

A MÃO NEGRA,
de Stephan Talty
(Editora Cultrix,
374 págs.,
69,90 reais
e 48,90 reais
em e-book)

NY DAILY NEWS ARCHIVE/GETTY IMAGES

BILÍNGUES O Esquadrão Italiano: cultura e dialetos levados aos EUA

ximando-o ainda mais do Holmes de Conan Doyle. "Ele pegava seu violino e arco e tocava uma música em particular, *Di Provenza il Mar,* a ária de Germont de *La Traviata*."

No início dos anos 1900, Petrosino havia se tornado um líder da polícia no combate ao crime organizado dentro da comunidade ítalo-americana. Com habilidade e muita ousadia, ele havia conquistado a confiança do comissário de polícia Theodore Roosevelt, que mais tarde se tornaria o 26º presidente dos Estados Unidos. Tudo isso permitiu que ele criasse, em 1904, o Esquadrão Italiano, composto inicialmente por cerca de cinco agentes fluentes na língua e familiarizados

PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY/FOTOARENA

MODELO Força-tarefa: inspiração do filme *Os Intocáveis,* de Brian De Palma

com os costumes e dialetos italianos. A força-tarefa influenciaria depois a criação de outros destacamentos semelhantes no país, como o liderado por Eliot Ness na polícia de Chicago, nos anos 1930, que combateu o contrabando de bebidas alcoólicas, proibidas então pela Lei Seca, e as atividades mafiosas do chefão Al Capone — o grupo de policiais inspiraria o filme *Os Intocáveis* (1987), de Brian De Palma.

A fama de Petrosino acabaria cobrando um preço alto. Em uma atitude ousada, ele viajou para a Itália em uma missão secreta para reunir informações sobre criminosos italianos que operavam nos Estados Unidos. Em 12 de março de

1909, em Palermo, na Sicília, o tenente da polícia americana foi surpreendido na Piazza Marina enquanto aguardava um contato e morto a tiros por agressores desconhecidos. Seu assassinato permaneceu sem solução por décadas.

Em 2014, o caso teve um avanço significativo e surpreendente. Durante uma operação de rotina de grampo telefônico visando a Cosa Nostra, a polícia italiana gravou uma conversa na qual Domenico Palazzotto, um chefe da máfia local, se gabava de que seu ancestral Paolo Palazzotto havia matado Petrosino sob as ordens de Vito Cascio Ferro, um poderoso líder mafioso da época. Foi o primeiro elo concreto com os assassinos de Petrosino, embora tenha chegado tarde demais para qualquer ação legal devido à passagem do tempo e às mortes dos envolvidos. O que fica é elementar: o crime nunca compensa, e um bom modo de evitá-lo é mergulhar nas entranhas de sua destruição. ■

MUNDO DOS SONHOS

Nos 100 anos de invenção do surrealismo, uma mostra em Paris celebra o movimento que marcou época ao trazer à luz a maravilhosa — e agitada — intimidade do ser humano

MARCELO MARTHE

MONSTRO DA RAZÃO Obra do alemão Max Ernst: movimento se contrapôs às palavras de ordem modernistas

BPK, BERLIN, DIST. RMN-GRAND PALAIS/IMAGE STÄDEL MUSEUM

Salvo de lutar nas trincheiras por ser estudante de medicina, o francês André Breton (1896-1966) não deixou, contudo, de encarar de perto a loucura da Primeira Guerra Mundial. Ao servir em um hospital para combatentes feridos, lidou diretamente com pacientes traumatizados pelo conflito. Ainda que nesse cenário desolador, havia um momento em que ele não escondia sua empolgação: quando aplicava aos soldados um teste inspirado nas recém-popularizadas teorias de Freud, que consistia em lançar uma palavra aleatória ao doente e ouvir suas manifestações espontâneas e devaneios.

Anos depois, mais precisamente em 15 de outubro de 1924, essas experiências deram origem a um fruto bombástico. Após abandonar a medicina para virar escritor, Breton cavou sua própria trincheira na história cultural ao lançar então o Manifesto Surrealista — pedra de toque de um movimento fadado a marcar para sempre a arte, a literatura e o cinema. No centenário de seu advento, a invenção de Breton é reverenciada de forma fabulosa em ***Surrealismo,*** mostra recém-inaugurada no Centro Georges Pompidou — no coração da mesma Paris que acabou de sediar a Olimpíada e, curiosamente, também testemunhava o evento esportivo global no ano em que essa tendência da arte moderna deu seu grito de guerra.

Na cena vanguardista da capital francesa de início do século XX, vertentes não menos estridentes como o cubismo e o expressionismo eclodiram ao mesmo tempo, e o

KATHERINE DU TIEL/SAN FRANCISCO MUSEUM OF MODERN ART

DEVANEIOS Pintura de De Chirico *(à dir.)* e a típica subversão de Magritte: metafísica e objetos fora da ordem

THE MUSEUM OF MODERN ART, NEW YORK

surrealismo se impôs ao oferecer uma visão de mundo alternativa às palavras de ordem modernistas. Enquanto a humanidade se excitava com o desenvolvimento das metrópoles e de novas invenções que pareciam colocar o mundo de forma definitiva num rumo racional e próspero, toda uma geração de jovens — incluindo Breton e os escritores e artistas plásticos das futuras fileiras surrealistas, do alemão Max Ernst ao espanhol Joan Miró — se mostrava frustrada com a carnificina provocada pelas disputas geopolíticas e com a devastação econômica que se seguiu à Primeira Guerra.

O antídoto, para eles, residia num mergulho radical em uma fonte de sabedoria e inspiração que transcendia a suposta esterilidade do mundo moderno: os desvãos instintivos da mente humana, onde se poderia alcançar aquilo que Breton chamava de “maravilhoso”. Na mostra do Pompidou, um conjunto de centenas de obras que são o suprassumo do movimento se distribui num imenso labirinto, que tem em seu centro o original do manifesto de Breton — o mito do refúgio do Minotauro grego era caro aos surrealistas, por refletir uma civilização ainda pura e anterior ao domínio da racionalidade. Àquela altura, o mundo acenava com um menu de ferramentas fresquinhas para dar vazão à criatividade dos surrealistas. Das ideias de Freud, eles tomaram elementos como a fixação no mistério dos sonhos — campo especialmente explorado por pintores como Ernst e Salvador Dalí. “Eu acredito na futura resolução desses dois estados, aparentemente tão contraditórios, que são o sonho e a realidade, em uma espécie de realidade absoluta, de surrealidade, se é que podemos chamar assim”, pregava Breton em seu manifesto.

No caldeirão surrealista cabia ainda a fascinação pelo espiritismo — a escrita ou a pintura “automáticas” se pautavam, por vezes, pela prática mediúnica. Também se incluía no pacote um misticismo humanista expresso, por exemplo, na pintura metafísica de um pioneiro que não chegou a se filiar ao movimento, o italiano Giorgio de Chirico, com suas cenas enigmáticas que fundiam de modo improvável elementos clássicos e modernos.

ORIGEM Página do manifesto de Breton: mergulho radical na mente

Essa combinação caótica de objetos, personagens e cenários estranhos é, afinal, o que provoca impacto na arte surrealista. O termo surreal foi pego de empréstimo de um comentário do poeta Guillaume Apollinaire sobre uma peça teatral — significa algo como “super-real” ou “acima da realidade”. Uma sensação traduzida com divertida ironia por um artista como o belga René Magritte que, em seus quadros, abole por completo a escala de tamanho das coisas e não está nem aí para as regras básicas da física.

As cabecinhas singulares do surrealismo eram um caldeirão de contradições. Na política, os sinais trocados se revelavam tão inacreditáveis quanto suas criações. Próximo de figuras como o revolucionário russo Leon Trotsky, Breton fazia questão de ligar o movimento à doutrina comunista. Al-

MUSEO NACIONAL THYSSEN-BORNEMISZA

VISÃO PECULIAR A tela *Visage du Grand Masturbateur* (1929), de Salvador Dalí: muita provocação e fetiches freudianos

guns anos após lançar seu manifesto, porém, ele se achou obrigado a lançar um segundo para, entre outras questões, reforçar o compromisso com o marxismo e recusar as acusações de que o surrealismo tomara um rumo retrógrado e conservador. Uma polêmica que atingiu seu ápice com a expulsão de Dalí do grupo, por sua simpatia pelo franquismo e fascismo. Dizendo-se um "anarcomonarquista", Dalí rebateu com uma tirada à altura de seu ego: "O surrealismo sou eu". O pintor catalão, por sinal, personificava as incoerências dessa turma. Certa vez, Dalí mostrou uma de suas telas a Freud em busca de aprovação. Mas o teórico austríaco rechaçou

OUSADIAS FEMININAS O universo fantástico da britânica Leonora Carrington na tela *Green Tea* (1), a escultura que lembra um coronavírus, de Joyce Mansour (2), e as visões insólitas criadas pela americana Dorothea Tanning (3) e pela belga Suzanne van Damme (4): o surrealismo tinha seu lado machista, mas nenhum movimento da arte moderna abriu tanto espaço para as mulheres

que aquela criação onírica fosse um retrato do inconsciente, como Dalí brandia. Para horror do surrealista, Freud só viu nela a tentativa racional de emular a vida interior.

É paradoxal, por fim, a maneira como o surrealismo se relacionou com as mulheres. Seus artistas masculinos exploraram com avidez o clichê machista da mulher-objeto — e dá-lhe quadros com torsos femininos nus e moças lânguidas desprovidas de cabeça. A despeito disso, nenhuma vanguarda modernista abriu tanto espaço para as mulheres. O próprio Dalí era conduzido na coleira curta por sua esposa, Gala, que foi modelo e influência crucial em suas obras, além de gerir suas finanças. Mais que isso, as hostes surrealistas abrigaram um rol de artistas talentosas. A mais famosa delas foi a britânica Leonora Carrington, criadora de telas hoje valorizadas que mesclam influências medievais e do universo do autor inglês Lewis Carroll e sua *Alice no País das Maravilhas*. Na mostra do Pompidou, é possível apreciar também trabalhos da francesa Dora Maar, injustamente mais conhecida por sofrer abusos nas mãos do espanhol Pablo Picasso, ou as estranhas pinturas da americana Dorothea Tanning e da belga Suzanne van Damme. Uma curiosa escultura em metal feita pela francesa de origem egípcia Joyce Mansour, de 1969, lembra vagamente a forma de um coronavírus. Como se vê, não havia limites para a imaginação. Se o maravilhoso mundo desbravado por Breton nos ensina algo, é que a humanidade precisa continuar sonhando, apesar de tudo. ■

SUCESSO ASSOMBROSO

Tim Burton volta às raízes com *Os Fantasmas Ainda se Divertem*, sequência do clássico dos anos 1980 no qual médiuns e almas penadas cativaram adultos e crianças **RAQUEL CARNEIRO**

COACH DO ALÉM
Michael Keaton no figurino de Beetlejuice: vilão pop do cinema

PARISA TAGHIZADEH/WARNER BROS.

O PESO da idade é patente em Lydia (Winona Ryder). Se na adolescência ela era rebelde, curiosa e ousada, na vida adulta está acuada e dócil. As razões para a mudança vão além das imposições da maturidade. A intrigante personagem de *Os Fantasmas se Divertem* (1988) está agora, mais de trinta anos depois, cansada do dom mediúnico que lhe permite ver mortos o tempo todo — e fez dela estrela de um bizarro programa de TV. Ficou noiva de um sujeito desagradabilíssimo e, como dita o carma, tem uma filha tão insubmissa quanto ela fora um dia. Quem lhe dá um chacoalhão é sua madrasta, Delia (Catherine O'Hara): ela pede que Lydia procure dentro de si a jovenzinha insolente e imaginativa de outrora — e lhe dê espaço para voltar à tona. Mesma dica vale para quem assiste a ***Os Fantasmas Ainda se Divertem*** *(Beetlejuice Beetlejuice,* Estados Unidos, 2024), aguardada sequência do filme que deu fama a Winona e ao diretor Tim Burton, e já em cartaz nos cinemas.

A dupla retorna ao cenário de contornos góticos e cores vibrantes juntamente com Michael Keaton na pele e no terno listrado de Beetlejuice — o personagem do título, um demônio fanfarrão à la coach do Além, que curte dar uma mãozinha àqueles que acabam de passar para o lado de lá. No primeiro filme, ele é convocado por um casal de fantasmas para assombrar os novos moradores de sua residência — entre eles Lydia, aos 15 anos. Seres deformados, maquiagens exageradas e a tentativa de Beetlejuice de se casar à força com a adolescente fizeram com que o filme, na época,

ARCHIVES DU 7EME ART/PHOTO12/AFP

CLÁSSICO Keaton e Winona no filme de 1988: papel deu fama mundial à atriz

fosse chamado de "grotesco" pela crítica do *New York Times*. Mas o sucesso de bilheteria e a longevidade do longa lhe conferiram o selo de cult — e a Burton a credencial de cineasta esquisitão favorito de Hollywood.

O diretor americano passou os anos 1970 tentando emplacar sua visão de mundo, que mistura o sombrio e o melancólico a um inesperado humor pueril. Com *Os Fantasmas se Divertem,* as portas não só se abriram como ganharam tapete vermelho para receber Burton de forma calorosa. Vieram em seguida títulos notáveis, como *Batman* (1989), *Edward Mãos de Tesoura* (1990) e a animação *O Estranho Mundo de Jack* (1993). Sua estética virou grife, apelidada de "burtonesque". O diretor e sua obra são frutos do clima artístico em ebulição daquele período, quando o cinema de terror e de ficção científica dominava as telas e a música pop esbanjava ousadia e letras debochadas. É difícil

PARISA TAGHIZADEH/WARNER BROS.

MUDANÇA Jenna e a estrela original, agora sua mãe: passagem de bastão

imaginar como *Os Fantasmas se Divertem* se sairia em tempos atuais, entre a correção política de um lado e o conservadorismo religioso do outro: seu protagonista mulherengo nasceu pronto para cair na cultura do cancelamento — e a ironia de um mundo sobrenatural com demônios e possessões, mas embalado para crianças, daria vertigem nos que apoiam a censura de livros em escolas.

A sequência, porém, deve passar ilesa por esse teste de fogo. Beetlejuice ainda é repugnante, mas um tanto mais comedido que a versão anterior. Dessa vez, ele precisa lidar com o passado quando sua ex-esposa vingativa — a italiana Monica Bellucci, namorada de Burton na vida real — sai da caixa onde esteve presa por 600 anos. No plano terreno, Lydia e a filha, Astrid (Jenna Ortega), enfrentam suas diferenças: a jovem é alvo de chacotas na escola por sua família disfuncional — e, para piorar, a garota tem cer-

PARISA TAGHIZADEH/WARNER BROS.

NOVA MUSA Burton e Monica Bellucci: casal fora da ficção

teza de que a mãe médium é charlatã. A reunião da família no casarão onde tudo começou se dá quando o pai de Lydia, Charles (Jeffrey Jones), morre em um acidente — numa sequência hilária feita em animação stop motion. Sua esposa, Delia, que era uma escultora de mau gosto, virou uma artista visual contemporânea. Ela transforma a casa assombrada do clã em uma instalação sobre o luto — tema que perpassa outros personagens. Se o primeiro filme eternizou a cena de possessão na qual Delia entoa a canção *Banana Boat (Day-O)*, de Harry Belafonte, na mesa de jantar, agora Burton perde a mão num musical romântico e longo perto do fim. O detalhe mancha o longa, mas não o anula. Para além do apelo da nostalgia, o filme mantém sua essência ao defender que, às vezes, as entidades malignas no sótão é que deveriam ter medo de garotas corajosas. Entre mortos e vivos, salvam-se quase todos. ■

DA FOLIA AO ROMANTISMO

JORGE BISPO

Cantor e compositor capaz de arrastar multidões com seu bloco carnavalesco, o capixaba Silva acertou ao se reinventar com um promissor disco intimista, que vai de baladas ao fado

PÉ NO FREIO
Silva: namoro com viúvo de Paulo Gustavo foi “tiroteio midiático”

EM JANEIRO deste ano, o cantor capixaba Lúcio Silva – conhecido simplesmente por Silva — arrastou sozinho cerca de 15 000 pessoas num bloco de Carnaval no Memorial da América Latina, em São Paulo. Apesar do inegável sucesso de público, ele não estava satisfeito. Surgido no meio indie rock e com mais de dez anos de estrada, o músico de 36 anos circulava com desenvoltura entre nomes de peso do pop e da MPB, como Marisa Monte, Gal Costa e João Donato, mas nem de longe poderia ser considerado um artista mainstream — nem era o que ele buscava. No pós-pandemia, porém, Silva viu sua fama transcender as rodinhas de violão, especialmente após iniciar um badalado namoro com Thales Bretas, viúvo do humorista Paulo Gustavo. De repente, ele passou a ser conhecido nacionalmente — mas não por suas composições. "Acharam que o namoro era tudo marketing. Mas para mim foi assustador. Entrei no meio de um tiroteio midiático", diz ele.

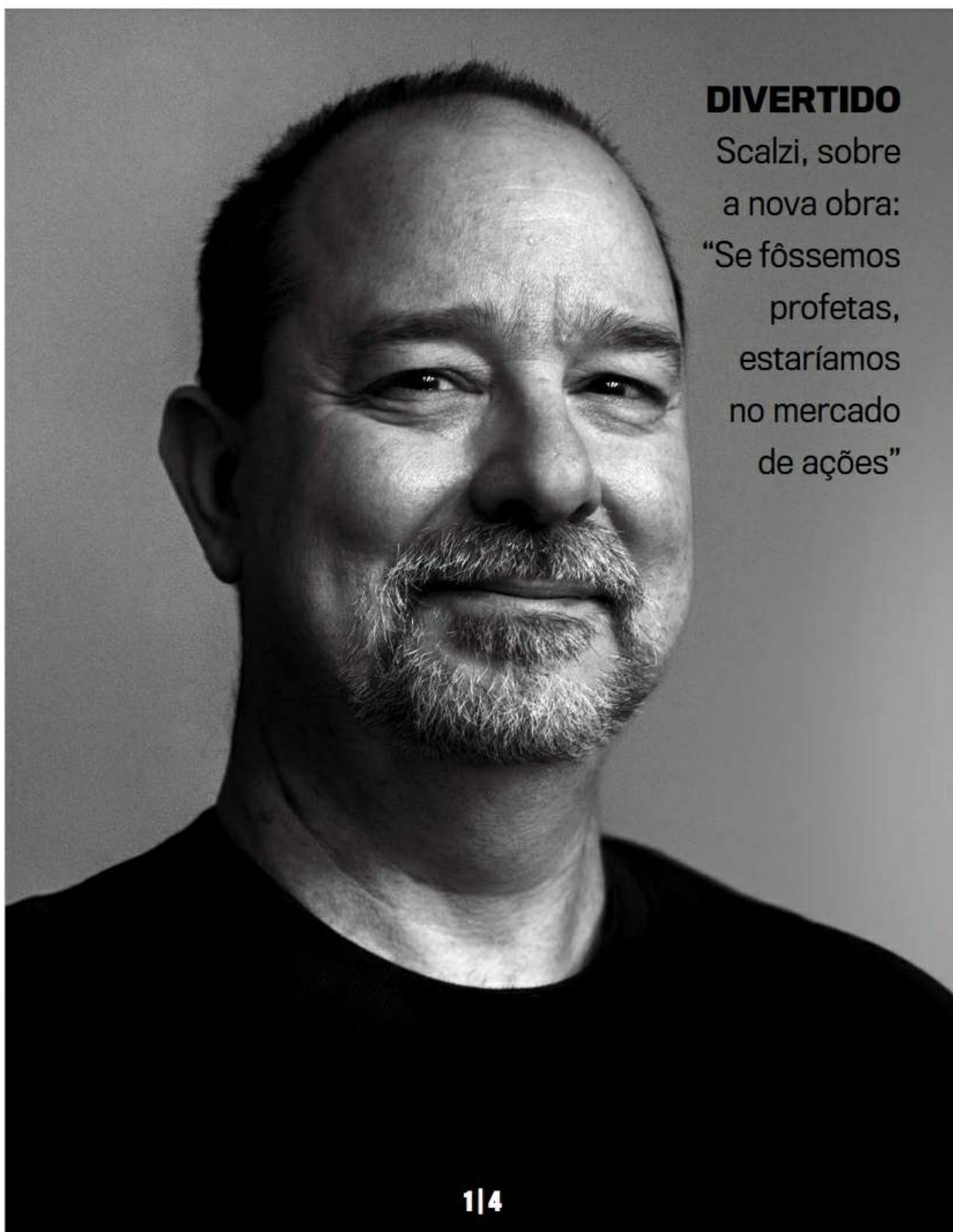
Na esteira do bloco carnavalesco, Silva caminhava pela mesma trilha de Jão: assim como o fenômeno "descolado", era mais um jovem cantor prestes a se tornar ídolo nacional. Foi aí que entrou em crise existencial: cancelou o bloco, terminou o namoro e se trancou no estúdio, em Vitória, no Espírito Santo, cidade onde nasceu e vive até hoje. De lá saiu com o romântico e promissor álbum *Encantado*, o sexto da carreira, com composições que vão do samba ao ja-

zz, passando pelo pop e até o fado, com participações de craques como o maestro Arthur Verocai, o compositor Marcos Valle, a sambista Leci Brandão e a cantora portuguesa Carminho. Silva também puxou o freio na quantidade de shows da nova turnê. Ao todo, serão apenas doze até o fim do ano, somente em capitais — o próximo acontece em São Paulo, em 27 de setembro, no Espaço Unimed. “Detesto competir musicalmente. Já tentaram me rivalizar com um monte de gente, mas não caio nessa”, afirma.

Nascido na periferia de Vitória, aos 7 anos ele já tocava violino em casamentos. Criado em uma família extremamente evangélica, largou a religião ao não se sentir acolhido por ser gay. Na escola, sofria bullying e era chamado de modo preconceituoso. “Eu era aquela criança fofinha, muito simpática”, diz. Dono de ouvido afiado, ele se tornou nos anos seguintes o que costuma chamar de “nerd da música”, e se formou em piano clássico, com especialidade na obra de Robert Schumann (1810-1856). Mas seu interesse maior sempre foi o pop. Em *Encantado,* Silva toca piano, sintetizador, guitarra, violão, baixo e violino, além de assumir a produção musical. Foi preciso coragem para mudar a trajetória da fama fácil para algo condizente com o que acreditava ser o melhor para si. “Quero envelhecer fazendo música”, afirma. Na contramão da fama, Silva agora corre para longe dos holofotes — e se diz feliz assim. ■

Felipe Branco Cruz

ALÉM DA IMAGINAÇÃO

O americano John Scalzi, atração da Bienal do Livro de São Paulo, reforça uma nova leva de autores de ficção científica que tratam de dilemas da tecnologia de forma pop

DIVERTIDO Scalzi, sobre a nova obra: "Se fôssemos profetas, estaríamos no mercado de ações"

DIVULGAÇÃO

ATÉ ALGUNS anos atrás, era tarefa quase insalubre para os pobres mortais ler um livro de ficção científica "hard" — aquela que permeia suas tramas com rigor teórico. Trabalhos de autores clássicos dessa seara, como Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, são instrutivos e mantêm sua relevância — mas não são fáceis. Aos 55 anos, o americano John Scalzi, que estará no Brasil no próximo dia 15 para participar da Bienal do Livro de São Paulo, encabeça uma nova leva de escritores que estão mudando esse conceito: ele consegue criar livros de notável apelo popular e divertidos, mas sempre lastreados em ciência de verdade — e ancorada em temas que estão na ordem do dia hoje, como inteligência artificial, biotecnologia e cibernética. É o caso de seu novo trabalho, ***A Sociedade de Preservação dos Kaiju.*** Ambientada durante a pandemia, a obra usa de forma esperta o complexo conceito de multiverso para falar da aventura de um grupo de cientistas (sendo um deles identificado pelo pronome neutro "elu") que descobrem como abrir o portal para um mundo paralelo povoado por Godzillas.

Scalzi começou a ficar conhecido com os livros da saga *A Guerra do Velho.* Lançado em 2005, o primeiro volume da saga conta a história de idosos que se alistam numa frota espacial e têm suas mentes transpostas para corpos mais jovens e biologicamente adaptados para lutar batalhas intergalácticas. O livro, sucesso de vendas nos Estados Unidos, garantiu a Scalzi um contrato de 3,4 milhões de dólares e seus direitos foram comprados pela Netflix. Viagens

espaciais, implantes cerebrais e a discussão sobre o que nos faz humanos embalam uma trama bem atual. "Já passou tempo suficiente para a ficção científica não repetir os temas do passado", disse Scalzi a VEJA.

A SOCIEDADE DE PRESERVAÇÃO DOS KAIJU, de John Scalzi (tradução de Samir Machado de Machado; Aleph; 302 págs.; 64,90 reais e 44,90 reais em e-book)

O autor americano engrossa uma brigada de novos nomes da ficção científica. Em todos os casos, o rito de passagem vai além do mercado editorial: é o momento mágico em que suas histórias ganham a chance de ir para a tela. Outros dois americanos estão nessa onda. Martha Wells fez *Alerta Vermelho*, que teve os direitos comprados pela Apple TV+ e fala sobre um robô assassino. A mesma Apple adaptou o intrigante *Matéria Escura*, baseado no livro de Blake Crouch, que se notabilizou por thrillers em que a tecnologia desempenha papel central. A sci-fi asiática ganha força nesse nicho. A adaptação da Netflix para *O Problema dos Três Corpos*, do chinês Liu Cixin, bateu recordes de audiência misturando a revolução cultural de Mao Tsé-tung com aliens. Já o romance *Contrapeso,* de

Djuna, expoente da literatura coreana, passa pelo turismo espacial e pela cultura corporativa de seu país. Além dos temas afins, esses autores veem com leveza a tarefa de entreter com ciência. “Não somos profetas. Se soubéssemos o que aconteceria no futuro, estaríamos no mercado de ações”, brinca Scalzi. Ao menos no mundo da fantasia, ele está em viés de alta. ■

Felipe Branco Cruz

HILARY BRONWYN GAYLE/NETFLIX

PODEROSOS Liev Schreiber e Nicole na série da Netflix: um casal de ricaços caricatos e intocáveis

TELEVISÃO

O CASAL PERFEITO **(disponível na Netflix)**

A família Winbury personifica a expressão *old money:* podres de ricos desde sempre, eles estão acostumados a desfrutar de heranças infindáveis — e da influência que o dinheiro traz consigo. Quando um corpo aparece à beira do mar na propriedade do clã, horas antes do casamento de um dos rebentos, a matriarca Greer, vivida por Nicole Kidman, tenta manter o controle e as aparências de uma família que não se deixa abalar — atitude que torna ainda mais sinistra a investigação policial, que quer saber se o caso foi um acidente, um suicídio ou um assassinato. Baseado no livro de mesmo nome de Elin Hilderbrand, a minissérie flerta, com uma dose extra de ironia, com sucessos como *Big Little Lies* e *The White Lotus,* tramas que desafiam limites de até onde o dinheiro pode ir sem ser responsabilizado pelas vítimas que deixa no caminho.

A AMIGA GENIAL – QUARTA TEMPORADA

(episódios às segundas-feiras no Max)

WARNER BROS/DIVULGAÇÃO

SAGA ITALIANA *A Amiga Genial:* despedida de adaptação de Elena Ferrante

Em sua última temporada, a série baseada na tetralogia escrita pela misteriosa autora italiana Elena Ferrante vai aos anos 1980 e volta seu olhar à fase adulta da dupla de amigas Lenú e Lila — agora interpretadas com esmero por Alba Rohrwacher e Irene Maiorino. Uma, intelectual, a outra, mulher de negócios, as duas ainda são forçadas a encarar a violência dos homens, as rápidas mudanças da Itália e os dilemas impostos pela maternidade — que se agravam quando ambas engravidam ao mesmo tempo. Mais dramática e grandiosa, a série preserva em seu final o realismo mordaz que é sua assinatura e amarra a saga com excelência digna do material original.

DISCO

BLAME IT ON EVE,

de Shemekia Copeland (nas plataformas de streaming)

Em seu nono álbum, a nova-iorquina Shemekia Copeland, de 45 anos, faz jus à herança musical no blues. Seu pai, Johnny Copeland (1937-1997), foi um dos maiores guitarristas do gênero. De voz potente, ela interpreta doze canções com grandes riffs, bateria ligeira e letras contundentes que falam de temas como a hipocrisia religiosa. Na faixa-título, faz referência ao pecado original: "Desde então, tudo é culpa da Eva". Em *Is There Anybody Up There?*, seus vocais rasgados lamentam: "Se eles crucificaram o pobre Jesus / Pense no que farão comigo". ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 154#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 91#] GALERA RECORD

3 **NADA MAIS SERÁ COMO ANTES**
Miguel Nicolelis [0 | 1] PLANETA MINOTAURO

4 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [0 | 11#] BUZZ

5 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 124#] GALERA RECORD

6 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [8 | 112#] BERTRAND BRASIL

7 **ESTE É UM CORPO QUE CAI MAS CONTINUA DANÇANDO** Igor Pires [0 | 1] ALT

8 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [0 | 100#] RECORD

9 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [0 | 19#] ARQUEIRO

10 **CHAMA DE FERRO**
Rebecca Yarros [3 | 2] PLANETA MINOTAURO

NÃO FICÇÃO

1. **A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS**
Bruno Bettelheim [0 | 1] PAZ & TERRA

2. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 325#] VÁRIAS EDITORAS

3. **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 62#] VÁRIAS EDITORAS

4. **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [5 | 54#] VESTÍGIO

5. **O SEMINÁRIO, LIVRO 14**
Jacques Lacan [0 | 1] ZAHAR

6. **FOCO ROUBADO**
Johann Hari [0 | 1] VESTÍGIO

7. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0 | 69#] VOZES

8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [6 | 137#] COMPANHIA DAS LETRAS

9. **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [0 | 26#] COMPANHIA DAS LETRAS

10. **A PRATELEIRA DO AMOR**
Valeska Zanello [0 | 7#] APPRIS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **PRINCÍPIOS MILENARES**
Tiago Brunet [1 | 3] ACADEMIA

2 **VENDER, LUCRAR, ESCALAR**
Raphael Mattos [0 | 1] GENTE

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [2 | 34#] ROCCO

4 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 100#] GENTE

5 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [4 | 50#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [6 | 132#] SEXTANTE

7 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [3 | 36#] VÉLOS

8 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 64#] ALTA BOOKS

9 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [8 | 183#] HARPERCOLLINS BRASIL

10 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [9 | 466#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **APRENDIZ DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [0 | 1] ALT

2 **BOX TRILOGIA SCYTHE**
Neal Shusterman [0 | 1] SEGUINTE

3 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 434#] VÁRIAS EDITORAS

4 **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**
Lewis Carroll [0 | 1] DARKSIDE

5 **O AMOR NÃO É ÓBVIO**
Elayne Baeta [0 | 1] GALERA RECORD

6 **PELAS ENTRANHAS**
Triz Parizotto [0 | 1] MAQUINARIA EDITORIAL

7 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 439#] ROCCO

8 **CORALINE**
Neil Gaiman [4 | 82#] INTRÍNSECA

9 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [9 | 40#] VR

10 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [7 | 22#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro

JOSÉ CASADO

SEM COMANDO

HÁ 460 000 brasileiros caçando votos em todas as cidades. Nove em cada dez disputam uma vaga de vereador. Como a legislação eleitoral é permissiva, proliferam excentricidades numa campanha em que se queimam 6 bilhões de reais do dinheiro dos impostos, quantia maior do que as prefeituras gastam por ano na construção de moradias e serviços de urbanização nos 5 570 municípios, informa o Tesouro Nacional.

Em consequência, ocorre a difusão de pseudônimos esdrúxulos, legalmente admitidos como nomes de urna, na televisão, no rádio, nas redes e nas ruas. Na cidade de São Paulo, entre outros, apareceu o candidato 100 Mizéria, possível vítima de acidente ortográfico. Em Suzano, no interior paulista, registrou-se um enigmático Cató Sete Cruzes.

São centenas de milhares em todo o país. Tem Cuiu Noconoco, em São João Batista do Glória (MG); Bidô de Zé Sapo, em Salgado (SE); Capote da Batata, em São Vicente do Seridó (PB); Doidão de João Turrão, em Macambira (SE); Cobra Choca, em Uruçuí (PI); Irmão Capenga, em Simões Filho (BA); Biu Aleijado, em João Alfredo (PE); Manoel Cotoco, em Ipaba (MG); e Ricardo Boca Aberta, em Cornélio Procópio (PR).

Na listagem dos tribunais eleitorais figuram, também, Pouca Roupa, em São Sebastião do Alto (RJ); Pelado, em Itapiranga (AM); Dayse Picão, em Conceição do Mato Dentro (MG); Valmir Pica, em Argirita (MG); e Marlene de Zé Durinho, em Propriá (SE). Ainda tem Jesus, em Maximiliano de Almeida (RS), Abençoado, em Itaperuna (RJ); e Neguim do Exú, em Augustinópolis (TO).

Eles emolduram a política numa comédia, ou tragicomédia, cujo roteiro é escrito pelo Congresso a cada temporada eleitoral. Zé do Pó, de Barras (PI); Bagulino, de Matupá (MT); Simone Tranqueira, de Santo Antônio da Barra (GO); e Cara de Lata, de Redenção (PA), pertencem a essa multidão de aspirantes à distinção comunitária, realçada no cardápio de mordomias à disposição do prefeito, do vice e do vereador.

Assim como Lambança do Cassiporé, do Oiapoque (AP); Pretinho Caninana, de Santa Luzia (PA); ou Fumaça da Brasília Amarela, de Orlândia (SP), todos se ajustaram de maneira peculiar às regras aprovadas nos plenários da Câmara e do Senado, onde reverberam bizarras saudações a "Sua Excelência Tiririca", "Sua Excelência Astronauta", "Sua Excelência Nelson Barbudo" e "Sua Excelência Zé Trovão".

O mapa das disputas municipais, desenhado a partir dos dados da Justiça Eleitoral, mostra um país enclausurado na política do baixo clero, da qual o ciclo Jair Bolsonaro até agora foi sua melhor tradução. Mas revela, também, mudanças relevantes. Elas estão ocorrendo por gravidade, por escassez de lideranças para acelerar o ritmo das transformações.

“Número de partidos e de candidatos já é menor, mas faltam líderes para mudança”

Esta eleição municipal tem 100 000 candidatos a menos do que na última. Significa queda de 20% em relação à campanha de 2020. Nas cidades com mais de 500 000 habitantes o declínio foi de 38%. Em São Paulo, por exemplo, há dez disputando a prefeitura, eram catorze quatro anos atrás. Outros 1 008 lutam pelas 55 cadeiras de vereador, e isso é metade do contingente da batalha anterior.

Uma dúzia de partidos políticos desapareceu nesse período, em consequência de fusão ou incorporação a outro. Restaram 29 registrados. Desses, apenas dezoito possuem bancadas no Congresso.

A tendência é a eliminação de mais meia dúzia nos próximos seis anos. Isso porque a sobrevivência de cada partido está condicionada, por lei, à eleição de uma bancada mínima de deputados federais. Hoje esse piso é de onze parlamentares. Vai subir para treze na eleição legislativa de 2026. E para quinze em 2030. Sem essa representação básica na Câmara dos Deputados, uma organização partidária se torna inviável,

sem acesso a fundos públicos e à propaganda eleitoral (que nunca foi "gratuita", é paga com o dinheiro dos impostos).

Não deixa de ser uma volta ao passado, mas com a bússola apontada para o futuro. Será necessário resolver o impasse político do sistema de governo presidencialista, operado sob uma Constituição de viés parlamentarista e na realidade eleitoral do voto já virtualmente distrital. Esse quadro de incoerências, agravadas pela expansão do poder do Legislativo sobre fatias do orçamento público, tem empurrado parlamentares a uma atuação disfuncional em Brasília, como "vereadores federais".

Dirigentes partidários como o ex-presidente Michel Temer, do MDB, Gilberto Kassab, do PSD, e Rubens Bueno, do Cidadania, acham inevitável a mudança, para um tipo de presidencialismo mais parecido com o parlamentarismo. Só aconteceria a partir de 2030, depois do ciclo Lula. Isso por absoluta escassez de liderança na Praça dos Três Poderes, em Brasília. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA